ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Da Academia das Sciências de Lisboa

Jornal dum rebelde

«...para escapar de todo o transe não há melhor invenção que falar verdade...»

D. FRANCISCO MANUEL DE MELO.

6.º MILHAR

EMPRÉSA LITERÁRIA FLUMINENSE, L.DA

125, RUA DOS RETROSEIROS, 125

LISBOA

Jornal de um rebelde

2.ª EDIÇÃO

Edição da *Emprêsa Literária Flumi-nense, Limitada* — Lisboa

Tip. da Imprensa Portuguesa

Rua Formosa, 116. Pôrto | MCMXXIV

OBRAS DO MESMO AUTOR

(Edições desta Emprêsa)

Palavras cínicas	(1905) — 39.º milhar
Crónicas imorais	(1908) — 10.º milhar
Lisboa trágica	(1910) — 12.º milhar
Prosa vil	(1911) — 10.º milhar
Gente da rua	(1914) — 9.º milhar
Grilhetas	(1916) — 9.º milhar
Vidas sombrias	(1917) — 11.º milhar
A Avalanche	(1918) — 4.º milhar
Jornal de um rebelde	(1919) — 8.º milhar
Cosmopólia	(1922) — 3.º milhar

PARA BREVE:

Da Estrêla de Alva ao Cruzeiro do Sul

Albino Forjaz de Sampaio, *escôrço bio-bibliográfico*, por João Paulo Freire (Mário), 1 vol. ilustrado.

ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Sciências de Lisboa

Jornal de um rebelde

«... para escapar de todo o transe não há melhor invenção que falar verdade...»

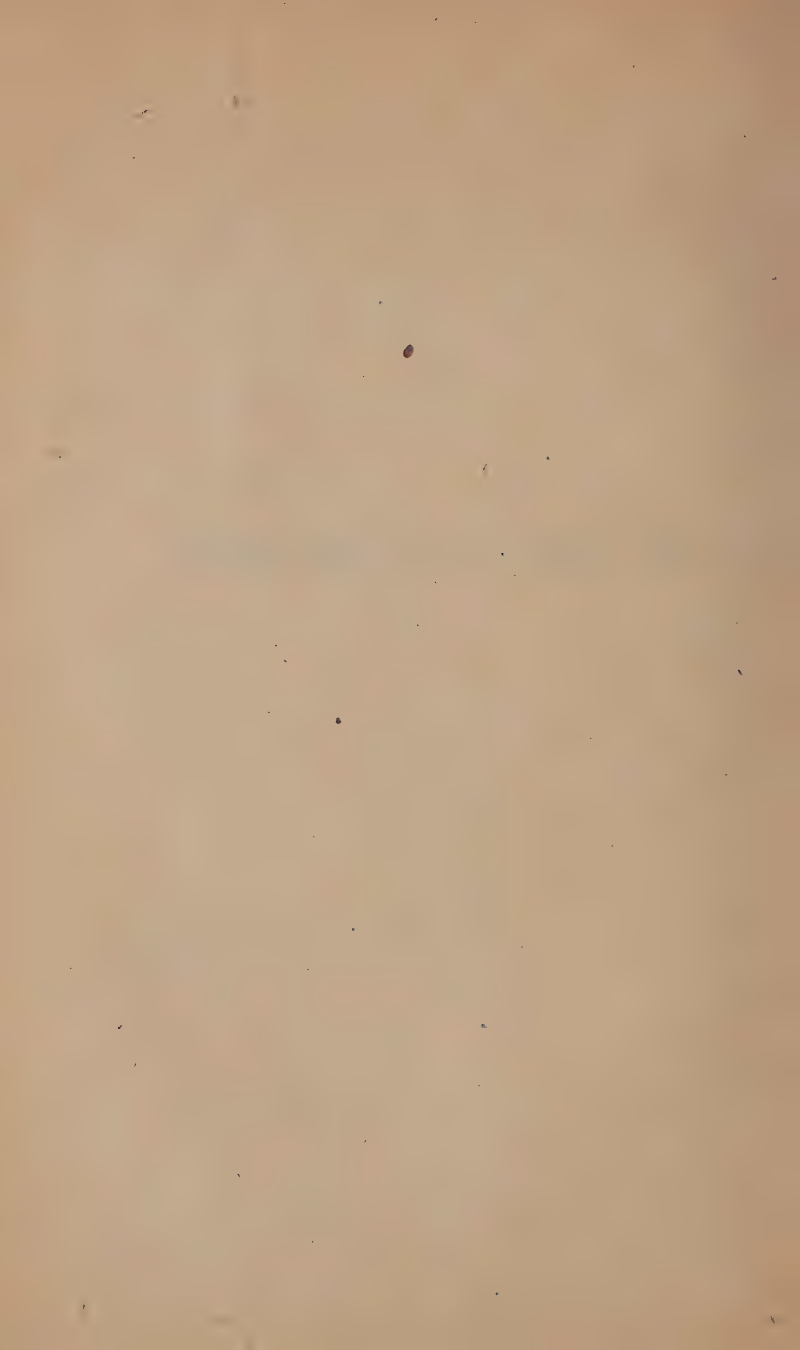
D. Francisco Manuel de Mello.

6.º MILHAR

EMPRÊSA LITERÁRIA FLUMINENSE, L.da
125, Rua dos Retroseiros, 125
LISBOA

Ao

Dr. João Sant'Anna Leite

gratidão e reconhecimento

JORNAL DE UM REBELDE *se chama êste livro. Nada diz de rebeldias, observará o leitor ao voltar a última página, se não no amaroso tom com que se recordam esquecidas coisas, se evocam velhas figuras que deviam ser lembradas, e se registam factos que nunca deviam ser esquecidos. Assim, êste livro é quási um diário íntimo em que evocando, se procura fazer justiça. Fazer justiça é não só restituir como protestar. Protestar contra a indiferença tornada montanha, a estupidez tornada couraça, a má vontade tornada lameiro. Os mais variados assuntos mesclam-se nas suas páginas. Grandes homens, mulheres supremas — coisas que já não há — vida que passou, vida que rolando vai, tudo nêle se atropela.*

Queria talvez o leitor um livro sanhudo, de grandes invectivas, larga espadachinagem de frases, contundente adjectivação. Mas êsses livros vivem e morrem em menos tempo do que num solitário apodrece e morre um hierático lírio roxo. Não. Êste livro é mau? Paciência. Como o D. Francisco da CARTA DE GUIA *eu direi ao tal que o julgue assim: «Deixai-me fazer muitos, até que faça um que vos contente».*

E entretanto que os deuses se vão amerceando de nós. De mim, de ti, de todos êles...

A crítica

Tibério, filósofo e moralista

QUE, a Crítica, saibam os senhores, começou por não existir, como dizia o outro, é velho e relho e não tem para o caso maior importância. Mas que houve quem, com prestígio a exercesse, quem a codificasse, quem dela fizesse a sua profissão, isso é que o sabe tôda a gente que tivesse folheado o Sainte-Beuve, lido o Taine, admirado o Guyot, estudado o Hennequin, olhado o Bourget e adormecido sôbre o sr. Brenutière. Isto para não falar nos Diderots, nos La Harpe, nos Lessing, nos Addison, e até aos Aristarcos e Aristóteles. Em Portugal a crítica é coisa desconhecida, que não são nada artigos de crítica os artigos que aí se publicam todos os dias sôbre as obras relaxadamente fúteis do sr. Z ou sôbre os conscienciosos estudos históricos do sr. Y. Fialho dizia que críticos eram os amigos e os inimigos, e disse certo. E tão certo, que até eu, velho profissional das

letras, tenho sôbre a crítica o princípio, que é e será imutável: dizer bem dos amigos, mal dos inimigos e às vezes, fazer justiça aos indiferentes. Tôda a crítica portuguesa assim pensa embora lhe falte a coragem de o confessar. Dos inimigos diz-se mal sem consideração alguma pelo seu trabalho; insinua-se que êles plagiaram; dá-se-lhes uma directa ao físico, se teem mazela; e de alto a baixo se não cria bicho é que os cavalheiros não são de qualidade. Dos amigos diz-se exageradamente bem, adjectiva-se, adjectiva-se sempre, e como do elogio, tal qual da calúnia, alguma coisa fica, se êles não forem ilustres, distintos, tudo o que lhes chamamos, provado é que não foi nossa a culpa. Dos indiferentes diz-se nada. Pois se nos são indiferentes! O tempo lhes fará justiça.

O leitor vai ter a exemplificação do que é a crítica em Portugal nos dois artigos que seguem. Tomará o que lhe convenha pois foram escritos com igual convicção. Êles teem ainda outra vantagem. Anunciar que saíu um novo livro e dizer coisas que gostam de se ouvir aos amigos, inutilizando aos inimigos algumas das boas que sempre fazem mau cabelo. A crítica... *Tibério, filósofo e moralista*... Aristóteles... o Taine... Pois é assim mesmo...

O que eu diria de mim se fôsse meu inimigo

O sr. Albino Forjaz de Sampaio acaba de publicar um novo livro. Achamos bem. E lógico é que seja mau para não perturbar a série infeliz de livros dêste escritor de terceira ordem, cronista de acaso, que bambúrrios da sorte vária deram editôres, público e até entrada na Academia. Oh! manes do Duque de Lafões!

Chama-se o livro *Tibério, filósofo e moralista* e é como os outros uma descosida colecção de artigos com pretensão a ironia. Não tem mor brilho de forma e é, como os outros ainda, escrito naquela prosa cansativa e sorna, papejante, arripiante, monocórdica, de que felizmente para nós em Portugal só o sr. Forjaz tem o segrêdo.

O sr. Forjaz começou pelas *Palavras Cínicas.* Já aqui procurava títulos espalhafatosos, títulos industriais, que êle é mais um industrial do que um artista. Para industrial sobra-lhe audácia: para artista falta-lhe talento. Ora as *Palavras Cínicas* são quási um plagiato do título às ideas. O sr. Alberto de Oliveira escrevera as *Palavras Loucas.* O sr. Forjaz escreve as *Palavras Cínicas.* E se isto é quanto ao título, quanto às ideas elas

são de tôda a gente, velhas como o amigo Banana, e sem pudor postas em livro, que não teve pejo de assinar. Porque todos os filósofos pessimistas tinham dito aquilo, a começar pelo bíblico e soturno Eclesiastes, e a terminar nos clássicos Schopenhauer e Hartmann. Todos o sr. Forjaz soube adaptar, explorar, vender, pondo-lhe o rótulo do seu nome. Mau grado, porém, o livro ficou sempre aquela coisa horrível que é, dissolvente, trôpego, idiota, devendo ser banido por pernicioso se não fôsse antes desprezado por absolutamente carecido de valor literário.

As *Crónicas Imorais* e a *Prosa Vil* são um atabalhoado rol de artigos maus, que nada valem. E se buscarmos a *Lisboa Trágica*, veremos que ela não é mais do que um caderno de impressões que Fialho por esquecimento deixou nalguma livraria, impressões que o sr. Forjaz desenvolveu à sua guisa, estragando, é claro, como costuma. Porque aquilo não é nada a Lisboa trágica, a Lisboa que tem dentro de si cem mil Lisboas e sofre, trabalha, sua, blasfema e luta.

As *Vidas Sombrias* são um livro empanturrante de tristezas baratas, livro piegas e feito no propósito evidente de armar à bôlsa da matula romântica e sentimental. É como se vê larga a lista de crimes

que o sr. Forjaz praticou e aqui temos *Os Grilhetas*. O que são *Os Grilhetas?* São a obra de um atrevido jornaleiro que só sabe dizer inconveniências aos mortos, com repugnância geral dos vivos. Escritores que tombaram sentem o seu ferrão de moscardo literário, adejando sôbre tôdas as putrefacções. E não se julgue que aquelas indesculpáveis enormidades foram escritas, animadas numa idea grande de justiça. Não. Foi apenas o desejo de chamar a atenção, a ânsia mórbida de *épater le bourgeois*, que, de resto, é o que articula todo o lote de seus livros.

A *Gente da Rua* é uma inverosímil e suja novela, fragmentada, inexpressiva, de todo bronca. Como se vê, recapitulada a obra do sr. Forjaz, ela não nos dá uma só página brilhante, não se anima de uma só imagem perfeita, não nos transfunde a mínima comoção. O sr. Forjaz é apenas um rebuscador paciente de coisas, um habilidoso, um *cabotino*. E se a obra é bem o homem, a obra do sr. Forjaz, sifosa, raquítica, amarelida, olheirenta, só lhe falta falar para ser o seu retrato perfeito. Escritor ligeiro, êle não tem nem o espírito subtil, imaginoso, róseo e leve de um comentarista elegante, nem a nota exacta e justa de um pensador que volteie o assunto. E não nos dando comoção porque é fútil, não nos

dando evocação porque não tem talento para tal, o sr. Forjaz fica, e lisonjeiramente ainda, um enche-livros que nada tem que o recomende. Dizem que os seus livros se vendem. É uma vaidade de literato falido. Mas, que importa? Acaso isso não vem ainda justificar a sua bossa industrial e não sabe tôda a gente que o *João de Calais*, o *Carlos Magno* e a *Princesa Magalona*, pestes literárias, são no fim de contas o que se vende mais?

O que eu diria de mim se fôsse meu amigo

O ilustre escritor Albino Forjaz de Sampaio acaba de publicar um novo livro: *Tibério, filósofo e moralista.* É um livro brilhante, ousado, defesa de atrevidos paradoxos, feito com infinito talento e infinita audácia. Folheando-o, a gente tem uma impressão de novidade e de bom humor que delicia e encanta.

Forjaz de Sampaio é de há muito um escritor consagrado e as suas *Palavras Cínicas*, livro violento, odiado e amado, livro perturbante, esquisito e dominador, ainda não tem par nas nossas letras, convindo não esquecer que aquilo que o autor chama cinismo mais não é do que a triunfante revelação da verdade, a verdade recôndita no coração

humano. E não é só um psicólogo atrevido o sr. Forjaz. É também um escritor que, dispondo de um vocabulário infinito, sabe nêle plasticizar as suas impressões, dando-nos o comentário incisivo, a descrição, a ironia, a observação e até a lágrima. Porque na *Prosa Vil* e nas *Crónicas Imorais*, fala-nos de mil e um assuntos diversos, tocados sempre com a sua nota justa e particular. Que não é um cronista fútil o sr. Forjaz. Há sempre nos seus artigos um alicerce de estudo e nas suas imagens e comentários uma nota moderna, nova, preciosa. Tem talento, tem audácia, tem colorido êste moço escritor que Fialho sagrou um dos futuros grandes da prosa portuguesa.

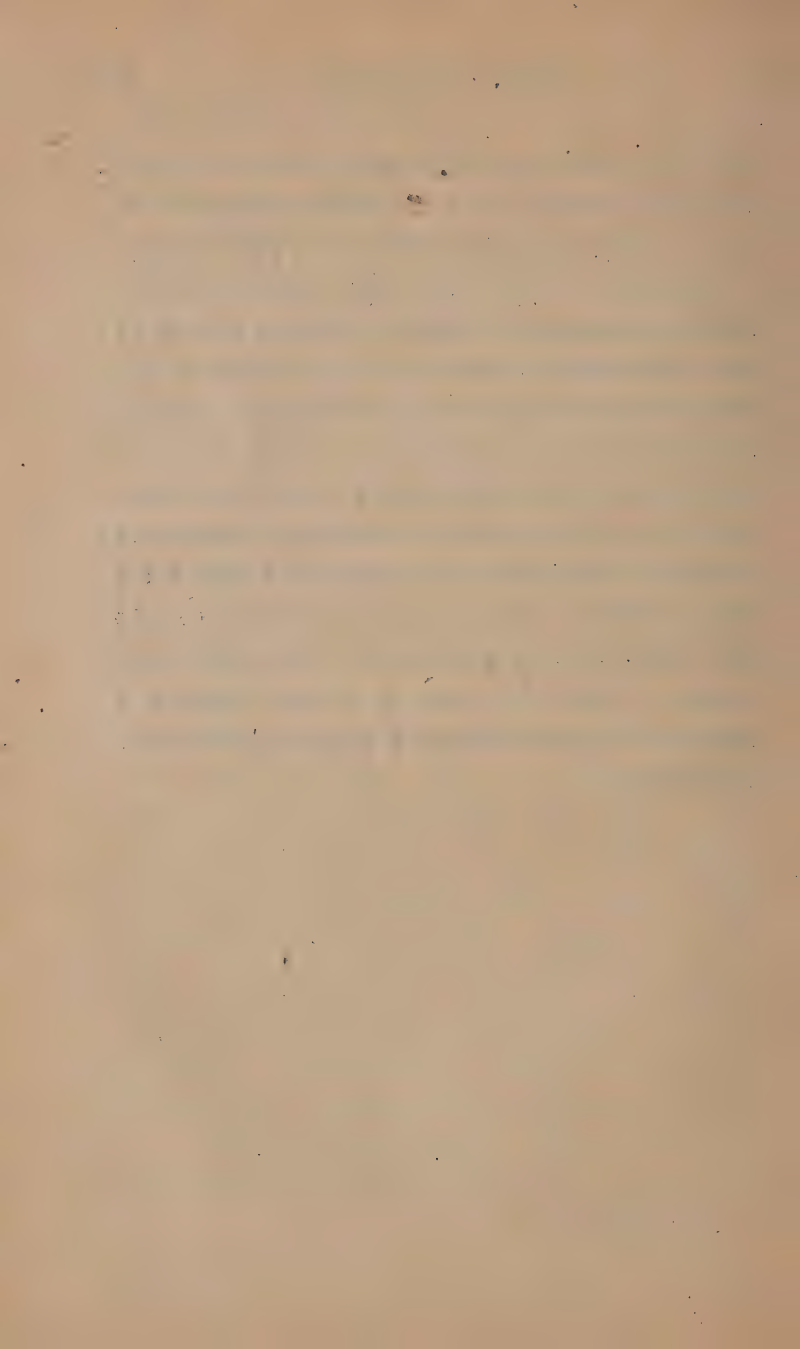
A sua *Lisboa Trágica* é um livro admirável, uma orquestração soberba de tons convulsos de miséria e da scenografia citadina. Ninguém, que eu saiba, deu tão bem, nunca, os mil aspectos imprevistos desta Lisboa de muitas e desvairadas gentes de que falou o cronista. Êle encontrou o pitoresco à luz do sol, a noite no seu esplendor, foi procurar a miséria no seu covil. E assim como esta *Lisboa Trágica* é um livro impressivo, marcante, no seu género, a *Gente da Rua* é uma novela vertiginosa de vida, de amargura, de exactidão. E há nas suas páginas, amassada, tôda a gama de sentimentos

que dominam as almas. Demais, tem um extraordinário poder de síntese o sr. Forjaz, nesta terra de novelas de seiscentas páginas e romances aos fascículos.

Mas se a *Prosa Vil* e as *Crónicas Imorais* nos dão o seu lado ligeiro e a *Lisboa Trágica* e a *Gente da Rua* a sua facêta observadora e anotadora de flagrâncias, os *Grilhetas* dão-nos a sua independência crítica, a sua audácia objectivada, o seu talento de criatura que nasceu rebelde e rebelde há-de morrer. Como se não bastasse, a gente tem ainda a sua erudição que nos dá estudos literários como o prefácio sôbre Schopenhauer ou o artigo sôbre as cortezãs.

A comoção, a piedade condensou-as êle no seu livro *Vidas Sombrias*, que é o outro polo dêste *Tibério, filósofo e moralista.* Nas *Vidas* há misérias, fomes, frios, tragédias. E há uma inegualada pujança de descritivo que de Camilo e Fialho para cá jamais foi excedida. É ver nesse livro o *Entêrro dos regicidas*, é ver o *Assalto à carne podre no Atêrro.* Digam-nos depois qual o escritor que, como êste, tão funda e duradouramente desse a nota brutal e exacta de uma sensação ou de um acontecimento.

A Academia fê-lo seu sócio. Fialho, Abel Botelho, quási todos os grandes da nossa literatura de

hoje teem dito com elogio da sua obra. Nós limitamo-nos apenas a registar descoloridamente as nossas impressões, saudando neste *Tibério, filósofo e moralista* um dos livros mais curiosos, interessantes e originais dos últimos cinqüenta anos. E se não duvidamos do valor do livro, o valor do seu autor afirma-se-nos pelo côro de elogios e louvores de envolta com a trovoada de invectivas e maldições que por vezes se ergue à sua volta. Entretanto êle produz, os livros vendem-se, disputam-se e levam o seu nome de português ás Áfricas e aos Brasis distantes. É que a sua obra fala ao coração dos sensitivos e ao cérebro dos intelectuais como outrora o *João de Calais*, o *Carlos Magno* e a *Princesa Magalona* falavam à fantasia deslumbrada dos simples.

A literatura e os médicos

Foi ao reler *El médico rural*, um romance de Felipe Trigo, médico e escritor ilustre, que eu me dei a considerar que, sendo a medicina uma sciência tão afim da literatura, raros são os literatos que se não teem entretido a zarguunchar os médicos. Verdade seja que êles também não são parcos nessas lutas quando enveredam do *récipe* jalapeiro para o das teorias ou quando deixam o corte anatómico pelo corte dos períodos.

E é que muitos dos nossos grandes literatos foram ou são médicos. Foi médico Fialho de Almeida, figura máxima das nossas letras, foi médico Manuel Penteado, artista de sensibilidade requintada, foi médico Miguel Bombarda, João de Meira e Souza Viterbo. Camilo mesmo foi estudante de medicina. Médico é Marcelino Mesquita, o nosso mais intenso dramaturgo e Ricardo Jorge, que com tanto brilho estuda *Greco* e a nossa literatura

dos mortos séculos. Médico é Brito Camacho, curiosa figura de artista insigne e homem de letras. Se uns como Sílvio Rebelo deixam os versos para se dedicarem à medicina, outros, como Leite de Vasconcelos deixam a medicina trocando-a pela arqueologia, ou como Cláudio Basto preferindo-lhe a etnografia. Mas Augusto de Vasconcelos, que hoje é diplomata e foi crítico musical, Melo Viana, Reinaldo dos Santos, F. Mira, José de Magalhães, Nunes Claro, Henrique de Vilhena, Azevedo Neves, António Aurélio da Costa Ferreira [1], Cassiano Neves, Vieira Guimarães, António Patrício, Campos Monteiro, Ladislau Patrício, Rita-Martins, Samuel Maia, António Barradas, Alberto Saavedra e Pedro Vitorino são médicos. Bazílio Teles é quási médico pois chegou ao 4.º ano do curso. Médicos são Júlio Dantas que escreveu a *Ceia dos Cardeais* e Teixeira de Queiroz que traçou a *Comédia do Campo.* Domitília de Carvalho, poetisa de talento é médica e Maria Carolina Ramos, interessante espírito de artista, quintanista de medicina. E se andarmos para traz nos tempos, encontraremos Augusto Felipe Simões, lente em

(1) Suicidou-se em Lourenço Marques. Ao saír desta nova edição são já mortos Bazílio Teles e Teixeira de Queiroz, Xavier da Cunha e Maximiano Lemos.

Coimbra e erudito notável. Souza Martins e Manuel Bento de Souza, Rodrigo Paganino, o Barão de Castelo de Paiva e Ferraz de Macedo. Silva Gaio que escreveu o *Mario* era médico, e as páginas inimitáveis das *Pupilas do snr. Reitor* são de Júlio Diniz, outro médico, o criador da figura sem par de João Semana. Médico era também aquele Brás Luís de Abreu que Camilo tão bem romanceou no *Olho de Vidro.* Seria um nunca acabar pois é claro que a fazer alarde dos Hipócrates, Galenos, Esculápios, Avicenas ou Averroes de todos os tempos um volume in-fólio, coisa como um semestre do *Diário do Govêrno*, não daria conta. Agora mesmo nos lembram dois bem notáveis; Xavier da Cunha erudito e estudioso e Maximiano Lemos que traçou as páginas da *Historia da Medicina* e as monografias sôbre *Ribeiro Sanches*, o *Zacuto* e o *Amato Luzitano.* E a um médico ainda se devem as melhores obras que sôbre numismática possuimos: Teixeira de Aragão que no seu prólogo da *Descripção de moedas do gabinete de D. Luiz* não se esqueceu de curiosamente descrever as relações da numismática com a medicina.

Pois esta velha pecha de desancar os mata-sanos em letra redonda perde-se na noite dos tempos. Dizem que Ovídio foi médico. Mimnerme, um poeta

moralista da Grécia, já escrevia que êles asseguravam gravidade a afecções ligeiras para se fazerem valer. Juvenal não os poupa: «Pudera eu mais depressa contar de Hyppia os amantes e os doentes que o médico Themison num Outomno mata...» Erasmo disse-as famosas. Depois, dois sim um não, todos os escribas famigerados os teem arvorado em mártir S. Sebastião. Molière disse o que os senhores sabem. Voltaire apoda-os de charlatães: «Médicos! Médicos! sujeitos que passam a vida a meter drogas que êles não conhecem, em estômagos que êles conhecem ainda menos!...»

Gil Vicente, entre nós, troça-os desapiedadamente pela bôca do moço clérigo do *Auto dos Físicos* ao vê-los não concordar:

> Cant'eu não posso entender
> Estes físicos, senhor.

António Vieira tem um sermão inteiro sôbre os médicos; Filinto Elísio massacra-os constantemente; de Bocage é o conhecido epigrama

> Escapava da moléstia
> Se não morresse da cura.

Em Mendes dos Remédios se pode ver a décima de D. Tomás de Noronha, poeta sàtírico do sé-

culo XVII, sôbre «um médico que em tudo o que prognosticava mentia»:

Ó praza a Deus que êste tal
Diga de mim que estou mal
Para eu cuidar que estou bem.

E é curioso ver o que em pleno século XVIII o padre Manuel Consciência diz dêles «...se fazem algumas mortes, nem como aos homicidas se tira devassa, nem como aos ministros se lhes tira residência. Vá ou não vá o enfêrmo para a cova, a êles sempre lhes vão as moedas para a bôlsa, enriquecendo com os males alheios, e sendo o seu maior mal a saüde dos outros».

D. Francisco Manuel de Mello todo é pôr na bôca do Quevedo dos seus *Apologos Dialogaes* sanhudas palavras contra os médicos. António José da Silva na «Vida do grande D. Quichote de la Mancha» e do gordo Sancho Pança mete em scena um médico e um cirurgião muito ridículos e temerosos. Depois, José Agostinho de Macedo, que decerto conhecia aquele ditado do livro sagrado dos persas: «três coisas há no mundo que nunca se obteem por meio de outras três: riqueza por desejos, mocidade por arrebiques, saüde por medicamentos», êsse José Agostinho a quem o médico Abranches arranjou

o ser prègador régio, incluíu entre as suas regras para viver muito «não passar por sítio onde tenha passado um médico, ainda que seja correndo a posta.» E foi infatigável no seu ódio. É ver os *Burros*.

Êle é o Dr. Vicente:

> Cirurgião de tática sublime,
> De pernas serrador, podão de membros;

o Almeida:

> Cabuqueiro dos rins, dos grãos carrasco;

o Bernardino António Gomes, o Manuel Luís, o Melo Franco, etc. Mais tarde vieram aqueles dias em que se conservava na cama «sempre com remédios e nunca com melhoras» e em que, segundo a sua frase, «capitulou com os médicos.» Mas, escrevia ainda: «dizem algumas pessoas, (se mentem pela alma lhes preste) que viram, ou ouviram dizer, que alguns médicos teem curado algumas enfermidades...» E Marcelino Mesquita não deixa de escrever: «A vida deve aprender-se nos outros, como a medicina». Neste capítulo continue o leitor a leitura nas *Confissões de um médico*, do Dr. Veressaief. De um profissional sem *odium medicorum*, mas influência de Tolstoi num médico inteligente e sen-

sitivo. As *Confissões de um médico* são, na medicina, o que as *Confissões* de Jean Jacques são na literatura.

Certo que tanto a literatura como a medicina teem mudado muito. Já hoje os médicos não precisam de saber astrologia como querem Galeno e o padre Mateus Ribeiro, nem prescrevem para a epilepsia ligar à roda do braço direito durante sete semanas um pedaço de vela de navio naufragado, nem para as sezões um cozimento de pêlos de barba de bode, como no tempo de Alexandre de Treles, sucessor de Hipócrates; ou curam as úlceras com cataplasmas de figos como no de Isaias. Nem os literatos se entreteem a «trouar de repente», escrevendo a canção do figueiral figueiredo, ou as maçadas teológicas de tremebunda memória do tempo do *Magnanimo*.

Hoje a medicina é uma aliada das letras e a crítica literária já não pode ser exercida por quem a livros de medicina não vá buscar seguro esteio. Pois não escreveu Littré um livro *Médecine et Médecins* (Paris, 1872) e não foi por acaso o professor Fournier quem deu a Brieux a tese de *Les avariés*, que tanta celeuma levantou?

Já a medicina não ouve a frase verrineira e injusta, antes ao contrário tem com os literas infelizes que lhe caem na mão, cuidados e finezas. Assim, curiosos são e dignos de contar-se os dois episódios que Ramalho Ortigão escreveu nas *Farpas*.

Um foi o do Dr. Nelaton, que em Paris fêz a António Rodrigues Sampaio uma difícil operação da bexiga. Sampaio era pobre e o médico ilustre disse-lhe, ao terminar, que a paga era uma dúzia de garrafas de vinho do Pôrto, quando êle regressasse a Lisboa. O outro foi que indo Ramalho a Paris, consultar o Dr. Calvo, ao perguntar-lhe o preço da consulta êste lhe declarou que era de 15 a 30 francos segundo as suas posses. Ramalho puxa dos 15 francos e dispõe-se a explicar porque pagava o mínimo com o seguinte exórdio: — Sendo jornalista no meu país..., ao que o médico ilustre interrompeu:

— Oh! nesse caso são 3 francos...

Comenta o autor das *Farpas* que, se Calvo soubesse que êsse país era Portugal, com certeza lhe teria metido nas mãos uma peça de 100 *sous*.

Já vai longe o tempo dos milagres, e já não há Cristos que ressuscitem Lázaros, nem relíquias que curem a lepra. Nem já S. Tude cura a tosse, Santa Luzia os olhos, Santo Aldrede a tísica, S. Sérvulo a paralisia, S. Bento o usagre e Santo Aleixo livra dos percevejos (1). Bons tempos e bem finório o

---

(1) Sôbre Santos advogados, com funções terapêuticas, veja o leitor curioso a *Revista Luzitana*, vol. IV, pág. 180 e vol. XII, pág. 188.

médico de Odivelas, que nêles dizia: «Minhas queridas e santas madres: desgraçado é o nosso ofício, porque se o doente morre, matou-o o médico; se vive, é milagre de Nossa Senhora da Penha de França».

Outros são hoje os tempos. Um precursor do espírito da nossa época de democracia foi decerto aquele cirurgião famoso que dizia à imperatriz Josefina, que o consultava: «Não se preocupe V. Majestade, porque a tratarei com tanto interêsse como ao último dos seus trintanários!»

Se tem havido médicos famosos, também tem havido doentes magníficos. Caio Calpúrnio Asclepíades, médico da cidade de Prusa, ao pé do Monte Olimpo, está para o imperador Trajano, que lhe deu a posse de sete cidades, como aquele Manuel Cirne, feitor de D. João III em Antuérpia, está para Amato Lusitano, a quem por vinte dias de febre deu 300 ducados de oiro, mais de 600 escudos. E não deve Henriques, o médico de Garção, ao poeta a sua fama? Se não fôsse êle escrever,

> Doutor Henriques, o Garção doente
> Vai-se achando peor, a febre atura:
> . . . .
> Que poderei fazer senão chamar-te?
> Teu nome, se me livras de cuidado
> Cantando espalharei por tôda a parte.

quem saberia hoje que existiu no século XVIII um Jerónimo Henriques de Sequeira que foi médico? Aquele João Sucarela Claramonte, médico, a quem Firmino Pereira se refere no seu *Porto de outros tempos*, a que deve o ser ainda hoje lido o seu nome? Mais do que à arte de sangrar à perícia com que dispunha ironias nos catorze versos do soneto [1]. E aquele Guilherme Ader, médico de Tolosa no século XVII conhecê-lo-ia por acaso hoje alguém se êle não tivesse feito em *patois* gascão dois poemas louvando Henrique IV?

O charlatanismo foi banido há muito. Médicos e boticários como o boticário de Alverca, de Filinto Elísio, «que não achando nas gavêtas *pedra hume* que lhe pediam, deu *pedra pômes*, dizendo que pedra por pedra tanto vale uma como outra», são já raros. E se há um Fauvel, epidemiologista que, no dizer de Ricardo Jorge, «morreu de mágua porque o cólera contrariou as suas profecias», a literatura tem um Maupassant que cortou as goelas por não ter já imagens novas a dizer e tem um Camilo que

---

(1) Souza Viterbo tratou largamente dos médicos poetas. Ver *Med. Contemporanea*, 1907, *Archivo Historico* e *Archivo da Historia da Medicina*.

mete um tiro na cabeça porque cegara a escrever. E quanto a coragem, se o dr. Trousseau, a quem um cancro no estômago deu cabo do canastro, vai tratar do seu entêrro, e escolhe no Père-Lachaise o terreno onde quere ser enterrado, morrendo quando dissera, a literatura pode apresentar Nóbrega, o infortunado companheiro de Bocage, que se matou com láudano depois de préviamente se ter amortalhado...

E é que no fim de contas de tôda essa verrina se encontra o caso da Arte dizer à Sciência aqueles versos de Augusto Gil:

> Eu não a odeio sequer
> Tudo isto é literatura!

Já esta crónica envelhecera quando a folhear um velho tomo de Legislação, aí por alturas de 16 de novembro de 1623, topei um alvará que começa: «Ocorrendo ao prejuízo que resulta à Real Fazenda e à vida humana de o Boticário da Casa Real aviar indistintamente receitas a favor das pessoas a quem (El-Rei) faz esmolas delas, sendo feitas por Médicos e Cirurgiões, nímios em receitar *por serem alguns dêles idiotas e romancistas*, dispõe o seguinte:»

O itálico é nosso. A sciência vingava-se da

letra redonda e como as comadres ralhavam... *Idiotas e romancistas.* Faz rir um cão de caça, como diria o italiano Baretti, que calcurreou Portugal no século XVIII, que é como diz no tempo da Maria Castanha...

Ao

Dr. Custodio José Vieira

Camillo.

Camilo Castelo Branco

Como êle lia

Entre os livros raros da minha biblioteca e entre os cinco que foram pertença de Camilo Castelo Branco, um há que tenho em mor aprêço, já pela circunstância de ter sido de Camilo, já por ser livro escolhido e apreciado, uma das mais límpidas gemas da nossa literatura. É o volume dos *Dialogos de dom frei Amador Arraes*, edição de 1604. Tem um verdadeiro ex-libris do Mestre, um quadrado de papel onde Camilo escreveu o seu nome e o preço por que o comprou: 6$000. Alguém anotou dentro: «Leilão de Camilo Castelo Branco em Dezembro de 1883, 13$100 réis» a lápis, e Camilo, no verso do frontispício reforçado, (sob um coroa de conde e o nome Sabugal impresso em relêvo), com a sua letra pequenina e nervosa, escreveu: «Foi do Marquês de Sabugal».

Foi Camilo, além do escritor que todos sabem, um precioso minerador de velharias. Do seu amor aos clássicos lhe vem não só o amor ao passado, como do seu manuseio diurno e nocturno a arterial possança vernácula que o torna um dos grandes mestres da língua. O que sôbre êles pensava está no seu *Curso de litteratura*, onde êste Amador Arraes foi esquecido, se bem que Camilo, a quando da polémica com José Maria Rodrigues, lhe citasse a «sombra de vara torta», que de Arraes manara para Bernardes, onde o teólogo a foi fisgar para apodar Camilo de plagiário.

É que Camilo tinha lido os *Dialogos* com especial cuidado e disso é testemunha o livro que tenho aqui presente. Não só sublinhou pensamentos e vocábulos como emendou as gralhas de caixa que sob os seus olhos iam passando. E não foi leitura rápida, que diversos são os lápis que serviram às anotações.

Também se quisermos concluir do estado de espírito de Camilo quando o leu, não nos será isso difícil, analisando algumas das passagens sublinhadas. A pág. 2, verso, por exemplo, Camilo sublinhou o período: «E se queremos ver quaes são os nossos amigos, & quaes os da nossa fortuna, quando ela se parte de nós o sentiremos:» Esta verdade uni-

versal tão vincadamente êle a sentiu que mais tarde a moldou naquele admirável soneto:

> Amigos cento e dez ou talvez mais
> . . . .
> Que cento e nove impávidos marotos

Depois, porque estivesse triste ou volvesse olhos melancólicos para o passado — quem sabe em que condições êste velho livro foi lido! quem sabe se não viram folhear as suas amarelidas páginas os ferros da cadeia da Relação, quem sabe se não foram os pinhais gementes de Seide suas testemunhas contemplativas?! — sublinhou ainda: «Busquey lugar solitario, & não sei como feyto pera alegre contemplação, esperãdo achar em este despovoado algũ remedio, não me lembrãdo que ao animo se deve pedir, & não á mudança de lugar, pois pera qualquer que vá o homem sempre leva a si comsigo. Quem pretende melhorar-se, fuja primeyro de si que de sua patria».

Camilo devia sentir isto cruciantemente e, pôsto a só com seus pensamentos, bocados bem amargos passou talvez. Por isso êle foi o irrequieto vagabundo, que só aquietou quási ao fim, junto de D. Ana Plácido — o passado irremediável.

A leitura não era para Camilo mera função dis-

tractiva. Não era. Era mais tarefa de estudioso que, a pág. 6 encontra «linaje» e sublinha; a pág. 7 «impõdes» e sublinha; o mesmo fazendo a «chegadiços» de pág. 153, verso, «hũa junta de servos chegadiços» que êle elucida sinonimando, escrevendo à margem — «adventicios». Também a pág. 62 se lê «se o lume que avia no mũdo se cõverteu em trevas, quã entrevados vos parece q̃ ficarião os gentios?» E Camilo não só escreveu à margem dêste *entrevados* que a significação se devia tomar «por escuros, ou entenebrecidos», como a pág. 212 quando o bispo fala nas «gallinhas, q̃ os entrevados comẽ» nota que a palavra «tem 2 significações».

Se por acaso o clássico tem maneiras de dizer próprias, como «todas as meiguices dos deleites» a pág. 13; «escolheo Deus a Abraham, & o fez digno de lhe fallar a orelha» a pág. 66; «hũa razão tam imbecillitada, & nua de toda a boa doctrina» de pág. 68; ou aplicar as orelhas por escutar de pág. 32, lá está o lápis de Camilo a respigá-las como jóias de bom quilate.

Ás vezes sublinha com estranheza como neste «fel & vinagre com que o enxaroparão» de pág. 57, verso, outras toma nota de têrmo novo ou vocábulo desusado como a pág. 151 e a pág. 6, v.: «Dario Rey dos Persas, foi chamado capello, que quer dizer

negoceador, homẽ questuario & tratante» ou «os successos que Apollo collegia per conjecturas, não os declarava senão por palavras ambiguas & torcidas que fazião diversos sentidos, foi chamado obliquario». Quem não estuda não sabe e êle nas suas polémicas espalhava dêstes alçapões diante dos parceiros. Haja vista o *hors de ligne*, tão conscientemente pôsto, que até por carta prevenia o revisor das provas para não bulir no abatiz.

Justificação do que dissemos sôbre gralhas basta apontar que a pág. 14 há um *apredará* por *apiedára*; a pág. 16 um *demenstrais* por *demonstrais*; a pág. 17 um *seccio* por *seio*; a pág. 31 um *foriou* por *forjou*. Pois tudo por sua mão está emendado à margem com a respectiva emenda tipográfica.

Camilo tinha um especial interêsse pelos judeus. Estão profusamente sublinhadas as páginas que se lhes referem. Também sôbre os genealogistas êle sublinhou o curioso trecho do clássico: «Ha gente a cujas linguas o silencio, & repouso dá pena: que não tẽ prazer senão quando tratão de vidas alheas, & dizem mal de huns & outros: os quaes, sendo fezes do povo, tomão por oficio inquirir os avoengos de todas as gerações, pera em todas porem labeu, & terem sempre vivos que sepultar & mortos que desenterrar com suas satyricas linguas

& venenosas boccas». Não responderia Camilo íntimamente sublinhando êste trecho ao temor dos que poderiam vir escarafunchar as raízes plebeias do seu prosapioso viscondado?

«Se muito carregarmos o jumento de nosso corpo respingará & dará comnosco em terra». Não será isto também resposta aos azedumes e recriminações do seu espírito e justificação do seu desfecho?

Camilo lia, como vemos, assim cuidadosamente. Anotava, estudava e muitas vezes a leitura servia-lhe de excitante da memória. Fialho tinha cadernos de termos, cadernos de locuções populares, canhenhos dos *insignificantes pequenos da prosa.* Todo o escritor ou que o queira ser, passa por esta tarefa que não é nem difícil nem aborrecida. Eu mesmo já tive como compensação dela o poder fornecer ao meu querido amigo Cândido de Figueiredo alguns termos ainda não respigados nem inventariados.

Depois não é um encanto encontrar por exemplo no *Livro da fabrica das naus*, de Fernão d'Oliveira, quando êle se refere a um barco grande e mal feito «a compridão o faz fraco»?

Não o será também topar na linguagem algarvia «paleava com elle» por entretinha paleio, conversava, namorava? Em Ruy de Pina covardice em

vez de cobardia? Em Agostinho Gavy de Mendonça «pipas de terra plenadas», por cheias a trasbordar? ou «a moura lhe não desse vento» por não aceitasse a côrte; «uma guarda porta de panno de raz» por um reposteiro, como se diria à moderna?

Então não é uma linda imagem a dos simples autores da *Historia tragico maritima* quando querem falar da dificuldade de passagem por um trilho de cabras «nos metemos em fio hum atraz do outro»? E não será um belo têrmo o de Azurara «perpetua remembrança»?

Folhei-se Bernardes, corra-se Filinto, veja-se Frei Luís de Sousa, rebusque-se Vieira e assim a gente saberá o segrêdo do porque se encontra em Camilo um tão avondo lote de termos, locuções, maravilhas, singularidades.

Não repararam no *Othello* naquelas «metaphoras diabris»? Êle podia ter escrito diabólicas. Nas *Noites de insomnia* «palavrorio e marmanjarias»; na *Maria da Fonte* «pianos patuleando em familia» para dar a facciosa febre política que encheu Portugal?

Na *Caveira da Martyr* «hoje voga com as resultas d'então»; na *Bibliographia* «artigos ramerraneiros»; no *Judeu* «matrimoniamento» por casamento?

E no *Romance do homem rico* não há «casamen-

tos e natalicios da corte»? No *Demonio do Ouro* que ela «excita a flexura das garras»? Nas *Novellas do Minho* para dar um homem grosseiro não o faz visionar apenas com um «vozeou rusticidades à prima»? E não é adorável no *Perfil* aquela «canalha soneteira» que foi apanágio e vérmina poética e mendicária do século XVIII? Seria um nunca acabar. . . . .

Gauthier dizia aos novos do seu tempo que lessem o dicionário. Camilo dir-lhes-ia que lessem os clássicos. E Camilo conhecia-os bem. Tinha-os. Lá veem todos no catálogo da sua livraria. Que deplorável país êste que deixa dispersar a todos os ventos a livraria do seu maior homem de letras!

Afinal, por uma questão de dois contos e pico, coisa que diversa gente tem perdido à batota e vários marchantes teem dado, sem sombra de arrependimento, a algumas espanholas trongas.

Como êle escrevia

Outra das preciosidades é o volume *Le Portugal a vol d'oiseau*, da *Princesse Rattazzi*, que pertenceu a Camilo, e sôbre o qual o grande escritor traçou o opúsculo imortal de *A Senhora Rattazzi*, que deu causa ao sem número de folhetos conhecidos pela

Questão Rattazzi [1]. Sabido já como Camilo lia, resta explicar como êle fazia os seus trabalhos de crítica e de polémica. E não é sem uma certa comoção que folheio êste velho livro. Há trinta e seis anos que os dedos de Camilo passaram estas páginas e o seu lápis em frouxos de ironia as salpicou de notas. Devo-o à gentileza de um grande erudito: João Lúcio de Azevedo, o que escreveu a mais profunda e documentada obra que possuímos sôbre o Marquês de Pombal e o mais completo estudo sôbre o Padre António Vieira.

Camilo anotava quando lia. Era isso uma ne-

---

(1) O leitor curioso encontra a lista no *Diccionario bibliographico* (vol. 18.º, pág. 144). Está incompleta, pois deve acrescentar-lhe mais os seguintes, que possuímos:

Urbano de Castro: A Princesa na Berlinda. 2.ª edição. Lisboa, 1880-31-1 pág.

Prince Croque Mitaine: Madame Rattazzi et son secretaire en Portugal. Voyage en zig-zag au pays des Turlupinades. Lisboa, 1880-61-3 pág.

Affonso de Queiroz: Consciencia litteraria. Carta ao ex.mo sr. C. C. Br.º Pôrto, 1880-31-1 pág.

O seguinte, que o meu amigo e bibliófilo Henrique de Campos Ferreira Lima possui:

A. B.: Carta a C. Castello Branco. Resposta ao seu opúsculo sôbre o livro de M.me Rattazzi. Rio de Janeiro, 1880-8 pág.

E *Lisboa à vol d'oiseau, carta a Sara Bernhardt,* por *Argus & C.ª* que num catálogo de livros vi citado, coleccionado juntamente com a colecção.

cessidade do seu espírito e cumpre afirmá-lo para varrer a insinuação de que êle anotou os seus livros em vésperas de leilão para que subisse assim em lanços, o martelo do pregoeiro. Se o fizesse ninguém tinha nada com isso. Não o fêz, porém. Lia, anotava, e essas anotações alicerçavam o artigo ou o ponto de vista crítico. O meu exemplar do *Portugal e os estrangeiros*, de Bernardes Braneo, que também lhe pertenceu, está cheio de notas que êle aproveitou na crítica que fêz ao livro na *Bibliographia portugueza e estrangeira.* A anotação da palavra «doce» em todos os versos onde ela se encontra na *D. Branca*, de Garrett, que constitui a derradeira nota do seu volume do *Curso de Litteratura*, está pelo seu punho no exemplar que lhe pertenceu e que hoje é do meu amigo Henrique Lopes de Mendonça. Finalmente o exame que vamos fazer ao livro de Madame Rattazzi demonstra a verdade do que afirmamos. Peguemos, pois, no volume e no opúsculo de Camilo e veremos como êste não é senão o reparo alegre, o comentário irónico da leitura. Logo na capa do livro escreveu Camilo: «Sobre politica *traduz* alguns artigos bons do «Pimpão» e *supõe* varias *trapalhices* da sua lavra». O resto da nota é ilegível e Camilo ao escrever o folhêto substituiu as palavras que vão em itálico por *decifra*, *guiza* e *beldroegas*, o que fica mais preciso.

Efectivamente traduzir é de mais, afirmando-se que ela não sabia o português. Decifrar é que é o têrmo exacto.

No verso da capa Camilo escreveu: «A sr.ª Rattazzi, que conhece assim a lingua portugueza, propõe-se traduzir a historia da Inquisição de Alex. H. Inquisição de torturas vae ela inaugurar á nossa rica (escreveu *pobre* que riscou e que afinal saiu no opúsculo) lingua q. possue uma energica; (escreveu *excellente* e riscou) palavra para traductores deste feitio. O Byron, encantado com a energia desse termo transmitiu-o como um mimo filologico a um seu am.º Ela q. o fareje nas cartas publicadas por Th. Moore». Isto foi a impressão nativa da leitura e da memória. Quando se tratou de escrever definitivamente, Camilo verificou a citação e redigiu como o leitor hoje encontra:

«De Rebello da Silva conhece *Odio, Velho vraô cauca*, e a «ultima corrida de touros *reas em Salvatorra*». É um bom titulo para uma simulcadencia muito forte, peninsular, talvez vestigio arabe. A snr.ª Rattazzi, que assim escreve a lingua portugueza, propõe-se a traduzir a *Historia da Inquisição*, de Herculano. Em inquisição de torturas vae ela pôr a pobre lingua, que ainda assim possue uma palavra energica para interpretes deste quilate.

Byron, encantado com a sonoridade do termo, transmitiu-o como mimo filologico ao seu amigo Hodgson. Ela que o fareje. Está na carta 37.ª da colecção de Thomaz Moore — bom documento etnologico que esqueceu ao snr. Alberto Telles no seu interessantissimo livro *Lord Byron em Portugal*».

Camilo lia e sublinhava. A pág. 19 da Princeza quando se trata do *Crime do Padre Amaro* anotou: «Leu o crime de P. A. e entendeu que os p.^s portuguezes eram aquilo». No folhêto esta idea acha-se expressa depois de em duas linhas ter dito o entrecho do romance: «Eis, segundo ela, o tipo da cleresia portugueza — *o padre Amaro*».

A pág. 31 vem pela sua letra a anotação sôbre Alves Martins; a pág. 39 «Entra nos sentimentos intimos da duqueza de Palmela, cancaniza uns contos sediços de amores malogrados com o rei»; a pág. 40 «tracta o Duque com um desleixo de princeza mal relacionada» e a pág. 41 «presume que o duque era um homem de somenos qualidade».

A pág. 45 escreve «Anedoctas chinfrins a resp.^o do Saldanha». Lá está no folhêto a frase *anedoctas chinfrins* com a sua justificação e correcção à petulante princesa. Aqui e ali escreve ora um *Asneira* ora um *Parvoice*, palavras contumazes nas suas anotações.

Quando a princesa fala em *Santo Antonio da Cruz Sobral*, Camilo escreve: «Lá fóra cuidarão que temos um Santo Antonio de Padua e outro St.º Ant.º q. fez o teatro de S. Carlos». No folhêto lá saíu emendado, porém, como faz sentido, Padua para Lisboa. A picaresca anotação do conselheiro Moraes Soares, pela princesa transformado em *Morres Soares*, está como saíu a público à margem de pág. 182 do livro da princesa.

Quando Rattazzi a pág. 221 do seu livro trata dos hotéis do Pôrto e dos seus ratos, baratas, percevejos e mais bicharia, Camilo escreve «A unica pagina util e talvez verdadeira». Não publicou esta nota para não melindrar talvez o Pôrto, a quem êle odiava amando.

Ao comêço da carta 17.ª, Camilo escreveu a nota com que depois fechou o seu opúsculo, mas redigida assim: «O livro (*custa oito tostoens: é caro.* Riscou) da snr.ª Rattazzi não é cano de grandes imundicies, nem é canal de noticias interessantes, excepto a dos percevejos; não é, pois, cano nem canal; mas é canudo p. q. custa oito tostões». Camilo não fazia um grande caso da ortografia; esta nota o prova, e não impediu isso que êle fôsse um extraordinário escritor. Escreve primeiro *tostoens* e logo depois *tostões*.

Quando a princesa trata de Herculano, Camilo anota «As ideias do sr. Ramalho. Ver Farpas». Quando ela fala de Castilho, Camilo continua «As ideias do sr. Th. Braga». E quando, finalmente, ela ao referir-se a Rebelo da Silva, diz «*mais il lui manque la compréhension du monde moral*» Camilo põe logo o dedo na ferida escrevendo: «Phrase de T. B.».

Quando a princesa fala dos seus romances, Camilo limitou-se a engrampar numa chave os títulos para lhe dizer que por acaso não há nêles nem o padre, nem o brasileiro que ela quere. Quando fala dos outros, Camilo anota geralmente com o que saíu no opúsculo. Quando se refere ao sr. Teófilo Braga, nos célebres *Tracos*, Camilo não perde a ocasião: «Não se sabe se queria dizer traços se trancos. — Seja o q. for pertence á filosofia *positivia*. Elle é mt.º *positivio*».

Quási pode dizer-se que o folhêto se acha delineado nas margens do livro. Há coisas que êle não acabou, como a nota em que chamava à princesa «velha pandega vadia» e o que no folhêto vem: «Conta-nos — digno Plutarcho — a bibliographia da estalajadeira do *Francfort*» está em nota: «A cada qual seu Plutarcho», o que é talvez mais incisivo.

Nas últimas páginas Camilo faz o retrato mental

da princesa, escreve a vergastada célebre de se ela em vez de usar saias usasse calças e voltasse ao Pôrto que decerto lhe dariam umas. E vagueando o pensamento, contente, o Mestre esquiçou um boneco, tipo de militar e um chapéu, em dois traços. Chegámos ao fim do precioso exemplar, livro único e que faria o orgulho de qualquer Camilianista. Mas o que o torna ainda mais precioso é uma nota escrita a tinta, ocupando todo o ante-rôsto, que diz com as reservas que a decência ordena: «*Esta Rattazzi qd. não fosse uma legitima princeza, era de certo a princeza das...* (O que D. Miguel diz a tradição que respondeu à colareja quando esta lhe perguntava o que ficava ela sendo). *Parece que não tinha mais consistencia no cerebro que nas mamas sovadas, e sorvadas. C. C. Branco.*

Camilo escreveu esta nota a tinta. Ela é, como se vê, o comentário síntese de um livro, o juízo irónico de uma princesa...

Notas Camilianas

CAMILO possuía uma escolhida biblioteca, que por duas vezes vendeu, sendo a melhor sem dúvida a vendida em 1883. Anotava todos os livros à medida que os ia lendo, passando assim as longas noites de inverno e tendo essa tarefa como distractivo consôlo. Almas malsinantes disseram que êle anotara a livraria para a valorizar. Tontice. Quanto de tempo e de erudição perdida nessa tarefa, que a ser obrigatória se tornaria num calvário de nova espécie para o escritor, há muito a caminho da cegueira irremediável!

Tive ocasião de ver dois volumes que pertenceram a Camilo. E como me pareça útil, nesta hora de fervor camiliano, salvar as suas anotações do esquecimento, publicam-se hoje. O leitor amoroso ou coleccionador as terá na devida conta.

* * *

Em 1840 a *Sociedade propagadora de conhecimentos uteis* publicou uma colecção de inéditos de que o 1.º vol. foi a *Chronica do Cardeal Rei D. Henrique e vida de Miguel de Moura, escripta por elle mesmo.* Logo de entrada no verso do ante-rosto Camilo diz o que o livro vale: *Quem tiver lido a chronica de D. S.am por fr. Bernardo da Cruz, escusa de ler esta que é litteralmente o traslado da outra. A sociedade* PROPAGADORA DOS CONHECIMENTOS UTEIS, *podia dispensar-se de publicar esta inutilidade, e applicar o dinheiro dos compradores illudidos á divulgação de preciosos manuscriptos esquecidos nas Bibliothecas publicas de Evora, Porto e Lisboa. C. Cast.º B.*

A pág. 29 diz o cronista que os cativos espalhados por tôdas as províncias eram «mais de quinze mil». Camilo anota: *Asneira. N'um dos capt.os passados diz que poucos escaparam da batalha.* 15$ *seria todo o exercito de D. S.am.*

Ao fim da pág. 46 diz-se do resgate de D. Francisco da Costa «o qual ainda nesta era de outenta e seis está em Marrocos, e não he acabado de ajuntar o dinheiro por que está obrigado».

Camilo escreve: *1586. D. Fr.º da Costa nunca foi resgatado e lá morreu. Era um antepassado dos condes de Mesquitella.*

A pág. 66 em que se trata do infante D. Luís, pai de D. António, há um periodo que começa: «e outro sim, visto como se prova em seu testamento nomear ao sr. D. Antonio por filho seu simplesmente, sem addição, nem acrescentar *natural*, e alem d'isso o instituir por seu herdeiro de toda sua fazenda, o que, conforme o direito civil e canonico, bastava para se provar, como de feito basta, para ser havido por legitimo».

E logo Camilo à margem. *Tudo falso: só lhe deixou o priorado do Crato. Se elle fosse legitimo para q. pediria D. Luiz dispensasse o Papa na entrada do filho ter beneficios ecclesiasticos.*

A pág. 97 ao fundo lá está, impressa, esta afirmação e Camilo escreve-lhe à margem *Notavel.* Depois a pág. seguinte, anotando os últimos períodos do capítulo L escreve Camilo: *D. Ant.º instou em Tanger com D. S.am q. lhe desse o condestabelado — o Rei negou-se e escreveu a tal respt.º o q. se lê nos seu mss. Veja* MEMORIAS *p. Diogo B. Mach.º Tom.* IV.

A pág. 100 diz-se que intentando o rei prender D. António êste «se foi para Entre Douro e Minho».

Camilo: «*outros dizem p.ª Guardão outros p.ª Escarriche*». A pág. 103 escreve Camilo: «*Assim termina a chronica de D. S.am por fr. Bernardo da Cruz.* Há a seguir uma conta

1579
50
———
1529

e depois *Segundo este auctor, D. Ant.º nasceu em* 1529. *Elle disse ao papa q. tinha nascido em* 1536. *O n.º certo é* 1533.

Tôda a Crónica foi lida minuciosamente, que vários erros estão emendados. Assim a pág. 47 o cronista escreve *haverem*. «Contão as historias antigas e modernas haverem Reis» e êle emenda para *haver*; a pág. 49 fala-se em Cid Abdelcarim, e Camilo corta o c; a pág. 53 há um «explendidamente» que Camilo quere escrito com s, pois assim emendou; a pág. 76 há Rodrigo Vasques de Aire. *É Arce;* a pág. 101 diz-se «lugar de Escarrego». Camilo emenda para *Escarrigo.* As formas de linguagem, os apropriados modos de dizer não são esquecidos. A pág. 26 fala-se de D. Henrique ser «descontente por suas mocidades terriveis». Camilo achou bom o *mocidades terriveis* e sublinhou-o. Já na

Vida de Miguel de Moura êle encontrara, a pág. 133, «porque sempre tratei mais da flor e orvalho das cousas, que dellas mesmas» e logo sublinhou. Como a frase é não só profunda mas elegante, escreveu à margem *Bom.* É realmente bom, do melhor. A pág. 143 diz a sua letra que *Miguel de Moura morreu em 30 de Dezembro de 1600* e na pág. seguinte onde há uma resposta em espanhol depois de escrever um *Nada lhe deu,* que com ela se relaciona, diz: *Moura devia ser um dos mais primorosos escriptores do seu tempo. Tem cousas de Fr. Luiz de Souza ou Fr. L. de Sz.ª tem cousas de M. de Moura.*

A pág. 112 há a nota das privações que Moura passou «cheguei a vender para comer até a guarnição de prata do freio do cavallo em que andava». Diz Camilo à margem: *a mesquinharia dos reis. O fidalgo aprendiz de D. Fr.º M.el de Mello.* Na pág. seguinte Moura refere-se ao conde da Idanha, o que motiva a Camilo o escrever-lhe o nome *Pero de Alcaçova Carn.º.*

Camilo por vezes faz espírito. Encontra a pág. 153, na 1.ª das notas, que o filho de D. João II caíra de «hum cavallo abaixo». Logo o pleonasmo encontra no bico do seu lápis o comentário irónico. E escreve *ou assima?* Muitas vezes faz erudição. A pág. 157

encontra que o Cardeal Rei fôra o 1.° inquisidor geral e corrige: *É inexacto — o 1.º foi Diogo de Souza.* A pág. 166 fala-se de D. Leonor, 3.ª mulher de D. Manuel. Camilo anota: *Filha de D. Filippe 1.º a qual cazou com Fr.º 1.º de França.* Encontrando a pág. 163 José de Seabra como autor da *Deducção Chronologica* restitui a autoria ao seu verdadeiro dono o *conde de Oeiras.* A pág. 158 há o trecho — «Restituio o cano da agua da prata d'Evora...» Diz Camilo: *Por indicação de André de Resende.*

* * *

Temos a seguir a *Carta dirigida ao cavalheiro José Hume membro do parlamento sobre o ultimo debate havido na Camara dos Communs a respeito dos negocios de Portugal por um anglo-lusitano. Londres. Na typografia de James Ridgway* 1847. *Vertida em portuguez e annotada por *** Lisboa* — 1847 *Na Imprensa Nacional.* Carta de 223-I-VII-I pág.

No verso da fôlha que devia ser o ante-rosto escreveu Camilo: «*Este livro, enriquecido pelas notas do conselhr.º Per.ª dos Reis, é o escripto mais noticioso q. temos da Revolução da Maria da Fonte* (1846) *C. C. Br.º*» e a seguir aos três asteriscos que no fron-

tispício encobrem o nome do autor lê-se, da sua letra: *Ant.º Per.ª dos Reis. Aos 20 annos era caixeiro em uma loja de pannos na Rua Augusta. Teve carta de conselho, e foi g.ºʳ civil de Lx.ª, etc.»* No fim a pág. VII a seguir a «O Traductor», escreveu Camilo: «*O cons.º Ant.º Per.ª dos Reis era um notavel litterato. Casou no Porto. Morreu em* 1852. *Deixou uma filha q. o Garrett (J.é M.ª) arrebatou em Famalicão ajudado pelo conde de Resende. Este J.é M.ª foi o q. deshonrou o seu am.º intimo Vieira de Castro. A viuva de Per.ª dos Reis cazou com o Claudio Mesqt.ª da Roza, gov.ºʳ civil em varios districtos*».

A pág. 24, na nota 1, há uma referência aos fidalgotes do Minho. Camilo sublinhou escrevendo à margem *Os fidalgotes do Minho.* Quando a pág. 28 o autor diz: «A sublevação começou pelas mulheres, a cuja frente se collocou a profunda politica de pé descalso, por nome Maria da Fonte», Camilo escreveu ao lado *Epigraphes*, apontamentos talvez para o seu trabalho.

A pág. 51 há o seguinte periodo: «O *Nacional* de 19 de junho, já nos paroxismos da morte, mas sempre palavroso e fanfarrão, lá diz para quem apella: «Confiamos (são palavras do redactor) nos Povoas, nos Almargens, nos Guedes, nos Bernardinos, nos Vidigaes, e nos Damazios». Nota à margem, de

Camilo: «*Não vive nenhum ha mais de dez annos* (1876). *Damasio e Vidigal morreram em* 1875».

A pág. 57 fala-se de «Ignacio de Barros, chefe de alguns miguelistas armados, que se sublevaram em Cintra!» Camilo sublinhou e anotou *Irmão do Vis.e de Santarem.*

A pág. 98 há uma nota sôbre o parlamentarismo inglês. Logo Camilo: *O parlam.to inglez é onde se trocam os maiores insultos* e quando na pág. seguinte o autor nos diz que nos nossos cemiterios não murados entravam «cães, gatos, e porcos bravos em tal quantidade, que chegaram a desenterrar os cadaveres» facto que levou os povos à desesperação, aponta Camilo em letra garrafal *Boa asneira!* e era das boas aquela.

Na pág. 137 há a data 1846. Camilo emendou o 4 para um 3. A certa altura do livro há uma parte «Documentos». Logo a abrir o 1.º onde diz «No dia 23 de Agosto de 1846 entrou no Tejo o Paquete Inglez Pachá, em que vinha o Marquez de Saldanha» Camilo anota: *Em 6 d'agosto tinha desembarcado no Porto o Macdonell.*

A pág. 163 diz-se: «No primeiro dia de Outubro foi preso um tal Pontes...» Diz Camilo: *Era colaborador da* Nação *e traductor das* Memórias do Marquez de Pombal.

«O Coronel Cardoso», principia um parágrafo a pág. 199. Camilo sublinha e escreve: «*Foi assassinado no quartel de S. Ovidio em* 1857».

A pág. 202 ao fundo quási, fala-se de Almeida Penha. Camilo elucida. *Almeida Penha, depois de dissipar uma gr.e legitima, morreu tysico e pobre em* 1851. *Deixou filhas uma das quaes casou com o brazileiro Mendes Osorio, estando recolhida no convento de V.a Nova de Gaya.*

A pág. 203 há um carcereiro «que amaciado com boas peças tratou o Duque e seus companheiros com favor e cortezia». O sublinhado é de Camilo que diz «*Este carcereiro era o celebre Vasques, pae do advogado Vasques de Mesq.ta, e tio de Custodio J.é Vieira.*

Começa a pág. 210 um dicionário. Camilo elucida *Diccionario cryptographico* e como nêle venha

«Bestas = inimigos

«Bestas desinquietas = inimigos em movimento

«Bestas de jornada = inimigos em marcha contra nós

Camilo diz que os «vocabulos mais engenhosamente disfarçados» são estes. «*Quem apanhasse a correspondência decerto se não lembraria que os miguelistas chamassem aos seus inimigos* Bestas».

Camilo teve um trabalho insano para escrever

a sua Maria da Fonte. Explica-se assim o amor com que êle anotou êste livro e lhe eram familiares os mais recatados casos. Por exemplo: A pág. 215 há uma carta dirigida a um «Muito reverendo Padre». Camilo sublinha o padre e escreve à margem *Macdonnel*. Mais abaixo diz que «No Paquete vieram cartas de S...» Logo Camilo põe *Seraiva*.

A pág. 218 diz que *Lourenço Viegas é F. de Lemos irmão de João de Lemos* e que o Padre visitador Adrião é *Macdonnel*. Como a pág. 219 se fale num tenente Leopoldino escreve à margem: «*Este Leopoldo estava ás ordens do conde das Antas*». Há a pág. 220 uma carta assinada por *Lourenço Viegas*, que já por Camilo sabemos quem seja. Camilo anota-a: *Carta de Fr.º de Lemos irmão do poeta. Que prosa. Este Lour.º Viegas era Fr.º de Lemos q. tinha sido alferes do D. Miguel. D. Pedro garantiu-lhe a patente. Elle dep.is voltou p.a os miguelistas. Duas vezes traidor. Ainda vive em Lx.a* (1882). A certa altura a carta fala de «meu primo Francisco de Lemos». Diz Camilo à margem: *o de Condeixa. O irmão João de Lemos veio ao Minho e foi prezo. Esteve na Relação do Porto algum tempo.*

Quási ao fim do vol. a pág. 223 termina uma carta: «El-Rei N. S. recebeu as suas cartas n.º 28 e 29, e ordenou-me de dizer a V. S.ª o seguinte:

Que soube com *grande satisfação* que afinal havia chegado Adrião ao Minho, é que todos alli e em outras partes estavam anciosos por elle. S. M. sente porém que o Governo de Lisboa fosse disso logo avisado, pois receia que não tivesse tempo de organisar as necessarias forças para oppôr-se ás tropas que sahiram do Porto contra elle. Se os soldados desertados se nos reunirem sem demora, é bom exemplo para os outros fazerem o mesmo. Queira V. S.ª recommendar a Adrião — da parte de S. M. — que não deixe de modo algum entrar na nossa gente a menor intriga pelo grande mal que nos póde causar essa terrivel peste ». — Sou etc. = assignado = *A. R. Saraiva.* Camilo risonhamente anota: *Vê-se q. D. Miguel não tinha apprendido nada! Esperar q. o general escossez lhe conquistasse com um bando de guerrilhas um reino q. elle não podera conservar com 80$ homens disciplinados e incorruptiveis! Miseravel bêsta!*

Quando a pág. VI o traductor diz: « Qual será a rasão porque os estrangeiros — ainda os mais attentos, mais diligentes, mais investigadores — perdem o zelo e a consciencia logo que chegam a Portugal? Andará aqui influência do clima? Andará desejo de fazer d'este pobre reino uma *nova Polonia?* » Camilo sublinhou e como achasse que a Polonia era

ainda lisongeiro para nós, escreveu à margem: *Aliás Tunes.*

Como se vê são interessantes as anotações e algo se ganha lendo-as. Publicando-as ganha-se mostrar mais uma das facetas dêsse pujantíssimo espírito, oceano de Amor, de Dor e de Comoção que se chamou Camilo Castelo Branco, o gigante, o artista máximo da prosa portuguesa.

Fialho d'Almeida.

Fialho d'Almeida

I

A homenagem de António Barradas e Alberto Saavedra [1] veio despertar em mim, com amarga intensidade, todo o mundo de recordações e saudades que dentro em mim vivia. E, no campo santo da memória, evocadas a esta hora dolente, espectrais, elas erguem-se para viverem de novo no meu coração, bemfazejas e consoladoras. Recordar é viver? Talvez. Mas é com certeza recordar-se a gente de já ter vivido.

Conheci Fialho na livraria Tavares Cardoso, onde êle passava horas e horas encostado à ombreira da

---

(1) *In Memoriam. Fialho d'Almeida. Organizado por António Barradas e Alberto Saavedra no sexto aniversario da morte do escriptor.* IV-III-MCMXVII. Porto. 300 pág.

porta. Ali estava olhando quem passava, falando com um ou outro amigo, até que atravessava para o Martinho. Voltava e ficava até a livraria fechar e ia então à tôa por essas ruas, observando, sonhando ou compondo alguns daqueles seus maravilhosos trechos de prosa, visto que era andando que Fialho compunha.

Ás vezes ia descobrir Lisboa e ainda me lembro quando nos encontrávamos lá para o Castelo ou para Alfama, êle perorando, nós ouvindo, presos e encantados à sua mágica conversa, às suas historietas hilares, à sua alegria esfuziante. Um belo dia, quando apareceu um dos romances de Abel Botelho, eu escrevi um artigo furibundo, elogiativo para o romancista, mas tremendo para a literatura conselheiresca. De artigo debaixo do braço, eu fui sucessivamente à *Vanguarda* e às *Novidades*, onde Magalhães Lima e Melo Barreto representavam comigo o caso do *Grande Elias*. Eu passava sempre dali a três dias, mas não havia maneira do artigo ver a luz da letra redonda. Queixei-me amargamente a Fialho e êle disse-me: Porque não procura V. o Camacho?

—Mas ó Doutor: êle não me conhece e corre comigo!

—Qual! Vá sempre, que eu falo com êle.

Uma noite fui até à rua da Atalaia, onde era então a redacção de *A Lucta*.

Anunciado, fui recebido e vi Brito Camacho escrevendo a uma mesinha inteiramente coberta de livros e jornais. Disse-lhe a que ia. Sem deixar de trabalhar, voltou-me: «Eu lerei. Volte cá amanhã». E mais nada. Desesperado, considerava eu na escada, que tão rápidamente recebido e despedido nunca fôra. Ah! não havia dúvida. O artigo nunca seria publicado. Nem mesmo Camacho o leria. Se êle nem para mim olhara... Disse a Fialho as minhas impressões e êle riu imenso quando lhe descrevi a maneira como entrara e saira. Voltei lá no dia seguinte. Novamente recebido, apenas eu apareci à porta, o Dr. tocava uma campaïnha e pedia as provas. Disse-me que me sentasse e revisse. Fiquei atolambado. Pois era possível? Era, que o artigo saíu no dia seguinte, 21 de agosto de 1907. Vai fazer doze anos.

Dias depois, Fialho, que sabia a minha vida de lutador desprotegido e órfão, pedia ao dr. Brito Camacho para me ajudar. Eu nada lhe pedira e fiquei doido de alegria quando êle me disse:—«A V. convinha-lhe escrever um artigo por semana? É mal pago, mas que demónio...»

Mal pago? Era maravilhosamente pago para mim, que fazia, com outro tanto, milagres de equilíbrio financeiro. Era a fortuna, era a glória. Um

jornal diário, *A Lucta*... Tudo isto baralhava-se-me no cérebro e eu tive então as primeiras cólicas. E se eu não soubesse? E se eu fôsse banal? E se eu não agradasse àquele grande homem ríspido que trabalhava lá em cima, por detrás de uma avalanche de livros e jornais?

Fialho, o bondoso, sorria, e ao ver a minha comoção, o meu agradecimento, atrapalhado, comoveu-se. A 29 de agosto publiquei a primeira crónica e até hoje.

Vi depois que aquele homem sêco e ríspido tinha um grande coração. Assim devia ser. Pois não era êle amigo dilecto de Fialho? E hoje, o dr. Brito Camacho, tem, na minha admiração e na minha gratidão comovida, ao lado de Fialho d'Almeida, altar erguido e lâmpada perpétuamente acesa...

* * *

Fialho tinha uma casinha onde morava em Lisboa, creio, na rua do Abarracamento de Peniche, à Patriarcal, e comia sempre no Francfort do Rocio, onde por vezes eu ia almoçar com êle. Todos os dias nos encontrávamos na livraria, onde, por sua causa, apareciam mais assíduamente o Manuel Pen-

teado, José Queiroz, Mota Veiga, Afonso Lopes Vieira, Xavier Vieira, etc.

Uma das coisas com que eu mais o atenazava era com a publicação de maravilhas dispersas que êle tinha desprezadas. E tanto o atenazei que êle, que tanto tempo estivera silencioso, se decidiu a publicar. Fui eu quem lhe tratou da publicação do art.º *Ferraz de Macedo*, com Lopes de Mendonça, que então dirigia os *Serões*. Fialho levava por cada artigo 20 mil réis e lembro-me bem até, que o dinheiro do primeiro artigo lho fui eu levar ao café Martinho, onde Manuel Penteado me crivou de ironias por não ter fugido com êle, ou comprado um prédio nas Avenidas novas.

Fialho publicou nos *Serões* depois *O Castelo de Alvito*, tendo sido eu o revisor de tôda a sua colaboração ali. «Ha 2 semanas que não saio dentre pergaminhos e proza arrevezada de velhos escriptores e alvarás reaes. Quantas horas perdidas com êsse artigo, que naturalmente não leem até ao fim, 30 pessoas! Emfim.» Dizia êle sôbre êsse artigo. Depois vinham as suas recomendações sôbre a revisão: «peço-lhe me reveja tudo com cuidado, *como se fosse seu o trabalho*...» «No caso de me fazer favor de rever as provas, peço-lhe por todos os santos, um cuidado minucioso e absoluto. Se avalia as dezenas de horas

de trabalho que tudo isso me custou, e a quantidade de citações em portuguez antigo, textos e datas que transcritas vão, avaliará a minha angustia á simples suspeita ou receio de que todo esse trabalho possa ser prejudicado por uma revisão defeituosa ou distraida.

Repito: se houver tempo, é preferivel mandar-me provas: se não houver, ahi entrego nas suas mãos bondosas, o destino da minha monografia.

Ha duas palavras que os diccionarios não trazem, no texto do artigo. São: *alustres*... relampagos.

Arangões... artezões, nervuras da abobada. É popular dos pedreiros».

Quando lhe tratei do seu primeiro artigo nos *Serões*, escreveu-me então: «O artigo nada tem de grave, mas escuso dizer, é condição sair como eu o escrevo». Vinha esta recomendação por que Maximiano de Azevedo, que dirigira os *Serões* em tempo, lhe pedira um artigo. Escreveu-o Fialho e Maximiano quisera logo cortes. Corte aqui, corte ali, corte acolá, etc. Mandara dizer isso a Fialho, que metendo o artigo no bôlso, dissera a rir: «Corto. Corto a barba e o cabelo». E a rir guardara o artigo, satisfeitíssimo do dito e da partida que assim pregava.

Como tudo isto vai longe já. Como a gente envelhece sem querer...

II

Ás vezes, da solidão do seu exílio de Cuba, porque Fialho era um homem de cidades e de multidões, vinha um cartão seu ou trazer-me o desejo de *Boas festas e anos prósperos* ou perguntar-me se eu tinha êste ou aquele volume de que a sua livraria possuía duplicado. Assim recebi a *Buena gente*, de Santiago Rusiñol. Outras vezes perguntava pelo Penteado que êle não tinha coragem de ir visitar, agonizante. Em compensação eu enviava-lhe artigos curiosos que lia, catálogos de livrarias, e relatava-lhe o que se dizia por cá dele e dos seus trabalhos.

Quando escrevi n'*A Lucta* um artigo sôbre os *Outros tempos*, de Júlio Dantas, artigo incluído nos *Grilhetas*, enviei-lho. Foi isso por altura da publicação do seu artigo *O Rei morto.* Dias depois a sua carta dizia: «O artigo sobre o livro de Dantas é excellente, e devia ter-lhe dado trabalho, pois fumega ainda das leituras feitas para a sua confecção. Muito

lhe agradeço a paciencia evangelica que teve de desenvolver para rever com tão perfeito cuidado o arrazoado que mandei para o *O Portugal.* Vem perfeito: apenas 2 ou 3 gralhas de caixa, que seguramente vieram já depois da revisão. Augmentaram muito a tiragem; exgotou-se e suponho que o vão reproduzir. Entretanto irei eu apanhando porrada. Mas isto diverte-me....»

Já estava acostumado.

Quando eu o informava do que por cá se dizia do prefácio ao *Regicidio e Regenicidio,* obra prima de crítica pedagógica, escrevia-me êle: «Agradeço tambem quantas informações e echos dispersos me reproduz, sobre o prefacio Chouzal, que vejo ter «calhado» passando d'esta vez sem a campanha de injurias costumada. O livro, segundo acabo de saber, é muito caro. Seis tostões por um sermão antecedido d'outro, é escarmento para fazer fugir bastos fieis...»

Fialho fazia anos em maio. Em 1909 enviei-lhe o costumado cartão de felicitações. Respondeu-me: «Meu caro amigo. Effectivamente, effectivamente parece «que cahi na asneira, de fazer na sexta feira...» Pois querido amigo, se a sua carta m'o não recorda, de todo me teria passado». Não me lembro se os versos de João de Deus dizem sexta

feira. Se dizem está certo, porque o dia 7 de maio dêsse ano foi por acaso uma sexta.

Para os *Serões* ainda eu fiz o artigo sôbre *Como trabalham os nossos escritores*. Fialho fotografou-se em Cuba e já a gravura estava feita quando êle embirrou com as chinelas que tinha calçadas. Mandou cortar sem que servissem de nada objecções. Risonho sempre, obrigou a cortar a gravura, que saíu sem que tais chinelas aparecessem como se pode ver.

Fialho era um trabalhador. Escrevia de vagar mas com facilidade. O artigo sôbre D. João da Câmara, que saíu n'*A Lucta*, foi feito à mesa da redacção entre as conversas e o bulício da sala. Para o final dêsse artigo fiz eu a bibliografia que Fialho achou bem, porque Fialho tinha uma decidida vocação para os estudos eruditos e uma especial paixão pelos estudos sôbre a literatura e arte espanhola. Patenteou-o na sua biblioteca. Quando em 1909 se vendeu a Livraria de Diogo José Soromenho enviei-lhe o catálogo. Escolheu o n.º 590 «uma historia de Salamanca, em 3 volumes». «Se fôr barata, ahi por 1.200, até 1.500 réis, compre-ma e mande-ma. Mais, não. A condição *sine qua non* da compra, é vir com a remessa do livro, a conta de custo e de transporte, para ir o dinheiro na volta do correio. Senão, não!» Isto tudo porque eu um

dia tinha comprado em boas condições o *Cancioneiro da Vaticana.* Fôra uma compra de 3 exemplares por mim descobertos num sapateiro, ao Monte. Dei-lhe um, guardei outro e destinei o que restava a Eduardo de Noronha. Pois foi uma ralação para o aceitar precisando dele, porque eu o tinha comprado e êsse dinheiro devia com certeza fazer-me falta, dizia.

Que êle trabalhava sempre não há dúvida. Estudava sem descanso. Um belo dia escreveu-me para que fôsse à Parceria Pereira recolher um manuscrito de Vergílio Várzea. «O Varzea quer um prefacio e eu não lh'o posso recusar. Desmazelo já tem sido estar desde março a julho sem lh'o escrever!...» Diz que lh'o remeta «sem demora para se escrever quanto antes o prefacio a ver se ainda é tempo de resgatar a má impressão que o meu silencio deve ter produzido no V. Varzea». Não o chegou a escrever, como nunca concluíu o prefácio da *Pastoral,* de Coelho Neto, de que estão impressas duas fôlhas.

Muitas vezes pus à prova a sua paciência. A última foi na resposta ao inquérito que eu fiz nos *Serões* sôbre a *Paizagem portugueza,* e a que êle respondeu, embora sem grande desejo, porque Fialho era um exigente e um complicado, tendo sempre receio de principiar alguma coisa. É ver como êle, perdido o mêdo de viajar, se dispunha a correr

mundo para o futuro. Ele o diz no postal — um *Saint Mathieu* de Rembrandt — que me escreve de Paris. « Em dois dias me familiarisei com esta vida, creando mais uma escravidão — esta de não pensar senão em voltar a Paris, com demora, com brevidade e com dinheiro. Que admiravel terra de trabalhadores e de malucos ».

A primeira viagem pela Galiza deslumbrara-o, esta agora deslumbrara-o e seduzira-o. Um seu postal de Leon a quando da 1.ª viagem (1907): « Para ver esta maravilhosa cathedral de Leon, e visitar o mosteiro de S. Marcos, fiz 12 horas de C. de ferro, da Coruña até aqui ». Outro de Anvers, a quando da 2.ª (1910) diz: « Anvers é o santuario onde se guardam as obras primas de Rubens, n'esta cathedral cuja imagem pallida lhe remetto. Tem alem d'isso um dos mais ricos e visitados museus do mundo. Sigo para Bruges ».

Sempre os seus postais vinham e sempre a sua amizade foi boa, grande, certa e generosa. A amizade de um grande homem é um favor dos deuses, disse não sei quem. É. Pena só que eu não tenha o colorido da sua pena mágica para a evocar com as roupagens e a pompa com que se fala dos grandes e bemfazejos deuses.

III

A sua Biblioteca

Dizia Herculano, nos *Opusculos*, que os livros são a primeira necessidade do homem de letras. Afirmava uma grande verdade o homem que mais tarde, quando lhe fecharam os arquivos, havia de dizer: «escrever é hoje para mim o mesmo que ser vereador, jurado ou membro de um conselho de districto: é um encargo e mais nada». Homem de letras sem livros é nada. Desconfiai dele. É certo que os há. Mas é certo também que o tempo nenhum tempo leva a carcomer-lhe a obra. Fernando Palha deixou uma biblioteca preciosa. Adolfo Loureiro idem, Rodrigo José de Lima Felner, além da livraria, reuniu a mais copiosa colecção de teatro de cordel que se conhece. Camilo por duas vezes vendeu os seus livros. As livrarias de Mendes Leal e Figaniere foram vendidas juntas no mesmo leilão. O visconde de Ouguela, Andrade Corvo, Judice Bicker, Costa Cascais, Fernandes Tomás, Sousa Viterbo e Rodrigo

Velozo, tiveram livrarias que, vendidas em leilão, deixaram fama. Não haja dúvida. Sem livros não vive o escritor.

* * *

Fialho d'Almeida deixou a sua livraria à Biblioteca Nacional de Lisboa e o seu catálogo coordenado pelo conservador sr. João Costa é um elegante volume de 300 e tal páginas, que honra o seu autor e a repartição que o publicou.

Folheando-o, é curioso, a gente sabe um pouco do complexo espírito do seu possuidor. Não é a biblioteca de um bibliófilo, não é. É apenas a biblioteca oficina, laboratório, ferramenta, de um escritor. Não há edições raras e valiosas áparte um Garcilaso de la Vega de 1609, e uma 1.ª edição da *Nova Floresta.* Mas há de tudo um pouco, de tudo o suficiente para uma extraordinária, nababesca viagem pelas regiões do sonho e da fantasia. Um fradinho oratoriano que viesse folhear êste catálogo ficaria emparvecido ante a mescla de sacro e profano, de sciências opostas e diversas artes que o cérebro de hoje tem de cônhecer. E se com um grito de júbilo topasse *Las Meditaciones y la Guia de Pecadores*, de Frei Luís de Granada, não tardaria a soltar um *vade*

retro iracundo ao encontrar a *Histoire de Manon Lescaut et du chevalier des Grieux.* Ao pé do *Camiño de Perfecion*, de Tereza de Jesus, a santa, veriam seus olhos *L'Anarchie*, de Jean Grave, o doutrinário, ou o irónico *Satiricon*, de Petrónio. E de todo emparveceria o frade quando mais adiante visse *La Escuela de Tauromaquia de Sevilla y el toreo moderno*, por Lagartijo, muito unido às *Instrucções relativas ao tratamento das vinhas atacadas de míldio* e aos *Sermões*, de Bossuet.

Pois é por isso exactamente que a biblioteca do mestre foi uma oferta maravilhosa à pobreza franciscana em tudo que não seja liturgia e Santos Padres, da Biblioteca Nacional. Trouxe-lhe os literatos espanhóis de hoje, Pereda, Pérez Galdós, Valle Inclan, Trigo, Gomez Carrillo, Benavente, Pio Baroja e Blasco Ibañez, as obras da filantrópica Concepción Arenal, de Becquer, os clássicos espanhóis da colecção caríssima Ribadeneira. Trouxe lhe os modernos franceses de Hugo ao perversíssimo Jean Lorrain, tôda essa literatura dos Goncourts, Flaubert, Anatole, Brunetière, o Balzac todo, todo o Maupassant.

Trouxe-lhe os orientadores, revolucionarios e filósofos. O Darwin e Bakounine, Kropotkine e Nordau, Nietzsche e Max Stirner. A colecção quási

completa dos filósofos do Felix Alcan e o Le Dantec, o Taine e o Gustavo Le Bon quási todos.

Mas trouxe-lhe também uma coisa em que a nossa biblioteca era paupérrima. As literaturas do Norte, que êle aconsèlhara a João da Câmara e que a João da Câmara deram *O Pantano.* Lá temos Dostoievsky, Gorky, Gogol, Sacher Masoch, Strindberg, Björnstjerne Björnson, Heidenstam, Ibsen, Hamsun; lá temos Suderman, Hauptmann, Hartman; lá temos todo o Dickens, Quincey, Thackeray, Wilde, o soberbo, Wells, o fantasioso, Poe, o alucinado. Queremos clássicos? Apuleio, Homero, Juvenal, Ovidio, Lucano, Aristófanes e Plutarco. Queremos a literatura do Brasil? Pois Machado de Assis, Euclides da Cunha, Coelho Neto, João do Rio, Graça Aranha e outros, lá estão à farta.

Topamos *La Machine à vapeur*, de Perissé, ao lado da *Fé estabelecida sôbre a cruz de Christo triumphante*, de Savonarola, o livro de Crooke sôbre espiritismo junto do livro de Roosevelt sôbre a vida livre.

Como médico, êle prestou um pouco o culto aos mestres. Não comprou o Avicenna, o Hippocrates, o Galenus, nem mesmo a clássica *Anchora Medicinal*, do nosso Fonseca Henriquez, mas tinha o Charcot, o Dieulafoy, o Jaccoud, o Topinard e o Brouardel,

não se dedignando de os aumentar com o Metchnikoff e com o Ribot.

Três coisas lhe mereceram interêsse particular: A Espanha na sua literatura e nas suas tradições, os naufrágios, e a literatura popular.

Os Amador de los Rios teem na sua livraria um lugar de honra. Oviedo, Burgos, Huelva, Murcia, Valladolid, Badajoz e Caceres, Tarragona e Leon, Asturias e Avila, tudo isso tem amplas monografias. E tudo o interessava, quer fôsse o *Estudio sobre el coro de la Catedral de Zamora*, de Francisco Antón, quer fôssem as *Tradiciones de Toledo*, de Olavarria y Huarte; a *Vieja España*, de Salaverrla, ou *Sancta Maria de Lugo de los ojos grandes*, de Argos Divina. Eu mesmo tive o encargo do mestre de, no leilão Soromenho, lhe licitar sôbre um livro sevilhano que afinal foi caro e disputado. Fialho pensava num livro sôbre a Galiza e dele publicou excerptos. Forrajeava como se vê, trabalhosamente, os subsídios.

Os *Naufragios* é ver como êle os coleccionou amorosamente. Simbolizavam para o seu espírito a gana aventureira da nossa raça e constituiam os caboucos da nossa grandeza perdida. Pois lá estão todos em edições velhas, o que é mais para admirar. Edições preciosas, seiscentistas. Lá está Gaspar Afonso, o Padre Cardim e Manuel Severim de

Faria, João de Carvalho Mascarenhas, Frei Nuno da Conceição, Lavanha; Teixeira Feio, Vaz d'Almada, a *Historia Tragico-Maritima*, etc.

Quanto à literatura popular, interessavam-no os cancioneiros portugueses e espanhóis, Calafate, o Cantador Manuel Alves, o José Daniel Rodrigues da Costa com a *Confissão geral de um marujo chamado Vicente*, a *Historia da imperatriz Porcina*, de Baltazar Dias, a *História do Califa Cegonha*, a do *Capuchinho escossez* e dos *3 corcovados de Setubal*, *Lucrecio, Flavio e Juliano*. Tudo isto com Ponson du Terrail, o teatro de Labiche, os romances folhetinescos de Pierre Decourcelle e as fantasias de Júlio Verne.

Os portugueses estão bem representados. De tudo, português e brasileiro, que recebia, só guardava o que reputava bom. O outro dava, pois dizia que um livro nunca se perde. Se bom não era para si, a outrem o pareceria. E eram de caixotes de livros as dádivas, sempre a associações, grémios, colectividades.

A Arte também tem um raio importante nas suas estantes. Lá estão os livros de A. Franklin sôbre a vida dos antigos, o *Inventaire Général des Richesses d'Art de la France*, a *Histoire de l'art dans l'Antiquité*, de Perrot, a colecção inglêsa dos pintores, o demónio. Está tudo numa sala austera, com o seu

busto olhando, guardião. Está tudo. Mas o seu espírito evolou-se, a sua voz emmudeceu. Não existe a figura. A sombra essa sim, que é enorme. Mas é maior a saudade ainda, meu grande mestre, meu amigo querido . . .

In Memorian

TENHO uma grande dificuldade em escrever de Fialho. Êle foi para mim amigo e mestre e a êle devo quási tudo o que sou. Não sei pois fazer frases tão descabidas nesta hora dolente de saudade em que a minha alma se conturba e entristece. Conheci-o à porta da livraria Tavares Cardoso, já lá vai um ror de anos. Era eu então um mocinho pálido que publicara um livro. Tinha por Fialho um culto que o tomava por quási Deus. Um dia falou-me. Disse-me qualquer coisa banal, como por exemplo: — está muito calor! Que alegrão tive, santo Deus! Depois falámos muito, êle ora grave e aconselhador, ora bondoso e exortativo, ora críticamente irónico, alegre, galhofeiro, com uma alegria saltitante de garôto partidista e malicioso. Um belo dia veio a minha casa, deixou

êsse dia na fotografia que tenho dele, com a sua assinatura, e ficámos amigos para a vida e para a morte.

* * *

A sua morte! Fialho morreu de desgôsto, de aborrecimento. Como? Um belo dia João Franco chamou-o, disse-lhe coisas amáveis e preparava-se para lhe conceder honras que só a intriga e a politiquice costumam alcançar. Êle, o velho revoltado, tão sensibilizado ficou, que João Franco teve nêle um sectário fervoroso. Acostumado tôda a vida a ser tratado como literato, com a quási nula importância material e honorífica que em Portugal um literato disfruta, Fialho, o gato bravo, ao ser pela primeira vez acariciado, sensibilizou-se. Era próprio da sua alma cheia de bondade. Corriam tempos de agitação. A revolta lavrava e veio a queda de Franco. Teve com isso um grande desgôsto. Depois, todos sistemáticamente se afastavam dele.

Á porta da livraria o Mestre já não pontificava. Errava o olhar nostálgico por sôbre os que passavam e o seu riso fôra-se. Alguém, um ou outro, ou o cumprimentava e se evadia rápido, para não se comprometer, ou se distraía para o não cumprimentar. E de tal forma isso foi que, velhos companheiros lite-

rários, tendo escrito nos mesmos livros, com êle cortaram relações, com mêdo de se comprometerem. Não há dúvida que só os suspeitos teem tanto mêdo de evitar suspeições. Fialho também tinha por êles o asco que se tem pelas coisas desprezíveis.

Depois começaram os doestos na imprensa, e êle, que era o maior espirito literário de Portugal, depois de Camilo, foi tratado em prosa latrinária como se fôsse o maior dos pulhas. Com a prosa iam caricaturas, e êle viu-se cercado de uma cáfila feroz, jacobina e perversa que, dizendo-se inimiga dos inquisidores e dos tormentos, parece ser formada de seus mais queridos e mimados filhos putativos.

Fialho emigrou para Cuba. Creio que lá lhe sucedia o mesmo. Recolheu a casa. Um belo dia morreu. A literatura perdeu um mestre. Eu perdi um grande amigo. Fôra êle quem me apresentara a Brito Camacho, fôra êle quem me encorajara no caminho das letras. Pedem-me duas linhas: Ei-las. Tôdas as coisas belas que eu porventura soubesse dizer se me afogariam na garganta. É que um baraço de comoção me aperta a gorja e os olhos se me começam ennublando. Fialho de Almeida! Outros dirão dele as mágicas coisas que êle merece. Eu trouxe apenas a minha abada de violetas, que deixo tombar sôbre o seu nome...

Notas bio-bibliográficas e iconografia

Por amável deferência do professor Francisco Gentil, ilustre director da Faculdade de Medicina, foi-me dado consultar o processo escolar de Fialho de Almeida, que se arquiva na Secretaria da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, e dele extraí as seguintes notas, que me pareceram interessantes:

José Valentim Fialho de Almeida nasceu a 7 de maio de 1857 em Vila de Frades. Era filho de Valentim Pereira de Almeida, de Vila de Oleiros e de D. Mariana da Conceição Fialho, de Vila de Frades. Foi o primeiro filho do matrimónio e teve por avós paternos João Pereira de Almeida e D. Ana Maria de Jesus, ambos de Proença-a-Nova e maternos Manuel de Deus, de Vila de Frades, e D. Maria Gertrudes, da Vidigueira. Foi baptizado a 8 de junho de 1857 na igreja de São Cucufate, de Vila de Frades, concelho da Vidigueira, bispado de Beja, pelo padre Joaquim Freire de Carvalho, servindo de padrinhos José Joaquim de Carvalho e Sebastião José de Carvalho e Almeida. Tal diz a sua certidão de idade que está no livro da Freguesia, que começa em 1851, a fl. 72 v.

O seu processo escolar é curioso, porque mostra à saciedade ter sido sempre Fialho um mau estudante, um espírito rebelde ao estudo e mais propenso à apreensão fácil e à ensimesmação romântica. Mas mostra também uma fôrça de vontade pouco comum, o desejo de ser alguém, que o resultado dos estudos medíocre e por isso mesmo enervador, numa criatura orgulhosa e modesta como êle, não conseguiu desanimar. Fêz o seu curso de medicina mas não chegou a defender tese e do que êsse curso foi vamos tentar dizer em poucas linhas, segundo o que nos revela o seu processo.

Em 18 de outubro de 1879 requere Fialho à Secretaria da Escola a sua matrícula. A 20, Tomás de Carvalho põe como despacho o *matricule-se* sacramental e a 28 de setembro do ano seguinte aparece-nos o seu requerimento de matrícula ao 2.º ano.

Encontra-se Fialho então em Vila de Frades e de lá delega no Sr. Celestino Germano Pais de Almeida o assinar-lhe o têrmo.

Fialho teve sempre o horror das Anatomias.

Escapou do 1.º ano, tão feliz como Camilo que no Pôrto escapara com um indulgente R; mas no 2.º ano, chegado à data em que devia fazer exame, 5 de julho de 1881, apresenta uma certidão em que o Dr. L. T. de Freitas e Costa diz que «uma forte nevralgia facial o impede de entregar-se a qualquer exercício intelectual ou trabalho físico», ao mesmo tempo que pede para fazer exame em outubro.

Fêz e foi reprovado porque em 11 de outubro de 1881 requere novamente matrícula na negregada Anatomia. Tal mêdo lhe tomou, porém, que, devendo fazer exame em 10 de julho de 1882, novamente se agarra ao Dr. Freitas Costa para que êle ateste. Lá está uma certidão datada do dia do exame dizendo que uma gastro-enterite «o impede de sair hoje de casa». E novamente Fialho requere exame em outubro.

Êsse mêdo só lhe voltou a quando do seu exame de Farmácia. Foi em 17 de julho de 1883 e uma certidão do Dr. Abel da Silva diz-nos que «uma gastrite aguda o impede de comparecer no exame».

Em 30 de setembro de 1883 pede matrícula no 4.º ano, assinando-lhe o têrmo Francisco António Leopoldino Gonçalves. Certidão da Escola do dia anterior diz que êle fizera os exames de Matéria Médica, Anatomia Patológica e Patologia Externa, respectivamente em 9, 16 e 20 de julho dêsse ano, sendo em todos aprovado plenamente e que «provou o 1.º ano da 9.ª cadeira, Clínica Cirúrgica».

Em 29 de setembro de 1884 pede matrícula no 5.º ano, autorizando o seu colega Joaquim José Alegre a assinar por êle. Nesse ano fizera Patologia Interna a 8 de julho e Medicina Operatória a 14, sendo nos dois exames aprovado plenamente. Mas diz a certidão respeitante a êste ano que êle «provou o 1.º ano de freqüência de Clínica Médica e o 2.º de Clínica Cirúrgica».

Se formos buscar os seus estudos da Politécnica e do Liceu mais se radica a nossa impressão. Uma negação absoluta pelas

sciências áridas de nomenclatura extensa e complicada. Uma atracção pelas outras em que o espírito se compraz e deleita. Assim êle aparece-nos com extraordinária vocação para o Desenho, para a História e Geografia onde consegue distinções, e em Português não passa dos 12 valores, êle que viria a ser um dos maiores escritores da língua portuguesa.

No Liceu, em 1868, fêz os exames de Desenho a 4 de julho, Português 1.º ano a 6, e Francês a 14. As notas são distinção e 16 valores para o Desenho, 10 e 12 valores para os outros.

Em 1869 fêz o 2.º ano de Desenho, Latim a 26 de julho e o 3.º ano de Português a 27, sendo as notas 10 valores para o Latim e 12 para o Português.

No ano seguinte, a 8 de julho, faz o 3.º ano de Desenho alcançando 15 valores. Em 1871, a 5 de julho, faz Introdução à História Natural e a 19, Inglês. 13 valores para a Introdução, 10 para Inglês.

De 1871 a 1875 vai um período em que parece ter abandonado os estudos. Porém em 1876 faz Matemática, Geografia e História, alcançando uma aprovação na primeira e uma distinção nas restantes.

Entrou na Politécnica. Aí em tôdas as cadeiras que freqùentou, a nota mais elevada, a nota única que alcançou foi o «suficiente». Assim em Física (22 de outubro de 1878) e em Química Orgânica e Análise Química (15 de outubro de 1879) obteve 10 valores. Em Química Mineral (22 de junho de 1878) e Zoologia (19 de junho de 1879) não passou dos 12.

Nesse ano de 1879 voltou ao Liceu a fazer o exame de Filosofia Racional, 1.ª parte, que lhe faltava, matriculando-se então na Escola Médica.

Como se vê Fialho de Almeida está muito longe de ter sido *urso*. Êle que foi o mais brilhante espírito da sua geração, cérebro genial, observador extraordinário e colorista intenso, foi um estudante comum, apagado e fraco. Que importa! O curso passou com êle, de todo com êle foi à sepultura. As páginas da sua obra, *Os Ceifeiros*, o *Sérgio*, o *Entêrro de D. Luís*, a *Madona*, a *Ruiva*, etc., essas ficam eternas, duradouras, imperecíveis, pelos séculos

dos séculos, emquanto o Sol alumiar a Terra, e bata dentro de cada peito um coração.

* * *

Fialho publicou no *Á Esquina* uma autobiografia em que conta a sua mocidade. Para a completar deve ler-se o artigo de Fortunato da Fonseca inserto em *O Contemporâneo* n.º 106, 8.º ano, Lisboa, e no *Comércio do Pôrto Ilustrado*, de 1894, o artigo *Na Província*.

A obra de Fialho é a seguinte:

LIVROS:

Contos. Pôrto. E. Chardron, 1881, 380-4 pág.; 2.ª ed. Lisboa. A. M. Teixeira. 1912, 378-1 pág., donde é a 3.ª, 1914, 377-7 pág. e 4.ª ed. Lisboa. 1918, 384 pág.; 5.ª s/d.; 6.ª, 1923, 381 pág.;

A Cidade do Vício. Pôrto. E. Chardron, 1882, 323-5 pág.; 2.ª ed. Lisboa. A. M. Teixeira; 3.ª ed. Lisboa. id. 1913, 325-1 pág.; 4.ª ed. Lisboa. id. 1917, 325-3 pág.; 5.ª ed. Lisboa. id. 1920, 325-3 pág.; 6.ª, 1923;

Pasquinadas (Jornal dum Vagabundo). Pôrto. Costa Santos, 384 pág. (1890); 2.ª ed. Pôrto. Liv. Chardron. 1904, 382-2 pág.; 3.ª; 4.ª, 1923;

Lisboa Galante (Episódios e Aspectos da cidade). Pôrto, (1890). Costa Santos. 321-7 pág.; 2.ª ed. Pôrto. Liv. Chardron. 1903, 338-2 pág.; 3.ª ed. Pôrto. 1920, 259-5 pág.;

Vida Irónica (Jornal dum Vagabundo). Lisboa. (1892). Monteiro & C.ª. 454-2 pág.; 2.ª ed. Lisboa. A. M. Teixeira. 1914, 393-4 pág.; 3.ª ed. Lisboa. id. 1919, 370-2 pág.; 4.ª s/d.;

Madona do Campo Santo. Edição revista pelo autor. Augusto de Oliveira, Coimbra. 1896. É um dos volumes da Biblioteca Internacional dirigida por Eugénio de Castro. 93-3 pág. Retrato por Celso Hermínio;

O País das Uvas. Contos ilustrados por Julião Machado. (49 desenhos). Reproducções de Guillaume Frères & C.ª, de Paris.

Gomes e Magalhães & Moniz, Lisboa-Pôrto. 1893, 248-2 pág.; 2.ª ed. Lisboa. A. M. Teixeira. (1913) 315-1 pág.; 3.ª ed. Lisboa. id. 1915, 313-7 pág.; 4.ª ed. Lisboa. id. 1917, 313-7 pág.; 5.ª ed. Lisboa, id. 1920, 313-7 pág.; 6.ª ed. Lisboa, id. 1922, 313 pág.;

Á Esquina (Jornal dum Vagabundo). Coimbra. F. Amado. (1903) XXVII-I, 213-3 pág.; 2.ª ed. Lisboa. A. M. Teixeira, 1915. 247-8 pág.; 3.ª ed. Lisboa. 1919. id. XXV, 246-8 pág.; 4.ª ed. Lisboa, id. 1920, XXV-I-244-2 pág.;

«Barbear, Pentear» (Jornal dum Vagabundo). Lisboa. A. M. Teixeira, 1911. 273-3 pág.; 2.ª ed. Lisboa. id. 1916. 301-3 pág.;

Saibam Quantos... (Cartas e artigos políticos). Lisboa. A. M. Teixeira. 1917; 3.ª ed. Lisboa, 1920, 269-3 pág.;

Estancias d'Arte e de Saudade. Lisboa. 1921, 407-2 pág.;

Aves Migradoras. Lisboa, 1922, 509 pág.;

Em 1889, em agosto, iniciou a colecção de *Os Gatos* (Publicação mensal de inquérito à vida portuguesa). Era editor Alcino Aranha e saíram 57 números que se costumam reunir em 6 volumes (1889-93). Estão reimpressos em 2.ª ed. Lisboa, A. M. Teixeira. 1911. 264, 319-1, 288, 328, 312, 391-1 pág.; 3.ª ed. id., id., 1913. 259-1, 315-5, 288, 328, 297-7, 391-1 pág.

De colaboração com Henrique de Vasconcelos e Manuel Penteado publicou o *Livro prohibido.* Profecias, Farças & Sandices, Lisboa, 1904, 141 pág., ilustrado por Celso Hermínio e Francisco Teixeira, que motivou o *Livro permitido* por Sílvio da Silva, que diz ser pseudónimo de Guido Arnaldes de Baião. Emp. da H. de Portugal, Lisboa, 1904, 24 pág. Sílvio da Silva é pseudónimo de D. João de Castro, segundo cremos.

PREFÁCIOS:

Lírica. Sonetos e Rimas, por Luiz Guimarães. Lisboa. Tavares Cardoso. 1886, XXV-I-222-10 pág. ret. do autor; 3.ª ed. Lisboa, A. M. Teixeira. 1914, XXXVIII-222 pág.

Arte e artistas contemporâneos, de Ribeiro Artur, 1.ª serie. Lisboa, Liv. Ferin, 1896. Ilustrações de Casanova e Ramalho. 343-7 pág. Há mais duas séries.

Regicídio e Regnicídio. O Crime do Terreiro do Paço. Um ano depois. Sermão pelo cónego Bernardo Chouzal. Lisboa. Liv. Ferreira, 1909, XCIV-34 pág.

Dó sustenido. Episódio em 1 acto, verso por Mário de Almeida. Lisboa, J. A. Rodrigues & C.ª.

Esbocetos individuaes, por Henrique das Neves. Lisboa, 1911. Parceria António Maria Pereira. 8-262-2 pág. Insere uma carta não destinada a prefácio e outra autorizando a inclusão daquela.

TRADUÇÕES:

Fialho de Almeida traduziu para o Teatro: *João Darlot,* 3 actos de Legendre que foi representada na Trindade e *Os Impudentes* (Les Effrontés), de Emile Augier que foi representada no Teatro de D. Maria. Traduziu também *L'Évasion,* de l'Isle-Adam, que não foi representada.

O Dr. Gorãn Bjorkmann, de Estocolmo, no seu livro *Lilla Rosa Och Andra Berättelser* (Adolf Bermier, ed.) 193-1 pág. inclui a tradução de um conto de Fialho, e Ribera y Rovira nos *Contistes portugueses.* (Barcelona, 1913) inclui a tradução catalã de *Os Pobres.*

ICONOGRAFIA:

Retratos. Columbano, óleo; António Carneiro, desenho; Celso Hermínio, desenho. Postal, gravura de fotografia. N.º 8 da série Escritores, editada por Paulo Guedes & Saraiva.

Bustos. Gesso, de Costa Mota, na Bib. Nacional; busto pequeno em barro cozido, pelo mesmo artista, de que se tiraram alguns exemplares.

Caricaturas. Postal a côres, por Celso Hermínio; postal a côres, por Alfredo Cândido. No *Branco e Negro, Almanaque do Brasil-Portugal* e *Almanaque do Dia,* por Celso, no *Mundo,* por Alberto de Sousa, na *Ilustração Portuguesa,* por Francisco Teixeira, no *António Maria, Pontos nos ii* e *Paródia,* por Bordalo Pinheiro (Rafael).

SÔBRE FIALHO CONSULTAR:

Alfredo Gallis, Intelectuais, III. Fialho d'Almeida. Lisboa. Gomes de Carvalho, 1901, 21-3 pág.

Lopes de Oliveira, Intelectuais, III. Fialho d'Almeida. Coimbra. Casa Europa, 1903, 108-4 pág.

Francisco Lagreca, Em defesa do mestre. Resposta a Fialho d'Almeida sôbre o que escreveu contra Eça de Queiroz. S. Paulo. 1906.

Flexa Ribeiro, Fialho d'Almeida (visão estética de sua obra) Carta autógrafa e retrato de Fialho. Lisboa. A. M. Teixeira, 1911, 102-2 pág.

Alberto Saavedra, A linguagem médica popular de Fialho. Separata dos n.os 7, 8, 9 e 12 do «Portugal Médico». Pôrto. 1915, 30 pág.; 2.a ed. Reimpressão, revista e melhorada de uma separata do «Portugal Médico». Pôrto, 1916, 73-3 pág.

Bib. Nac. de Lisboa, Sala Fialho d'Almeida. Catálogo geral da livraria legada pelo notável escritor José Valentim Fialho d'Almeida, à Biblioteca Nacional de Lisboa. Coimbra. Imp. Univ. 1914, 304-4 pág. Fêz-se uma separata. *João Costa. A livraria de Fialho d'Almeida.* Coimbra. 1915, um folhêto.

Visconde de Vila Moura. Fialho d'Almeida. Edição da Renascença Portuguesa. Pôrto (1917), 137-7 pág.

Fialho d'Almeida. In Memorian. Organizado por António Barradas e Alberto Saavedra no sexto aniversário da morte do escritor. IV-III-MCMXVII. Tip. da Renascença Portuguesa. Pôrto. 300 pág. (1).

António Arroio. Almeida Garrett e Fialho d'Almeida no Vale de Santarêm. (Separata do livro F. d'Almeida — *In Memorian*), Pôrto. 1917, 15-1 pág.

António Barradas. Fialho Médico. (Separata do *In Memorian*). Pôrto. 1917, 23-1 pág.

---

(1) Num livro aparecido em 1923 sôbre Fialho, de Castello Branco Chaves deprime-se, talvez por não ser integralista, o *In Memorian.* Nunca se fêz tamanha injustiça em Portugal.

Alberto Saavedra. Fialho e a Música (Separata do *In Memorian*). Pôrto. 1917, 13-3 pág. Destas três últimas publicações, separatas do *In Memorian,* tiraram-se 50 exemplares de cada.

Cláudio Basto. A Linguagem de Fialho. Pôrto (1917), 32-1 pág.

Luís F. A. Botelho. Fialho através da obra (estudo crítico). Edição póstuma. Pôrto. 1917, 32 pág.

Castelo Branco Chaves. Fialho d'Almeida. Notas sôbre a sua individualidade literaria. 1923. XLIII-3-71-5 pág., uma tira errata.

Correia da Costa. Eça, Fialho e Aquilino. Ensaios de crítica e arte. Lisboa. 1923, 189 pág., 8.º

Veja também:

Bruno, Os modernos publicistas, e A Geração Nova; O artigo *Fialho d'Almeida* na *Enciclopédia Portuguesa; Mendes dos Remédios,* História da literatura portuguesa; *Guerra Junqueiro,* A Pátria; *Câmara Lima,* Aguas passadas; *Alfredo Mesquita,* Vid'airada; *João de Barros,* La littérature portugaise; *Veiga Simões,* A nova geração; *Dr. Ferreira Deusdado,* A crise do ideal na arte; *Visconde de Vila Moura* e *António Carneiro,* Grandes de Portugal; *Beldemónio,* Viagens no Chiado, pág. 259; *Joaquim Leitão,* A Entrevista. N.º 20. 1914; *Eça de Queiroz,* Dicionário de Milagres; *José Queiroz,* Figuras gradas; *Júlio Dantas,* Figuras de ontem e de hoje; *Branca de Gonta Colaço,* Poetas de hoje; *Arnaldo Fonseca,* Eça de Queiroz: Os panegiristas da sua obra e os censores da sua carcassa; *Joaquim Costa,* Alma Portuguesa; *Albino Forjaz de Sampaio,* Grilhetas; *Cartas de Camilo Castelo Branco.* Prefácio de Albino Forjaz de Sampaio. Lisboa, 1916. Publica o programa de Fialho para a obra sôbre Camilo.

E ainda:

No *Dia* o artigo de Raul Brandão, quando saiu o *Á Esquina;* na *Luta* o artigo de Brito Camacho, quando Fialho morreu; na *Crónica* o artigo de Abel Botelho; no *Diário Popular,* n.ºs 21 e 22 de 3-4 de abril de 1911 o — Fialho d'Almeida — Notas íntimas por Xavier Vieira, dois folhetins; no *Movimento Médico* (?) Fialho d'Almeida, por António Pádua. 7.º ano, 1911; na *Límia* o artigo de João da Rocha; na *Águia* o de Manuel da

Silva Gaio; nas *Novidades* os de Fortunato da Fonseca por ocasião da morte de Fialho; no *Novo livro de leitura para as escolas primárias de Portugal e Brasil,* por João Diniz. 1881, 3.ª ed., 1884; e no livro *Le Portugal.* Paris (1900), artigo de Louis-Pilate De Brinn'Gaubast.

Veja também na *Revista de História* n.º 9, 1914, a carta de Eça a Fialho, a propósito de *Os Maias.*

Fialho tem colaboração em muitas revistas e jornais. Citaremos como mais notáveis a sua colaboração na *Revista de Portugal,* na *Ilustração,* de Mariano Pina, no *António Maria* e na *Ilustração Portuguesa,* onde há um trabalho curioso sôbre Lisboa do futuro; nos *Serões,* onde há o seu estudo sôbre O Castelo de Alvito; no *Album-Homenagem à actriz Palmira Bastos* (pág. 19); no livro *Ângela Pinto;* no *Brasil-Portugal* onde publicou o seu notável artigo sôbre Eça de Queiroz; na *Revista Ilustrada* onde vem o seu estudo sôbre Camilo; nos Brindes do «Diário de Notícias» de 1881 e no de 1882 onde vem o *Pequeno drama na aldeia,* de pág. 133 a 174; no *Museu Ilustrado,* do Pôrto, no *Album de Costumes Portugueses,* (1888), na *Luta,* onde publicou críticas de arte e os artigos sôbre Wenceslau de Morais e D. João da Câmara; no *Almanaque das Senhoras,* onde tem um notável artigo sôbre Guiomar Torresão; no *Dia,* onde há o seu artigo sôbre José Maria de Pereda, Aníbal Soares, etc.; nas *Novidades* onde teve a polémica sôbre o Teatro Nacional com Amadeu de Freitas; no *Portugal* onde publicou o artigo sôbre *O rei morto;* no *Diário Nacional,* do Pôrto, onde saíu o seu artigo sôbre Hintze Ribeiro; no *Contemporâneo;* n'*A Monaco* (número único). Lisboa, 1894; no *O Poeta Cavador Manuel Alves.* Coimbra, 1906, onde de pág. 28 a 32 há uma sua carta de Cuba, 12 de outubro de 1901; no *Bombeiro Português.* Pôrto, 1877; na *Renascença.* Pôrto, 1878; na *Revista Portuguesa.* Pôrto, 1894-5; n'*Os Dois Mundos.* Lisboa, 1877-81; n'*O Atlântico.* Lisboa, 1880; no *Anátema,* número único, Coimbra, 1890; *A Duse,* número único, 1898; *Beja-creche,* número único, Coimbra, 1885; n'*A Correspondência do Norte.* Braga, 1884; n'*Um feixe de plumas,* número único, Pôrto, 1890; no *In Memorian,* de Sousa Martins, 1905. E no

Cosinheiro dos Cosinheiros, publicado por P. Plantier em 1905 e onde a pág. 728-9 vem um arroz de perdizes à Fialho. Um número da *Ilustração Portuguesa,* dirigida por C. M. Dias, traz um artigo sôbre os nossos escritores cosinheiros, que se lhe refere, etc.

Fialho de Almeida foi muito tempo secretário da redacção de *O Reporter* onde fazia críticas teatrais, e com Melo Viana e Marcelino Mesquita publicou, ainda estudante, e em benefício da Caixa de socorros a estudantes pobres *A Estudantina* em abril de 1884. VIII pág.

Usou o pseudónimo de *Valentim Demónio* e *Irkan.*

Era muito torturado no escrever e tanto que o seu romance *A Quebra* esteve impresso e mandou-o inutilizar. Mandou também inutilizar o 1.º número do jornal *Vida Nossa* em que se incluía a «*Literatura Gá-Gá*», jornal que nunca mais saíu. Escreveu parte de um prefácio para a *Pastoral,* de Coelho Neto. Impressas duas fôlhas mandou inutilizar. Eu possuo a *Vida Nossa,* estas duas fôlhas e mais duas de um livro, que incluem um artigo intitulado *Concurso de Pintura Histórica* (Arte na vida e nos costumes) e que nunca chegou a sair.

Fialho d'Almeida foi um grande e um bom. Que êle fôsse um bom fica a minha afirmação. Que êle fôsse grande a sua obra se encarrega de o demonstrar.

Duas cartas.

Herculano e Camilo

DUAS CARTAS

HERCULANO e Camilo! Do maior e do melhor das nossas letras. E todavia que amargas queixas, que pesada expiação. As duas cartas, a de Herculano, está nos papéis manuscritos da Biblioteca Nacional; a de Camilo, na minha colecção de autógrafos. A de Herculano foi escrita a um amigo desconhecido, a de Camilo a D. Eugénia Mendes Vizeu, 1.ª viscondessa de S. Caetano, falecida a 4 de julho de 1885. A de Herculano é cheia de uma revolta amarga e conformada, última *étape* da que nos *Opusculos* lhe ditou que escrever era para êle o mesmo que ser vereador, jurado ou membro de um conselho de distrito, um encargo e mais nada. A de Camilo é cheia de desesperança, de desalento, um dos mais sentidos poemas em prosa que a sua pena sôbre o seu sofrimento podia traçar. Mas ambas dizem à saciedade

alguma coisa do que tem de amaríssimas dores, de agonias sem nome o coração e o espírito dos que vivem de escrever, mesmo quando êles são assim gigantescos e supremos, como Herculano, o brônzeo historiador ou como Camilo, o comovido cinzelador de corações.

Ill.mo Am.o e Sn.r

Se estou perfeitamente curado das vaidades tolas de auctor, não o estou das de agricultor. Antes assim, se é forçoso pagar tributo até á morte á fofice innata do espirito humano. A vaidade litteraria não acha nunca sufficientemente amplo o theatro dos seus desvarios; a vaidade do lavrador contenta-se em regra com paspalhar deante de poucos amigos. Como todos os do officio, o lavrador de Calhariz tem a rara modestia de suppor que ninguem obtem melhores producções agricolas do que elle. Dominado por esta idea lembra-se de vez em quando de um amigo para victima e impinge-lhe um *specimen* das suas portentosas lucubrações, que provavelmente o amigo achará assás mediocres, mas que a rainha do mundo, a hypocrisia, o obrigará a declarar inimitaveis. Faz o mesmo que o litterato, que assignala

para o martyrio das confidenciaes leituras ora um ora outro dos seus infinitos amigos (o litterato é amigo de toda a gente que tem a desgraça de não ser surdo) para lhe descarregar em cima um chuveiro d'odes, de cantos, de capitulos, de estheticas, de transcendentalismos e d'asneiras... Fugindo da cidade para o campo, do livro para o *holcussaccharatus*, sinto, meu amigo, a todo o momento que levo comigo este receptaculo sujo de todas as miserias, chamado coração humano, e que se rio a perder dessa cousa a que se chama gloria adquirida pela penna, ainda sacrifico ao Moloch do amor proprio enthronisado no cincho do queijo de ovelhas, ou na batedeira da manteiga de vacca.

Foi desta vez o meu amigo a victima designada para o holocausto naquellas solidões tetricas das charnecas e serras do Calhariz tão azadas para se meditarem projectos atrozes. Tenha paciencia. Antes soffrer a vaidade do lavrador do que a do poeta. Este não lh'o fazia por menos de dous ou tres mil versos; eu reduzo-me ao stricto indispensavel de dous queijos e de dous pequenos boiões de manteiga. A moderação no meio da ferocidade prova, neste caso, que o espectaculo das grandes scenas da natureza nobilita o orgulho humano nos seus peiores instinctos. Se eu ainda fosse litterato, não sei se

o meu am.º escaparia do sacrificio só com esta levissima arranhadura.

De V. S.ª

Am.º, consocio e C. obg.mo

A. Herculano.

Maio 1 — 60.

Ill.ma Ex.ma Senhora D. Eugenia Mendes Vizeu.

Ás phrases da carta de V. Ex.ª que me exprimiam, quase todas, as lagrimas de filha extremosa, poderia eu responder com a banalidade das consolaçoens, pedindo a V. Ex.ª perdão da trivialidade. Cumprido este dever, podia mandar baixar os stores das minhas janellas, e continuar o meu crepusculo, especie de gradação para as trevas infinitas. Mas na carta de V. Ex.ª havia uma ordem, uma surpreza de grande consideração e honra para mim. V. Ex.ª queria o meu retrato e eu não tinha senão retratos antigos em que me desconheço. Um retrato que fosse a sombra d'um homem q̃. escrevia uns livros que V. Ex.ª leu, era necessario ir procural-o seis leguas distante da paragem onde estabeleci a m.ª ante-camara da sepultura. Deu-se o caso que no

Porto, o sol, como envergonhado de collaborar no retrato de uma cara tão antiga, sumiu-se. O photographo não queria operar sem o auxilio do grande astro, seu socio. Insisti contra a arte, e fui retratado ás escuras, como convinha.

Ahi está aos pés de V. Ex.ª o meu ultimo retrato, *ultimo* com certeza. Fica bem ao lado do decrepito V. Hugo como as ruinas incaracteristicas d'uma choupana ao lado dos despojos grandiosos de uma cathedral. Distanceiam-nos 24 annos, e todavia nos olhos do poeta colossal flammejam ainda as fulguraçoens da alma rejuvenescida pela gloria, e nos meus está a cristalisação das lagrimas das irremediaveis desesperaçoens.

Eu nunca poderia vêl-a, minha Senhora. É preciso que eu sacrifique o praser e a nobilitação, q̃. V. Ex.ª magnanimamente me offerece, a uma fatalidade que perante V. Ex.ª me salva da rude macula de indelicadesa. Eu sou a sentinella permanente de um tumulo onde tenho morta uma alma querida. Eu tinha um filho e uma grande adoração. Fui p.ª Coimbra com esta creança, e ao fim de dous annos de uma tristeza doentia e inexplicavel, o meu Jorge indoudeceu. Tem hoje 19 annos, e desde os 14 que não acorda da sua noite cerebral. Desde que me recolhi á aldeia com este esquife sobre o coração,

a minha vida é vigial-o q̃. não venha a redempção do suicidio.

V. Ex.ª vive triste. Fica-me a certeza de q̃. esta confidencia lhe não resvala pela alma como uma lastima impertinente. Neste seu retrato, minha Senhora, revelam-se as duas formosuras — a que o tempo desluz, e a outra imperecivel, unica de que eu tiro a prova da immortalidade do espirito. Quando V. Ex.ª tirou este retrato, ha quatro annos, devia ser feliz, tinha o seu chorado pai; e, ainda assim, nos olhos ideaes de V. Ex.ª está a sombra de uma vaga angustia que se aproximava. Ás dôres da vida de V. Ex.ª recôrro para que me absolva desta elegia, minha Senhora.

Se V. Ex.ª quer dispender comigo todas as gentilêsas da sua nobilissima e dadivosa Alma, consinta-me, m.ª Senhora, que eu me subscreva

De V. Ex.ª

amigo respeitador e servo profundamente reconhecido

Camillo Castello Branco.

S. Miguel de Seide.

7/3/82.

Felipe Trigo.

Felipe Trigo [1]

I

FELIPE TRIGO, o admirável espanhol cronista do perverso e do mundano, suicidou-se metendo uma bala na cabeça. Morreu em plena glória, lido, discutido, execrado e admirado, e à hora que o seu corpo tombava, disputava a multidão, ávidamente, nas ruas, a sua última novela.

---

(1) Felipe Trigo y Sanchez Mora nasceu em 13 de fevereiro de 1864 em Villanueva de la Serena (Badajoz). Era filho do engenheiro Felipe Trigo e de D. Izabel Sanchez Mazo. Era médico e médico militar desde 1892. Foi gravemente ferido nas Felipinas, na revolta dos Tagalos, perdendo alguns dedos de uma das mãos, por essa ocasião. Casado, tinha seis filhos, sendo 3 senhoras, médica uma como êle. Suicidou-se com um tiro na cabeça em 2 de setembro de 1916.

Escreveu: *Etiologia moral*, 1891 (Artigos publicados em *El*

Felipe Trigo era um psicólogo. Escrevia com facilidade e a sua prosa focava almas. Tinha uma arte subtil e demoníaca para ir ao fundo das suas personagens e tirar-lhes a razão de viver — sensualidade, interêsse, vaidade, e nunca ninguém expôs com tanta arte a frivolidade das horas viciosas e a morbideza secante dos desejos. Era um escritor pornográfico? Não. Era apenas um grande artista que tinha a preocupação de fazer exacto. Se eram assim na vida, para que tornar irreconhecíveis, com espiritualidades que não possuiam, as figuras dos seus romances?

Globo); *Las ingenuas,* 1901, novela; *La sed de amar,* 1903, 484 pág., novela, tem 7 edições; *Socialismo individualista.* Indice para su estudio antropologico, 206-8 pág. A 4.ª ed. é de 1912, 243-5 pág.; *Alma en los labios,* novela. 4 edições; *Del frio al fuego* (Ellas á bordo). Raconto facil, 356-4 pág. 3 edições; *Reveladoras (Cuento semanal)*; *La Altisima,* 1906, novela. A 5.ª ed. é de 1917, 310-2 pág.; *La Bruta* (Heroes de Ahora), 1907, tem 4 edições; *El amor en la vida y en los libros* (Mi ética y mi estetica). Madrid, 1907. A 3.ª ed. é de 1911, 318-2 pág.; tem 4.ª; *La de los ojos color de uva,* 1908, novela. Neste volume compendia-se *As Reveladoras* indicadas acima; *Sor Demonio,* (El honor de un marido hidalgo y metafisico), novela, 1908, tem 4 edições; *En la carrera* (Un bueno chico estudiante en Madrid), novela, 1909; *Contos ingénuos*; *La clave,* novela, tem 3 edições; *Las Evas del Paraiso,* 1910, tem 2 edições; *Las Posadas del amor,* novela; *El medico rural,* 1912, 375-1 pág., novela, 3 edições; *Los abismos,* 1913, novela; *El papa de las belezas,* novela; *Jarrapellejos* (Vida arcadica,

Escreveu muito, escreveu sempre. Começou por *Las ingenuas.* Vivia então em Merida e foi daí que há doze anos eu recebi a sua primeira carta. Outras se lhe seguiram, eu mandei-lhe o meu primeiro livro, êle mandou-me os seus e ficamos amigos. E como o não seríamos se ao ler essas *Palavras cínicas* êle, na identidade de temperamentos, me dizia que se a sua ira e a sua raiva ao descer à multidão lhe durassem, teria escrito aquele mesmo livro, *evangelio de la propria realidad tornada idéa?* Era, pois, um amargo, um pessimista, vendo os homens e as coisas a nu e transladando-as assim ao papel que durante

---

feliz e independiente de un español representativo), Madrid, 1914, 452 pág., novela; *La guerra europea, crisis de la civilizacion; Si se por qué,* novela; *Asi paga el diablo,* novela; *El cinico* e *Lo irreparavel,* publicados na colecção do «El Cuento semanal». Póstumo saíu *Em mi castillo de luz* (1916) que traz na capa um seu magnífico retrato. Êste volume que tem por sub-título *Diario de un alma bella,* insere o estudo de H. Peseux-Richard *Un novelista español. F. Trigo,* que vai de pág. 65 a 130.

Felipe Trigo traduziu para espanhol *El Barón de Lavos,* do nosso Abel Botelho, para o qual escreveu um prefácio. São 2 volumes de 224-234 pág. da Livraria de Pueyo. Prefaciou entre outros as *Intimidades Taurinas y el arte de torear*, de Ricardo Torres Bombita.

Sôbre o escritor consulte-se além do estudo de Peseux--Richard o livro de Manuel Abril, *Felipe Trigo. Exposición y glosa de su vida, su filosofia, su moral, su arte, su estilo.* Madrid, Renacimiento, 277-3 pág.

anos encheu. Possuo até dele uma carta que é o balanço da literatura espanhola contemporânea, um inédito precioso. Fialho de Almeida pediu-ma um dia e quando ma restituiu depois de ter tirado os seus apontamentos, disse-me: É uma coisa notável!

Doze anos! Como o tempo vôa. Depois, Trigo, foi para Madrid. Foi, creio, deputado, mas a política apenas medíocremente o interessou. Começou então para êle o período de produção intensa. Os seus livros vendiam-se por milhares, a sua obra corria a Espanha, trasbordava para a América. A sua amargura devia subir, a sua neurastenia devia amplificar-se. Matou-se. Matou-se como o seu «inteligente y desdichado amigo M. Cardia», de quem me falava. Mas Cardia matou-se por uma mulher e Felipe Trigo por um demónio. O mesmo que fêz com que Maupassant lançasse ao pescoço o gume de uma navalha de barba e fôsse morrer louco, tristonho e desgraçado. Foi a prosa, a Arte, esta coisa, que o matou.

Que, devia ter sido uma tragédia a vida de Felipe Trigo. Escritor querido do público, êle que sabia o que era a glória, tinha mêdo de a perder. Entrou consigo a angústia dos escritores, mal obsidente que perturba, entontece e arrasa. E esta verdade, que Zola descreveu, apareceu nua em tôda a sua trágica realidade: Um operário, um marceneiro

trabalha, sua, mas chegado à noite, concluída a sua tarefa, descansa e conhece emfim o sono reparador. O escritor não. O seu trabalho escravisa-o emquanto escreve, acompanha-o à comida, vai com êle a passeio, persegue-o durante o sono.

Descanso? Não há descanso. A vida de cem personagens é a sua vida. As dores, as angústias, as aflições, as frases dessas cem fictícias criaturas pesam sôbre êle, enchem a sua alma de amarguras, a sua vida de tormentos, o seu dia de um horrível mal estar. Depois o que há nêle que seu seja?

O escritor é uma *vitrine* sôbre a qual o público se debruça. É preciso que na nossa alma a dor seja bem forte, a tragédia seja bem intensa para que o público não passe e vá, deixando-nos a solidão e o abandono. As fibras gotejam fel e sangue. Que importa! É preciso, é preciso. Ai de nós se acaso o nosso sofrimento não consegue interessar, ai de nós! E todos os dias essa coisa recomeça mais exaustiva, mais laboriosa, mais suada. Um belo dia vem o cansaço. O cavalo fogoso não sabe já subir. E a hora amarga da realidade sôa. Entrevê-se o inferno. É, deve ser uma coisa horrível.

Felipe Trigo sentou-se à carteira. Buscou algo de novo e de intenso para dar aos seus leitores. Mas o cansaço viera. Esperou. Insistiu e sempre a

horrível demora defronte do papel branco. Pois não teria já imagens bizarras, empolgantes descrições, apaixonados pormenores, agaçantes sensações? Não saberia êle já o segrêdo de obrigar o público a parar? Viu tudo negro. O tédio ia minando de há muito a sua alma e aquele espírito frenético anseiava por descanso. Como descansar? Dormindo? Pobre ilusão. Não sabem que o Demónio que o matou se apoderava do seu sono e dominava? Matou-se. Descansa. É boa a morte. Lá não deve haver a prosa, nem angústias, nem amores. Mas que ignobilíssima criatura seria a que permitisse que a Morte fôsse a sua continuação inexorável. Não. Felipe Trigo deve descansar emfim. Era tempo.

À cabeceira de quem se instalaria agora êsse demónio sombrio quė lhe armou o braço?...

II

Aqui tem o leitor, o precioso inédito de Felipe Trigo. É um resumo da literatura espanhola de hoje, feito com muita justeza e muita independência, e feito também com muita arte. Não foi escrito para publicar e dez anos esteve dormindo esquecido sono. Acho interessante publicá-lo. Assim a minha saüdade presta o merecido tributo de admiração ao espírito claro dêsse leal e grande companheiro que há tempos em Madrid voluntáriamente procurou a morte:

Merida, 7 de Julio 1906.

Sr. D. Albino Forjaz de Sampayo

«Querido amigo y colega: ha de perdonarme el retraso de unos dias con que me hacen contestarle asuntos apremiantisimos. Yo tengo á honor poder

servirle de *cicerone* en los trabajos que piensa publicar en la prensa de esa capital acerca de los literatos españoles contemporaneos, pero debo ante todo advertile lealmente que debe desconfiar de la eficacia de mi concurso, — en primer lugar porque yo tengo un criterio tal vez demasiado exclusivo y personal de las cosas de la vida y del arte; y despues, aunque acaso como consecuencia de esto mismo, porque disto mucho de ser un erudito. Para mi un autor es el primer libro de él que cae en mis manos: si no me gusta, no vuelvo a leerlo, y es ya inutil para mi subsiguiente curiosidad el que tenga una gran fama, cual le sucede á Blasco Ibañez, cuyo talento sin embargo reconozco (talento de pintor), ó que llegue á extenderla despues, como Pio Baroja, de quien el *Silvestre Paradoux* me mostró para siempre y un dia su espiritu polvoriento y menudozo y enamorado en lo moderno de lo antiguo.

Estaba por decir que si conoce usted, como me dice, a Blasco, Pardo Bazan, Baroja, Galdós, Valle Inclan, Gomez Carrillo, Dario, Morote y Benavente, conoce usted mas que yo de la literatura actual de mi patria, — por lo menos, de cierto conoce usted mas obras de cada uno, y por lo tanto los conoce usted mas a fondo que yo.

De todos los citados, mis completas estimaciones no van sino con Gomez Carrillo y Benavente. El primero (ambos son quizas mis menos amigos personales) es un ultraartista, ademas de un cronista insuperable. Sus libros *Del amor, del dolor, del vicio, El alma encantadora de Paris y Quelques petites âmes de ci et de là* son dignos de griegos; para mi tiene el defecto de ser... demasiado artista, demasiado cincelador sin esfuerzo, por naturaleza de delicadisimo orfebre; creo en suma que su visión de la vida, que tiene la intensidad de los grandes neuroticos, no tiene la humana y plastica extensión digna de los grandes escritores. Sus últimas obras *Rusia y El Modernismo*, no las conozco. — En cuanto á Benavente, admiro su alma sutil y profundamente femenina, doblada de una ironia atica, con el fondo de un revolucionario por instinto, por nerviosidad, pero certero. Creo sinceramente que si tuviese genio creador, seria un dramaturgo superior à muchos de los consagrados con grandes glorias por Europa, — de todos modos ha igualado á sus maestros franceses Gyp y Lavedan, — los ha superado acaso. Sus comedias mas perfectas son *Lo cursi, La noche del sabado, Los malhechores del bien y La Princeza Bébé.* Nadie como él hace tragar al Madrid aristocratico las injurias á truequo de aplausos y sonrisas.

Tengo á mi noble amiga la Sr.ª Pardo Bazan los respectos de una estilista pura y clara, y aun de una cuentista genial mas amena que ningun otro cuentista de los que infestan nuestras revistas ilustradas; mas como novelista la creo tan fuera de epoca como à Galdós, como à Blasco Ibañez con su tranochado realismo zolesco, como a Jacinto Picón y a Palacio Veldes, que acaba de publicar un libro inocente titulado *Tristan.* — Galdós, sobre todo, se me vuelve en sus libros insoportable. Esto que en *La Revue des deux mondes* dijo de el Mr. Wizewa, hace ha tiempo: «no comprendo como los libros de Galdós pueden gustar al gran publico de España», lo he hecho mio, si bien, comprendiendo lo que Mr. Wizewa no pudo, en razon á conocer mis pais y saber que aqui la masa del publico de lectores es ignorante y retrasada en sus guestos lo menos un siglo. Y cuidado, amigo Sampayo, que no hablo por sesquemor, porque mis libros, gracias à la forma no complicada em que les doy mi espiritu archimoderno son de los que no se mueven menos por las librerias españolas.

Galdós, á pesar de todo, con su macizo talento innegable y su directa y simple visión de las cosas, sigue siendo una necessidad intelectual de nuestra clase media, á medias trabajada por iguales fana-

tismo e anti-fanatismo religioso. Es, pues, *todavia*... una especie de novelista de club.

A mi me resulta anacronico porque creo pasado el tiempo de las revoluciones y convulsiones religiosas; estos frailes que abundan por acá ya desaparecerán solos por simples vientos europeos, — y en tal sentido, y por la extincion de estos buenos frailes, creo que hace mas que Galdós con sus novelas y episodios epidermicos, un Gorki desde Rusia, un D'Annunzio desde Italia, ó un Jaurés que en el parlamento francés (como quien dice, à nuestras puertas) póne á discusion los verdaderos problemas sociales de los tiempos. — Tendria que repetirle a usted mucho de lo mismo sobre Blasco Ibañez: de novedad, contra Galdós, no tiene mas que su zolismo á ultranza, y eso ya comprenderá usted que estuvo bien muerto com el inmenso Zola. Gustando *La Barraca*, obra de color netamente valenciano, todo lo demás de Blasco es inconsistente, nada original. Su renombre tiene mucho del de las Pastillas Géraudel ó el de las Pildoras Pinc: es un nombre comercial de reclamo. Lo empezó Canalejas dandole un resonante banquete à cambio de unos aplausos de sus electores valencianos como diputado radical, y lo continua ahora su casa editorial publicando traducciones en poz del negocio.

Cada novela suya está escrita en mes y medio. Yo no creo que en ese tiempo se puedan escribir 300 ó 400 *paginas de arte.*

Pareceme, querido Sampayo, que voy correspondiendo al menos á la apreciación con que su carta me honra de *crítico independiente.* No quisiera que mi particular información le traduciese odios. Si es injusta, es noble, y será injusta por lo que al principio consigui como salvedad, — á lo sumo.

Continuemos. Valle Inclan es un refinado que podria haber sido un escritor admirable, como lo es estilista, si no hubiese fijado sus amores literarios, por temperamento quizá, y ello le disculpa, en la anacrónica España medioeval de los marqueses bravos y galantes y de las abadesas místicas. Solo tiene esta nota su lira, que suena siempre bien pero con monotonia abrumadora. Es un español mixto de italiano (moralmente) de pleno siglo XVIII. Pienso que no merecia la pena vivir en el siglo XX para esto, — aunque en verdad no hubiese discordado ante los mas cultos autores del siglo de oro de nuestras letras. Sus libros son *Epitalamio, Sonata de Otoño, Sonata de Estio, El Marqués de Bradomin* y la *Comedia Barbara* que está publicando ahora en *El Imparcial.* Es un original cuya originalidad ha consistido en saber... adoptar el modelo que dejó de llevarse

hace siglos; pero en verdad que no carece de mento esto para otorgarle por derecho propio el titulo de *neo-clásico castellano*, — y si tuvieramos al menos varios Benaventes de la novela, la figura de Valle Inclan seria um fastuoso adorno simpático, como el de las casas grandes que tiene en sus salones armaduras antiguas. Asi y todo, excuso decirle que como Baroja y *Azorin* (Martinez Ruiz) es aqui estimado como infinitamente mejor que Galdós y Blasco por los selectos de la literatura.

Azorin, el redactor de *A. B. C.*, con sus novelas *Voluntad* y *Aventuras de um pequeño filosofo*, entre otras, ha afirmado la personalidad mas original de nuestras letras contemporaneas (1). Hoy mas de cien periodicos de Madrid y de provincias tienen su cronista à lo *Azorin*. Pero tan bien imitado, que es preciso llegar à la firma para ver que no se trata del autentico. Porque es la lástima es la fatalidad de *Azorin:* ha sido el descubridor de algo asi como los *claveles verdes*, tan encantadoramente sencillo. Los imitadores le gastarán, le matarán, — le tienen casi un poco en ridículo à la hora presente. Si hu-

(1) Aunque no falta, y creo que sin razon, quien le asimile a Montaigne.

biera descubierto à la vez el modo de cortarselos, *Azorin*, que quedaria en todo caso como modelo de una manera absolutamente personal, podria continuar además cautivando á la generación que habia de sufrir con cansacio su larga vida — pues es aun joven.

Que en qué consiste el modo de *Azorin?...* Pues en no prestar importancia mas que à todo aquello que se diria que no la tiene, en ser asi el casi gran humorista de todas las pequeñas cosas, en haber hecho creer à las gentes que él es un pequeño filósofo que lleva siempre consigo una pequeña maleta y un paraguas rojo... ¡y es delicioso, *Azorin!*

¿Morote?... Un buen reporter, nada mas.

Pompeyo Gener, en cambio, es grande y monstruoso. El castellano acaso nadie lo ha escrito peor que él, pero su pensamiento abarca todas las zonas del sentir y del pensar modernos. Altivo y fuerte, vive casi olvidado em Barcelona (puede escribirle al Ateneo Catalan, pues no le trato é ignoro su domicilio). Mas que un literato és un critico fundamental. Sus obras excelentes, un poco extrambolicas, geniales y desordenadas sin embargo, son *Literaturas malsanas* y *La muerte y el diablo.*

Tenemos además, aparte el abrumante por su

saber y un poco fósil Menendez Pelayo, dos críticos que a mi juicio son los mas completos: Adolfo Rubio, que colabora en *Nuestro tiempo* y en *El Dia*, espiritu exquisito y modernisimo, de gran delicadeza en el decir y de gran profundidad en el juzgar, y *Andrés Gonzalez Blanco*, de una instrucción pasmosa que me recuerda á vuestro malogrado amigo mío Manuel Cardia, tan joven como este, y de clara y perfecta visión. Gonzalez Blanco publica ahora un libro que creo se titulará *Blasco Ibañez y el naturalismo* (en que le aplaude à rabiar, por cierto) y en donde incluye largos articulos lisonjeros que dedicó en *Nuestro Tiempo* à mis novelas *Alma en los labios* y *Las Ingenuas*.

Yo le escribo hoy à Andrés Gonzalez Blanco [1], enviandole la carta de usted, para que él que conoce a fondo à muchos literatos jovenes de valia, pueda ampliarme esta imperfecta información. Quando me conteste le enviaré à usted la carta.

Por lo demás, yo puedo indicarle tambien sumariamente algunos nombres. — Luís Bonafoux, cronista muy singular del Heraldo, en Paris, caus-

(1) Aunque temo que esté en Paris todavia.

tico, nervioso. — Manuel Bueno, critico teatral que ha hecho rápida y grande reputación, en el *Heraldo* asimismo, y que vale mucho menos que su fama; acaba de publicar una mediocre novela con el título *Corazon adentro.* — Antonio de Hóyos y Vinent, aristócrata y discreto novelista, autor de *Mors in vita*, *Frivolidad* y *Cuestion de ambiente.* — Alfonso Danvila, cultivador, con menos fortuna, de la misma *novela elegante:* su mejor livro *La conquista de la elegancia.* — Arturo Reyes, novelista de costumbres andaluzas, novelista de pandereta, que gozó un nombre de tres dias gracias á Ortega Munilla (el ex-director de *El Imparcial*, tan desdichado para sacar literatos, que todos se le malogran); son de Arturo Reyes, *Castucherita* y *La goletona*, no valen mas que los cuentos colorinescos de Pellicer ó las cascaveleras poesias de Rueda. — De poetas, Villaespesa, a quien usted conocerá, delicado, pero frívolo y nada extenso; Ramon R. Gimenez, que vale mas, por ser mas hondo, aunque tambien excesivamente sentimental; la calamidad del poeta palaciego de todos los palacios Grilo, y como notavel satírico Antonio Palomero, redactor y alma de *Gedeon.*

Hoy, entre los celebrados (pues claro es que no le hablo ni le nombro sino de los que han logrado

alguna atención de la prensa y del público) un prosista pulcro y artístico, aunque de inspiración lánguida y enferma por mania de originalidad, que es Martinez Sierra: su libro mejor es el *Teatro de Ensueño.* — Se me olvidaban tambien dos poetas notabilisimos: uno *Vicente Medina*, murciano, de profunda sencillez, que parece que escribe com amarguras del corazon mismo, y otro que acaba de morir, muy joven todavia, Gabriel y Galan, cuyos libros *Extremeñas*, *La castellana* y *El Cristo bendito*, no tienen para mi otra tacha que su petriarcalismo religioso. Y vaya por final el título de todo opuesta novela de mujer: *Rebelion*... aqui todos estamos en el secreto de que es de la bellissima Marquesa de Ayerbe, pero ella lo ha firmado *Joizelle* y habrá que respectar su mascara: es gentil y es admirable como proclama y defiende el amor libre, como desprecia y zahiere à las gentes de su clase, à los aristócratas. No hay peor cuña que la de la misma madera, y de la misma madera son los temibles Antonio de Hoyos (Marques de Hoyos, antes estado) y la divina marquesa de Ayerbe.

En cuanto a Mariano de Cavia, el tenaz crónista de *El Imparcial*, no hay que hablar sino para pronunciarle su respectable R. I. P.; es un macizo prosista cristalizado en sus formas de allá por el

año 70.—Yo le llamé una noche Ex-Cavia, y se enojó mucho. Oh, el maestro! Porque es un maestro, no obstante.

Le envio de mis novelas *Las Ingenuas*, que fué la primera que publiqué, y *Del Frio al fuego*, ultimo que he publicado. Tambien le envio de *La Sed de Amar*, el único ejemplar que tengo [1], pues envié otro ayer à mi editor de Madrid, que acaba de contratar comigo la 2.ª edición y la publicará en Octubre. Acaso no sea la mejor, pero es la mas sincera y cuidada de mis novelas la que publiqué en Diciembre último: *Alma en los labios*, la mas osada y artistica. Siento no poder disponer de ejemplar alguno para enviarselo. Debe estar la edición casi agotada, y si acaso tendrá ejemplares la libreria de Fernando Fé, carrera de S. Jerónimo, 2—Madrid.

Yo celebraré mucho que usted me mande sus trabajos, segun vayan publicandose,—y si necesita mas detalles particularmente sobre un libro ó sobre un autor, vuelva à decirmelo, pues sabe la complacencia que tengo en communicarme con espiritu tan ancho y tan hermoso como el del autor de *Palavras*

---

(1) Sea esta la primera, aunque acaso *Las Ingenuas* sea mas apasionada y *Del Frio al fuego* mas amena.

Cynicas. Creo haberle dicho que leo este libro cuando estoy desesperado».

Suyo siempre muy amigo
y sincero admirador,

Felipe Trigo.

É interessante, não é? Deve causar sensação na literatura espanhola êste documento tão claro, tão cheio de isenção e tão alicerçado sôbre um fundo de justiça. Felipe Trigo matou-se. Talvez quem sabe porque fôsse grande demais para viver a vida que levava e que era, segundo o consenso geral, uma gloriosa, grande e invejável vida. Dorme hoje no cemitério de Canillejas. Paz eterna, pois, à sua alma de grande e esforçado lutador.

Duas mulheres.

Matilde de Melo

NUNCA devia reflectir sôbre o amor. O amor no fundo é sempre triste!» escreveu Octavio Mirbeau. Acabo de receber o livro de Raul Brandão — *A conspiração de 1817-Gomes Freire.* Terminei hoje a sua leitura e emquanto da minha colecção de autógrafos não desenterro uma proclamação tôda do seu punho, para rememorar, scismo um pouco nesta dulcíssima figura de mulher, rara entre as raras, mártir, quási santa pelo que sofreu, tão grande que tudo o que nos dizem os livros, dela, é nimbado de uma auréola de mistério — Matilde de Melo. Quem era esta mulher? A amante de Gomes Freire, o enforcado do Campo de Sant'Ana. Por êle, ela deixa marido e um filho; por êle ela sujeita-se a ir de terra em terra, de muda em muda, hoje aqui, amanhã léguas para o norte entre o falaciar da soldadesca, o crepitar dos incêndios, o vozear das espin-

gardas. «Tem sido constante companheira dos meus trabalhos», escreveu Gomes Freire. Foram muitos, na verdade. E fiel, até depois da morte, ela procurou decerto na clausura o refúgio. Foi em 1808 quando partiu a Legião Portuguesa. Sabe-se lá o que é feito do sítio onde repousa o pó da «pobre rapariga», como êle lhe chamou primeiro! O martírio dignificou-a e ela cresceu tanto aos seus próprios olhos que passou a ter dom, a ser a senhora D. Matilde.

«O pequeno morreu há que tempos e ela ainda escreve: «deve estar muito crescido a esta hora!» Quantas correrias pelo mundo fora, «duzentas léguas para cá, duzentas léguas para lá» atrás do amante depois de ter sofrido o que se imagina e sempre o mesmo pensamento a dominá-la; o filho, Gomes Freire, um amigo António de Sousa Falcão — eis a felicidade, a suprema aspiração desta mulher. «Só a morte pode agora separar-nos» e não imagina que angústias, as maiores da sua vida, a esperam ainda! As suas últimas cartas são gritos de dor e com a execução de Gomes Freire tudo no mundo acaba para essa portuguesa tôda coração e ternura».

Êle tenente general sim, mas numa época em que os tenentes generais quási nunca morrem na

cama. Hoje com o uniforme bordado de oiro e refulgências, amanhã com as botas rotas nos intransitáveis caminhos que o destino talhou para os soldados dêsse tempo. E hoje, com milhares de francos, amanhã sem 10 cêntimos, assim foi Gomes Freire.

Amando-o sempre, com delírio, com loucura, até à morte, Matilde de Melo. Ah! Ela foi a Paris, a Berlim, ao demónio. E não havia ainda o *sud-express* nem paquetes que são cidades. Ninguém a conhece, ninguém sabe quem ela é. É uma carinhosa mulher que quere a Gomes Freire com aquele amor que é só dos romances de Camilo. Não! Ninguém quis nunca assim. Só nos romances é que o amor tem esta beleza, êste fulgor, esta desgraça. Mas o que é a vida de Gomes Freire senão um romance ainda inédito, um drama que ninguém soube pôr em scena ainda?

Ela é a companheira dedicada de Gomes Freire. Êle tem fome e frio em Paris? Ela partilha, toma o seu quinhão. Ela é o anjo protector, o anjo da guarda. Faz prodígios. «Preciso de tôda a economia da M... para viver, porque, se não fôsse ela, não me acharia talvez sem dívidas e tão bem governado», escreve êle. Mas como êle nunca foi feliz, como a sua vida foi uma galopada feroz através dos

homens, através dos países, através da desgraça, ela não partilhou nunca da felicidade. Viu-o glorioso mas pobre. Viu-o grande mas odiado. Viu-o preso, e é ainda grande, ainda inteiriça esta figura, nessa época de cobardias, delações, misérias grandes e misérias odiosas.

«Se o víssemos, se nos ouvisse ainda que fôsse diante de testemunhas, diante de todo o universo, não importa. E deixaremos fazer dele o que quiserem, talvez fazê-lo partir sem que o vejamos... *(sinal de lágrimas)* pelo amor de Deus, por tudo que lhe é caro obtenha V. Ex.ª que eu o veja, diga que sou criada, governanta, tudo, tudo, ainda que seja o mais humilhante para mim não importa, quero vê-lo», escrevia a um amigo comum.

E foi sempre dedicada. «Duzentas léguas para cá, duzentas léguas para lá». Como se houvesse hoje, como se já não fôssem raras nesse tempo, as mulheres que por um homem sacrificassem duzentos metros... «Nunca devia reflectir sôbre o amor. O amor no fundo é sempre triste!» Como é verdadeiro o que escreveu Mirbeau!...

* * *

A figura de Matilde de Melo revive agora fresca na sua límpida beleza, nas suas palavras de Dor, que Raul Brandão restaurou dos estragos do esquecimento. Só nisso, apenas nisso, as mulheres que se dedicam a criaturas predestinadas, são felizes. Em cem, duzentos anos depois, serem ainda veneradas e haver quem sôbre o seu nome venha desfolhar uma modesta violeta de saüdade. Quem saberia desta sublime Matilde de Melo se não fôsse o aureolado martírio do seu amante? Catarina de Ataíde o que seria senão uma apagada dama do paço se Camões a não tivesse amado? Quem se recordaria hoje do vulto grácil da condessa de Vila Nova se não fôsse a causa da prisão de D. Francisco Manuel de Melo? Jeanne Duval seria por acaso alguém se Beaudelaire não tem fumado as suas cigarrilhas com ela, ou com ela não tem passado as suas horas? Ana Plácido seria acaso um nome imortal se não fôsse mulher de Camilo Castelo Branco?

Magra compensação a póstuma. Mas única compensação afinal. Raul Brandão, focando com o seu invulgar talento a figura dessa dona amorosa, pagou o nosso tributo. Mas... mas quão poucos são os

grandes homens que em ocasiões de desventura encontram junto de si um carinhoso seio de mulher onde encostar a cabeça!

. . . .

Que não sei ainda, se, quando o encontram, isso não será para tornar mais irrisória a sua felicidade, ou apertar, tornar mais intolerável e mais cruciante o seu martírio...

Ana Augusta Plácido

O dr. Melo Viana, companheiro literário e escolar de Fialho e Marcelino, prosador ilustre do *Em tempo de guerra* é também um bibliógrafo distinto. A sua última carta trouxe-me, e a todos os camilianistas, uma revelação interessante. A de que possui na sua biblioteca um volume de Léon Gozlan, *Balzac en pantoufles*, que pertenceu a Camilo Castelo Branco, onde, no ante-rôsto há escritos do seu punho os seguintes versos:

Ó Anna Augusta, tu dormes
Nessas ancias que se apressam
Para o perpetuo dormir.
Teus paroxismos começam...
Espera que eu, quero ir.
Não morras já, minha luz,
Por q., se eu perco a rasão,
E á campa te não sigo,
Oh! que supplicio! que cruz!
Filha, leva-me comtigo.

Seide 19 de dez.º de 1881, 9 horas, 35 min. da noute.

Camilo deu-lhes por título *Ultimos versos de C. C. Branco* e devem ser um grito, um queixume, um desabafo, demasiado íntimo e pessoal para que tenha que ver com o tam tam da publicidade. Mas nem foram os últimos versos aqueles, nem Ana Plácido morreu. Êle é que um belo dia partiu. Ela ainda cá passou cinco anos até que foi ter com êle, ao Céu ou ao Inferno, onde êle devia estar...

* * *

Que fonte de evocações estes versos, e como Camilo queria doidamente a esta mulher! Ela foi a sua mulher fatal, a sua amante, a companheira, a espôsa, a enfermeira. Conheceu-a aos dezassete anos. Vestia de branco.

> Era num baile. Ondulava
> D'ouro e sedas o salão.

Solteira e formosa, Camilo fica deslumbrado. Amam-se. Mas eis que ela é obrigada a casar. Sensitiva, poetisa, dão-lhe por marido um banal comerciante. Camilo com o desgôsto, escreve o livro *Inspirações*, foge desesperado do Pôrto para Lisboa, volta ao Pôrto para se fazer padre, pensa

em ir para o Brasil, exila-se para Viana, arrasta uma vida de saüdade e faz versos em que ela é a Raquel, quimera, sonho, anjo divino, divina aparição. Depois sôbre o malfadado casamento escreve um drama, *Poesia ou dinheiro.* E quando uma nostálgica noite, no jardim Owens, afirmava o seu desejo de pastorear uma capelinha distante, uma senhora disse-lhe:

— «Peça àquela estrêla, que lhe alumie o lugar onde existe a mulher que lhe há-de dar vida».

Chamava-se de há muito Ana Plácido essa mulher e Camilo foi encontrá-la de novo no Bom Jesus do Monte, onde ela fôra levar uma irmã tísica. Vêem-se. Êle escreve-lhe versos e breve tôdas as árvores seculares das cercanias lhes sabem do amor. Sete anos levara a esperar. Jacob e Raquel. Está certo. Chegamos a 1858. Ana Plácido é sua amante. Depois, depois foram quarenta e cinco anos em que se amaram, se enfadaram, se fartaram. Quarenta e cinco anos na vida dela de sessenta e dois, quarenta e cinco anos nos sessenta e quatro da vida dele...

* * *

Ameaças, sofrimentos, perseguições, nada entibiou o seu amor. E ela foi sucessivamente a Henriqueta da *Poesia ou dinheiro*, a Ludovina de *O que fazem mulheres*, a Raquel dos *Anos de prosa* e dos versos, a Leonor do *Romance do homem rico*. Fogem para Lisboa, trazendo ela nos braços um filho do marido. Voltam ao Pôrto sem que o escândalo os intimide. Consultada, diz: «Camilo é o homem de quem gosto, e o único que julgo capaz de fazer a minha felicidade». É o escândalo, é o divórcio. Entra num convento de Braga, mas sai breve para os braços de Camilo e dêstes para a cadeia da Relação. É a adúltera sôbre quem todo o Pôrto tem os olhos fitos. Foi isto a 6 de junho de 1860. Camilo a 1 de outubro dá-se voluntáriamente à prisão para estar mais perto dela (1).

---

(1) Foi ali que êle escreveu: «A mulher quando ama, tem heroísmos e abnegações de que o homem, — o ser mais egoísta do reino animal — é incapaz». É um mundo de autobiografia esta frase que vem no 3.º vol. das *Novelas do Minho*, pág. 185.

Mais tarde, vagabundo de corpo e de espírito, havia de escrever como o personagem da *Sonata de Kreutzer* «O amor que durar seis meses sem intercadências de tédio, será absurdo, se não for milagre».

Entretanto Ana Plácido fuma, toca piano e nos momentos de pavor do caminho andado, escreve os versos *Maldita!* Camilo escreve, fuma, aborrece-se e tranqüiliza-lhe o ânimo com outros versos, *Maldita por quê?* Em outubro de 1861, depois de ter escrito a *Luz coada por ferros*, ela, e as *Memórias do cárcere*, êle, o júri absolve-os. O marido morre. São finalmente, libérrimamente, um do outro. Três anos depois Camilo diz-se saciado. Mas é uma ilusão. O amor não morrera, não podia morrer. Tinha raízes--tentáculos que só iriam com o último vagir da razão. Doente, irascível, vagabundo, derramava sôbre ela o fel das suas horas neuropatizadas, enchendo-lhe a vida de tormentos. Confessa-o:

> Em grande amor te dei grande amargura
> Fui teu verdugo mas verdugo amando-te.

Ela por seu turno enchia-se de paciência [1]. Foram viver para Seide, a casa «rodeada de pinhais gementes». Passou a ser a companheira, o Lopo de Sousa com que assinava trabalhos literários,

---

(1) Era corajosa. Confessa-o escrevendo-lhe: «Segue a tua vida de amargura com a coragem que tens sempre revelado».

traduzindo com êle, fumando com êle [1] recordando e aborrecendo-se em comum. Era a Aninhas. O que foi a vida destas almas, ela, a mais linda mulher dêsse «alfôbre de galantíssimas mulheres» que é o Pôrto, como êle diz na *Mulher Fatal*, êle super--homem feio e louco-lúcido daria um romance que só o seu génio saberia encher. Ás vezes iam recordar ao Bom Jesus o doce tempo de outrora, outras, o fantasma do passado interpunha entre ambos mãos geladas que os afastava. Juntos, leram os mesmos livros e ela vê sucessivamente a morte do filho do marido e a loucura dos filhos de Camilo. Uma noite, no Pôrto, em março de 1888, casaram. Já êle tinha vendido os livros da sua biblioteca, era visconde e estava cego. Uma tarde, em Seide, dois anos depois, mete um tiro na cabeça. E a mulher fatal, grande pela beleza, pelo coração e pelo talento, recolhe-se a casa do filho, à companhia dos netos e numa quinta-feira de setembro de 1895 foi reunir-se a êle. A casa ardeu há pouco. Resta de tudo isto o génio da obra dele, as fôlhas amarelecidas de um processo, a lembrança do amor

---

(1) «Quanto a fumo é uma fábrica de Manchester» escreve Camilo a Ricardo Jorge.

dela, um delicioso livro de Alberto Pimentel — *Os Amores de Camilo* — e a saüdade que dia a dia tece maior a mortalha que os envolve...

* * *

São interessantíssimos os versos do livro que o dr. Melo Viana possui. Êles marcam bem o espírito alheado e intenso de Camilo, que escrevia versos à sua Ana Augusta, emquanto os olhos lhe percorriam as distraídas páginas de *Balzac*. Vinte e três anos depois da posse, numa frígida noite de dezembro, ainda êle lhe queria assim ([1]). Diz a cantiga que Deus fêz as almas aos pares. É certo. Vejam lá se houve fôrças humanas que as apartassem e se o Destino não é ainda quem se encarrega de mais as unir depois da morte, salvando do esquecimento, com mãos piedosas, as terníssimas frases

---

(1) Èle quis-lhe sempre: Nos transes aflitivos escrevia-lhe: «minha querida e até á morte adorada Anna Placido». Na declaração de suicídio: «se eu podesse arrastar a minha existencia até ver Anna Placido morta, infallivelmente me suicidaria. Não deixarei cahir sobre mim essa enorme desventura — a maior, a incomprehensivel á minha grande comprehensão da desgraça».

de amor, os queixumes e os desabafos que para o Amor dela a alma dele escreveu...

Foi há trinta e oito anos, em Seide, numa fria noite de inverno...

É a segunda vez, creio, que estes versos veem à luz da publicidade. A primeira foi em *O Leme* n.º 16, 1.º ano, 2.ª série, 20 de Fevereiro de 1913, jornal fundado em S. Miguel de Seide pelo filho de Camilo, o visconde de S. Miguel de Seide e continuado pelo filho e neto de Camilo, Nuno Plácido Castelo Branco, onde estão esquecidos. Mas só desta segunda se publicam como Camilo os escreveu primitivamente, visto que no *Leme* há as seguintes variantes:

Ó A. A., tu dormes
. . . .
Não morras, ó minha luz.
. . . .
Oh! que existência, que cruz!

Silva de prosa vária.

Os humildes

Os humildes e a Arte. — A Arte do futuro. — Os pintores e os literatos dos humildes. — O que os humildes teem inspirado. — Os humildes e a Arte em Portugal.

ENRICO FERRI, o sábio criminologista italiano, ao terminar o seu livro *Les criminels dans l'art et la litterature*, diz que é nos humildes, «na legião anónima condenada ao calvário de um trabalho de grilhetas», que está o futuro da Arte. Que é na multidão vociferante e clamorosa dos trágicos momentos ou taciturna e ensimesmada na dor de todos os dias que essa Arte se há-de inspirar para produzir as suas obras imortais. Os cavadores, águias cansadas eternamente a revolver os fígados da Terra-Prometheu; os homens que domam o fogo e o ferro; os mineiros, os trabalhadores das docas, os pescadores, os fogueiros, tôda essa legião, é fonte fecunda em temas de arte.

«Êsses miseráveis, êsses escravos, (diz Ferri) inspiraram *O herdeiro*, do pintor Patini; o *Proximus tuus*, de Orsi; as *Reflexões de um esfomeado*, de Longoni; *As mulheres da charrua*, de Tominetti; os *Nossos escravos*, de Ghidoni; *O mineiro*, de Butti; as obras de Meunier, tais como *A ceifa* e *O mineiro*; o *Angelus*, de Millet; as poesias de Rapisardi, de Corrodino e de Ada Negri; os *Ultimos contos*, de Amicis, os dramas de Antona-Traversi e de Hauptmann». Foi ainda a Arte que pela *Cabana do Pai Tomás* de madame Beecher Stowe e pelos *Contos*, de Tourguéneff deu o impulso definitivo para a abolição da escravatura e que pelas *Recordações da Casa dos Mortos*, de Dostoiewsky provocou contra a escravidão política a indignação de todo o mundo. Ferri encerra a lista após o que aponta e nós, numa rápida e incompleta memoranda, vamos acrescentá-la.

Foi ainda aos humildes que Murger deveu a sua *Bohemia* e Paul Roger-Bloche, o escultor, *La Faim* e *Le Froid*, o grupo célebre que se aconchega e acoita debaixo da ramaria de uma árvore, perto das *Cegas*, à entrada do Museu do Luxembourg. É um homem e uma mulher que tiritam. De inverno, a árvore escorre sôbre os transidos de bronze, as suas bagadas de chuva. E êles parece encolherem-se mais, e mais se chegarem um para o outro. O leitor

conhece *Le jour de la visite a l'hôpital*, de Jean Geoffroy ou os seus *Famintos?* Conhece *Les Émigrants* de Paul Sieffert? Lembra-se de *Les Gueux de Montmartre* por E. Baudoux?

Foram ainda os humildes que inspiraram a Meunier a sua obra extraordinária; *Les Puddleurs*, *La Glèbe*, *Os mineiros*, *Os descarregadores.* E se os mineiros deram a Zola as páginas soberbas dêsse soberbo *Germinal* e a Severine as suas melhores *Páginas vermelhas*, foram também os inspiradores da *Grève*, de Adler e das suas telas sôbre os altos fornos. Na pintura, ainda, Max Liebermann tem uma tela curiosa, *Les Fileuses*, e Eugene Laermans *L'Ivrogne.* E entretanto esquece-me agora o nome daquele artista singular que pintou o triunfo ideal da canalha: Um maltrapilho coroado de rei aos ombros de maltrapilhos. Numa das mãos uma faca, na outra uma garrafa. Pés descalços. Escandalizou as conveniências e o *Salon* que lhe dera entrada teve-o lá apenas horas.

Na literatura, os humildes teem uma valiosa quota parte. Pois não fêz Victor Hugo uma interessante página sôbre a *Côrte dos Milagres?* Não tem Fialho de Almeida uma página imortal sôbre *O Sergio* e outra sôbre os *Ceifeiros?* Maximo Gorki não estudou o *bas-fonds* e Tolstoi não foi na *Ressur-*

reição até às misérias da grilheta? Octavo Mirbeau não escreveu as *Memórias de uma creada de quarto* e Zola, na *Bêsta Humana*, não trata dos ferro-viários? O que é a obra de Zola senão a apoteose dos Humildes? *O Trabalho*, *A Taberna*, *O Paraíso das Damas* e êsse extraordinário conto que é o *Nantas*? Blasco Ibañez não estuda no *Arroz y Tartaña* e em *La bodega* diversas camadas populares? *Flor de Maio* o que é ainda? Pois não é Pio Baroja o cantor em prosa dos humildes? *La filia di Jorio* e o *Episcopo & C.ª*, de D'Annunzio onde foram inspirados? Concepción Arenal tem uma larga obra sôbre os presos, como Raul Brandão tem uma larga obra sôbre os pobres. E Balzac? E Camilo? E Ciges Aparicio? E o *Caminheiro*, de Richepin? E os *Velhos*, de João da Câmara? E a *Dor Suprema*, de Marcelino?

O que a Arte deve aos humildes não se diz em menos de um volume. Bento Mântua acaba de publicar um livro com duas peças de teatro. Foram ainda os humildes que lhas inspiraram. Aquele tipo de militar do *Ordinário... marche*, pedia esmola ao pé do Coliseu da Rua da Palma. São os humildes ainda quem enchem as páginas do livro recente de Oldemiro Cesar, *Camadas ínfimas*. Os humildes a traço de *conté* mas vigorosos e flagrantes como

uma ilustração de Steinlen, o poeta dos gatos e dos tipos da rua.

Na nossa pintura, os humildes inspiraram as melhores obras de Silva Porto. Benarus tem um quadro datado de 1895, *Na rua;* Carlos Reis a *Mendiga;* Luciano Freire *Os Catraeiros;* David de Melo *A Sopa da Santa Casa*, que se não parece nada com *La Soupe des Pauvres*, de Adler. Almeida e Silva *A Viúva do Grevista*. Não é muito mas é alguma coisa. As ilustrações de Alonso, de Carvalhaes e de Alberto de Sousa são quási sempre de tipos populares. Roque Gameiro tem passado a vida ou a reviver adorável história ou a historiar pela aguarela tipos campesinos adoráveis. E por último, visto que os primeiros serão os últimos, Constantino Fernandes pinta *As Abandonadas*, onde as figuras são tão lisboetas que enternecem. *As Abandonadas* e a *Vida de Marinheiro*, que está hoje no Museu de Arte Contemporânea. Malhôa é o pintor da vida rural, o João da Câmara da pintura. E paramos aqui. Por falta de fôlego e de espaço. Os humildes?! Mas os humildes afinal são tudo. Sisto V guardou porcos e foi papa. Demóstenes era filho de um serralheiro de Atenas; o pai de Leonardo de Vinci era tabelião; Lincoln, que foi carpinteiro, chegou a presidente dos Estados Unidos.

Sabe-se lá quantos grandes foram apenas filhos da pátria, por lhes não ter a História conhecido as mães?

Os humildes! Não é preciso ser-se Ferri para se perceber que a Arte não pode passar sem êles. É que nos tempos que vão correndo, de democracia, humildes são todos afinal. Todos excepto os que teem a mania de que são filhos de D. Ordonho I e netos de Ulisses. Êsses só não são humildes... porque são tolos.

Mal português

Vitor Hugo escreveu um dia algures: «Há neste mundo uma coisa muito urgente: é ser ingrato». Não há dúvida. Todavia Vítor Hugo não conheceu o país da ingratidão e do esquecimento, «jardim à beira-mar plantado» que é Portugal.

Nós somos ingratos por índole e por tradição. E senão é ver: Afonso de Albuquerque morre de mal com o rei e com os homens. Camões morre esquecido no hospital, onde Bocage vai também parar com os ossos. Fernão de Magalhães vai oferecer a estranhos o valor que naturais lhe recusam; Bartolomeu de Gusmão, o padre aviador, morre abandonado em Toledo, no hospital. A lista seria sem fim. Somos, fomos sempre ingratos.

Todavia desfazemo-nos em contumélias ante o génio estrangeiro. Charlatão que passe é sumidade

verídica. É ver com os actores. Tendo nós dos melhores actores: um Augusto Rosa, um Ferreira da Silva, um Brazão, um Joaquim de Almeida (1), não há borra-scenas de fora que não leve pródigamente o nosso dinheiro e adjectivos em barda. É também isto um mal antigo, pois já Simão Machado, aquele dramamífero que viu nascer o século de seiscentos, escrevia na *Alfea:*

> Se um estranho à terra vem,
> Dizem todos em geral:
> Nunca aqui chegou ninguém;
> E do vosso natural
> Nada vos parece bem.
>
> Emfim que por natureza,
> E constelação do clima
> Esta nação Portuguesa
> O nada estrangeiro estima
> O muito dos seus despreza.

É claro que se nos déssemos a escogitar citações e a exemplificar com factos, veríamos essa ingratidão remontar à fundação nacional, com Egas Moniz, cimentar-lhe os alicerces, argamassar-lhe as paredes, temperar-lhe a vida longa e inconstante.

---

(1) Ainda Augusto Rosa, Ferreira da Silva e Joaquim de Almeida eram vivos quando se escreveu isto.

De maneira que o português é não só um animal faminto, e um animal hipócrita, beato e mau, mas o animal ingrato por excelência.

Nenhum outro como êle esquece, passa, olvida. D. Francisco Manuel diz nos *Apólogos* que «não há no homem afeição mais desculpável que a da pátria», acrescentando em parêntesis, «assim ela a soubesse pagar». Referia-se à sua, que êle provou um pouco essa triaga do olvido. O padre Vieira, referindo-se num dos seus sermões a algo português, de portugueses malsinado, ratifica os versos de Simão Machado: — «e bastava ser português para que em Portugal o não cressem».

Ricardo Jorge, tão sábio professor como opulentíssimo cinzelador de prosa, como quem de perto deu a carne à pugna, escreveu um dia: «ao que a pulso seu rasgou lugar humilde à luz do mundo, salteiam-no a revezes garras implacáveis de um pavor e raiva de geena. Que cruciamento, em quanto se não faquiriza a alma contra as torturas dêstes gnomos de uma crueldade ofídia e de uma fantasia inquisitorial, mais inficiosos que pestes, mais vorazes que guzanos».

Mas a luta passa e as mossas do combate ficam. E é ainda de ver o tom de mágoa pungitiva com que o mesmo ilustre professor se refere ao «patrio-

tismo português, que consiste essencialmente em repudiar e malsinar o que tem, homens ou coisas que sirvam», e a amarância com que êle se refere ao «nunca assaz danado olvido lusitano». Não há dúvida, «porque nesta pátria única nas ingratidões, não se furta só a glória aos vivos, até aos mortos se ratinha». Referia-se a Sousa Martins.

Mas, vê-se alguém subir, trepar, notabilizar-se? Sabe-se já qual é o intento compatriota. Caluniar, difamar, ratinhar a escassa glória que êle quinhoa, arrebatar-lha podendo, não para que outra coisa seja mais que para a atirar à lama, na fúria criminosa e infantil de não ver o vizinho com camisa limpa.

Os franceses teem essa coisa às avessas. Para êles nada há de grande que não seja francês. Heróis só os franceses, valentes, elegantes, espirituosos, fidalgos, generosos, hábeis, ricos e fortes só, sempre os franceses. Para franceses só os franceses valem. Para portugueses só os estrangeiros prestam. Que isto dá vontade de morrer? Não. Mas dá vontade de emigrar... três ou quatro meses por ano.

Eu por mim sou português e quero estremecidamente ao meu Portugal. Quero estremecidamente aos portugueses e creio que morreria de saudade se me exilassem desta Lisboa onde nasci. Estou como aquele cortesão que dizia que «a melhor parte do

mundo é a Europa; a melhor parte da Europa a Espanha; a melhor parte da Espanha, Portugal; a melhor parte de Portugal, Lisboa; a melhor parte de Lisboa, o Rocio; e a melhor parte do Rocio, as casas de meu pai, que estão no meio e vêem os touros da banda da sombra». Sómente eu, concordando com tudo, declaro que a melhor parte de Lisboa é a Lapa e a melhor parte da Lapa a minha casa, onde tenho muitos e bons livros e onde tenho obras de arte na contemplação das quais me refugio e afasto, crendo piamente que a inveja e a ingratidão são apenas o dote dos corações pequenos, que não sabem lutar, que não sabem viver e que nunca saberão amar...

Ruas antigas

NA *Alma encantadora das ruas* fêz João do Rio, num magnífico artigo preambular, a psicologia da rua, do Rio de Janeiro.

É um artigo curioso e extravagante em que cada velha rua tem a sua legenda de amor e de mistério, de vago e de desconhecido. Das ruas de Lisboa, a cidade de mármore e de granito como quere Herculano, ou terra de muitas e desvairadas gentes como quere o cronista, disse António Nobre:

> «Ó Lisboa das ruas misteriosas!
> Da *Triste feia*, de *João de Deus*,
> *Bêco da Índia, Rua das Fermosas*,
> *Bêco do Fala Só* (os versos meus...)
> E outra que eu sei de duas *Rosas*,
> *Bêco do Imaginário*, dos *Judeus*
> *Travessa* (julgo eu) *das Izabeis*,
> E outras mais que eu ignoro e vós sabeis.

E tanto a poesia das ruas seduziu António Nobre, que pediu para ser enterrado nesta «meiga Lis-

boa, mística cidade», «Lisboa das Varinas e Marquesas»

«... Lisboa de Irmãs e de fadistas
... Lisboa dos Líricos pregões...»

* * *

Cristóvão Rodrigues de Oliveira quando em 1551 publicou o seu *Sumário* deu, sem querer, na sua prosa de guarda-roupa, margem à imaginação dos poetas e ao devaneio dos saudosos. É abrir o velho livro e ver como já eram nadas e criadas várias ruas, que modernizadas e transformadas, ainda hoje teem vida duradoira e plena. Já não vêem suas pedras passar nem o «bojudo fradalhão de larga venta», nem a liteira senhoril, nem o magro cão vadio do século de quinhentos. Já perdeu a memória do soturno água-vai do tempo de Bocage. A essas se podem chamar ruas-avós. Talvez o leitor não saiba que em 1551 já existia a rua das Canastras, que antigamente se chamava rua do Lagar do Mel, a de Castel Picão, a da Betesga, a do Capelão, a Travessa das Pedras Negras, a rua do Barão, a das Gáveas, dos Calafates, da Atalaia, da Rosa e muitas mais. Pois existiam, assim como a dos Douradores que então era rua Nova e a da Horta, que

hoje, talvez quem sabe se por ter secado a horta, é rua da Horta-Sêca. Mas existia também a da Palma [1], então com o nome de rua de Nossa Senhora da Palma. Ainda havia água às portas da Mouraria. E em tal abundância que se lançou imposto para fazer uma ponte.

Quanto a poesia, contos, casos e várias coisas, já não contaremos a história da rua Nova, do mercador e do rei, por Garcia de Rezende relatada, mas consideraremos um pouco ainda na vaidade e fragilidade das coisas humanas. Já em 1551 os municípios lisonjeavam a vaidade dos munícipes... consagrando-lhes ruas. E assim como ontem todo o conselheiro tinha rua, a de Adriano Cavalheiro e mais a de Barjona de Freitas, a do Conselheiro Monteverde e mais a do sr. Conselheiro Nazareth, a de Pedro Franco e a de Ferreira do Amaral, assim então havia a rua de João Silva e a de Martim Alho, a de João Fogaça e a travessa de Gonçalo Friz, o bêco de Simão Cosmo e o de António Lopes Bulhã. E quem sabe hoje, já lá vão 362 anos, quem eram êsses vizinhos ilustres? Ninguém. O tempo

---

(1) Da rua Nova da Palma há uma referência nos *Apólogos*, de D. Francisco Manuel dizendo que ela era «longa, estreita e sem travessa».

passou e com suas mãos dormentes arrolou tôdas essas celebridades citadinas. Uma ou outra escapou e por isso ainda existem a travessa de Gaspar Trigo, o bêco de Martim Vaz [1] e a rua de João d'Outeiro [2].

---

(1) Êste Martim Vaz era pessoa célebre e parece que guitarreiro.

«huũ grande chaão com sua pedreira que tapa com ho muro do concelho e em fundo com ho adro do dito moesteiro e vay todo de llongo des o muro des contra Santo Antom ataa os canos da porta de Gam Vicente no quall chaão com sua pedreira estavom dous olivaees s. huũ que tras Afomso Vaaz ourivez emprazado que vay ao longo do dito muro e outro que soia trazer Martin Vaz Guitarreiro com suas cassas que parte com o dito adro da parte de fundo e emtesta com a dita pedreira e olivaees do dito moesteiro». — Pág. 260 de *O Arch. portuguez* — Pedro A. d'Azevedo — (Livro 20 de S. Domingos, doc. 21). Isto foi em 1479 que no doc. n.º 6 do m.º livro novamente se fala de casas que foram de «Martin Vaasquez Guitarreiro». Que guitarreiro seja a profissão não sofre dúvida. No doc. 38 lá vem «com casas do dito moesteiro que foram do guitarreiro...». Lá vem também um «Fernam Pires Regueredor» e um «Pere Alvez holeiro aforado» (doc. 8.º).

(2) O sr. Pedro d'Azevedo no *Archeologo Portuguez* registra que descobriu num documento de 1498 «Joham do Outeiro, morador em Bemfica». Êste Bemfica ficava às Olarias. O sr. José Joaquim d'Ascenção Valdez completou os traços da figura dizendo-o «honrado criado feitor» que casou com sua patroa e se aparentou depois com condes e ricos-homens.

Também havia gente conhecida na sua rua, que tinha nome. A travessa do Souza, a rua do Moniz, o bêco do Meireles. Mas o mais usual era o arruamento, a rua da profissão. Havia a rua dos Escudeiros, a dos Picheleiros e a dos Cutileiros. A rua da Ourivesaria da prata, a da Jubetaria e a da Padaria, que ainda hoje existe.

As mulheres também tinham papel preponderante. Caterina Gil tinha um bêco (1). Dona Helena tinha uma travessa do Arco, Inês Álvares uma rua. E quem seria a Branca lêda, a alegre Branca que sitava para a freguesia da Madanela? Talvez rival na lenda daquela Triste-Feia que Alberto Pimentel tratou na *Página literária* do *Século*.

Quanto à Lisboa dos bebedores é ver no Gil Vicente o Pranto de Maria Parda: a rua de San Gião, a «travessa zanguizarra de Mata-porcos»; a rua da Ferraria, a rua de Cata-que-fará; a «triste rua dos Fornos» e outras onde o ramo de louro devia ser em avondança e as Marias Pardas em cardume.

---

(1) Isabel Fernandes Barbaleda, mulher de João do Rego Barbaledo, tinha um bêco à Carreirinha do Socorro. Êste bêco ainda existe, corrupto o nome, porém, em Barbadela. É à rua Fernandes da Fonseca que tal é hoje o nome da Carreirinha do Socorro.

Se o leitor quiser saber quantas denominações pitorescas por essa Lisboa existiam, encontrará a rua do Arco do Capitão dos Ginetes, que certamente era pessoa importante; a rua Calca frades, a rua «do Pay de seus filhos»; a rua de Quebra cuus e a travessa de Escanchalha perna, o bêco do Deixa estar, o do Poço dos namorados e o bêco da Fermosinha. Quem seria, a senhora da lenda e da saudade, rosto de anjo, perfil de madona, a dulçorosa fermosinha que lá morava?

Havia a rua das Covas, o que não era rua atestante do zêlo municipal; a da Bispa, que ficava para as bandas de S. Miguel, e a travessa da Barregôa. Quem seria o Bispo de tal madama e que danada mulher não era a outra, para que a nomeada de seus desvarios tivesse fama immorredoira?

Na freguesia de Santa Justa havia a rua do Monturo do Bonete. Talvez de corrupção em corrupção ficasse o bêco do Monete, que hoje conhecemos. E por idêntica razão o bêco do Penabuquel, na freguesia de Santo Estêvão, era antigamente a travessa de Benamoquel.

E quem seria a parteira que, entre as 25 que então existiam em Lisboa, logrou dar o nome ao bêco onde os fregueses atarefados a iam buscar? Era da mesma fôrça um organista. Coisa digna de

se ver, que tinha um bêco seu, todo inteiro: — o bêco do Organista.

Estas coisas pândegas sucediam em tôda a cidade, mas a freguesia de Santa Justa a tôdas levava as lampas. Nela existia, além de uma travessa muito blennorrágica, uma «Rua direita da estagem das mossas», que era talvez a travessa da Palha daquele tempo. O leitor atilado pode, se quiser, matutar e inferir na relação directa das ruas e travessas. Havia, para que não se zangue a zoòlogia, o bêco da Mosca e o bêco do Perum, que a botânica tinha imensas, do álamo e do loureiro à amoreira saborosa e à pacificante oliveira.

É interessante a lista das velhas ruas, como o leitor vê. Quanto aos versos de António Nobre, preciosos. Mas em 1551 havia, em lugar das varinas, uma horda de regateiras capaz de aterrar um morto. Só da ribeira 670, afora 900 de porta. Imagine, imagine o bom leitor a poesia de Lisboa, mas não compute as regateiras. As marquesas eram menos. Dessas não fala o excelente Cristóvão, a não ser que as envolva nas 2:000 mulheres sem ofício, que, com seu cortejo de escravos e liteireiros, atravessava o dédalo caprichoso e sujo das velhas e pitorescas ruas de Lisboa.

O cavalo

O fino espírito do dr. F. Mira, com aquela excelente prosa de que dispõe, traçou há tempo uma das suas maravilhosas crónicas, sôbre o burro, onde não se sabe se mais admirar a ironia se a erudição. E porque o cavalo tenha mais pomposas tradições eu lembrei-me hoje de as recordar.

O cavalo é de todos os animais o mais nobre: pela história de suas façanhas e pela sua genealogia ilustre e soberana. Também entre os cavalos há grandes cavalos, heróis, guerreiros, vitoriosos e até grandes dignitários. Perde-se na noite dos tempos, diz o lugar comum, a história dêste fiel companheiro do homem. E desde aquele quadro célebre que representa o cavalo no estado selvagem, defendendo-se do lôbo a coice, até ao cavalo do nosso tempo, que estrada enorme percorrida! Desde o

cavalo das fábulas de Lafontaine, cavalo de fábula, do tempo das fábulas, que andando em guerra com o cervo por causa de umas pastagens, se foi a ter com o homem para que êste o ajudasse a reconquistar o pasto que perdera, ajudando-o o homem sob o pacto de o montar — dizem os moralistas que nasceu desta sociedade a escravidão do cavalo — até aos cavalos mecklemburgueses que puxam carruagens de tom, que famosos anos de história e de tradições?!

Desde o tempo em que o homem o domou — quere a tradição árabe que fôsse Ismael, filho espúrio de Abraão, quem primeiramente cometeu a façanha — êle ficou sempre seu aliado e companheiro. Mais que o cão, mais do que qualquer dos outros animais, o cavalo andou sempre junto do homem. Acompanhou-o nos passeios, nas guerras, nas conquistas, nos torneios, nas lutas, nas entradas triunfais. Por isso o cavalo foi na antiguidade objecto de um culto de que ainda em nossos dias há vestígios. Quanto cavalo há por aí, admirado, adulado e incensado?

E vem no caleidoscópio da História o cavalo de Job, bíblico e sagrado, que «escava a terra com suas unhas, salta com brio, corre ao encontro dos armados e não conhece mêdo, nem cede à espada»,

e o cavalo de Tróia, de madeira, tão desmesurado, que do seu ventre pariu as legiões assoladoras.

O Alcorão diz que há três coisas boas na vida: a mulher, a casa e o cavalo.

D. Quichote deve parte do seu triunfo ao seu *Rossinante*, sombra de cavalo tão sonhador e magro como o dono. Sancho tinha um burro, D. Quichote um cavalo. De onde se concluiria que o burro é para escudeiro e o cavalo para fidalgo se não soubéssemos que o pobre *Rossinante* não agùentaria com as gorduras de Sancho.

Incitatus foi o cavalo de Calícula e êste fê-lo cônsul. Átila teve o seu cavalo e êste imortalizou-o. Onde êle passou não mais cresceu a erva. Um rastro de desolação, de abandono, de terror lhe precede os passos. É o cavalo da morte como aquele com que Bœcklin significou a guerra. Sob suas patas ficam os cadáveres dos vencidos e os reinos conquistados. Átila é o furacão e o seu cavalo vencedor.

Alexandre teve o seu *Bucéfalo*, Meissonier o seu *Rivoli*, Napoleão o seu cavalo branco da pergunta célebre. São os cavalos de eleição cujo nome ficou imortal como o dos homens de génio que os montaram.

Quere o bom Homero que os cavalos guiados

por Automedon fôssem concebidos do vento Zéfiro por uma Harpia, Maomé que Deus transformasse o vento sul no cavalo do deserto e a tradição que perto da nossa serra do Monsanto as éguas concebessem do vento. Tradições poéticas, lendas que só tornam maior o inofensivo animal que as motivou.

Quando da fundação da cidade de Atenas, reza a história, porfiaram Minerva e Neptuno qual dos dois lhe daria o nome. Essa graça seria do que produzisse coisa mais útil. Minerva, batendo no chão com a lança, fêz surgir um ramo de oliveira. Neptuno com o tridente fêz surgir um cavalo.

Vem depois o cavalo de Dario, rei da Pérsia, que a êle deveu o trono. Foi pela destronização de Smerdis, o *Mago*. Para o substituir combinaram seis dos pretendentes das mais nobres famílias do reino que o eleito seria aquele cujo cavalo relinchasse primeiro, após o sol nascido, e indo êles todos pela mesma estrada. O escudeiro de Dario então inventou um estratagema que surtiu óptimos resultados. É Heródoto quem conta o caso: «Logo que chegou a noite, véspera do grande dia, Ebares, o escudeiro, levou o cavalo de seu amo para um lugar afastado da estrada que os pretendentes ao trono seguiam e, tendo ali colocado uma das suas éguas predile-

ctas, fê-lo passar muitas vezes junto dela para despertar ao esperto animal aquele *amor* pela linda fêmea tantas vezes manifestado em anteriores ocasiões.

No dia seguinte, mal começava a clarear o dia, os seis persas lá foram pela estrada fora a ver qual dêles seria o feliz que a sorte designaria para o apetecido trono.

Não falharam efectivamente os cálculos de Ebares, porque logo que chegaram ao sítio em que na noite precedente se tinha realizado a entrevista amorosa, o cavalo de Dario começou a relinchar desesperadamente. Subido ao trono não esqueceu Dario o grande serviço que lhe tinham prestado o seu escudeiro e o seu cavalo, e para perpetuar as suas memórias fêz erigir em uma praça a sua estátua equestre, com esta inscrição no pedestal: — «Dario, filho de Histarpo, que subiu ao trono da Pérsia graças ao instinto do seu cavalo e à astúcia do seu escudeiro Ebares».

Byron o poeta do *D. João* escreveu *Mazzeppa*, o cavalo indómito que pelas planícies do Caucaso leva o dono amarrado em cima. Eugénio Sue tem um romance sôbre a afeição de um cavalo por um gato.

O cavalo de Antioco, tendo Centaretes assassi-

nado o amo, quando o assassino o montou, atirou-se com êle a um precipício.

Ricardo III, na famosa batalha de Bosworth não trocava o seu reino por um cavalo?

Na Arte, artistas famosos teem imortalizado o cavalo. Lembraremos o cavalo de S. Marcos que se conserva em Veneza, vindo do hipódromo de Bizâncio.

Vitoro Pisanello é o pintor do cavalo como Donatello o escultor. É dele o cavalo da estátua de Gatta Melata em Pádua, como de Verrochio é o da estátua de Coléone.

Van Dyck e Velazquez eternizaram o cavalo na pintura. Paul Potter é o pintor do animal de trato e de lavoura. Alberto Dürer o do cavalo de batalha. Rochegrosse tem cavalos admiráveis na sua *Joie rouge*.

Entre nós o cavalo de D. José não é coisa famosa? E não tem Camilo um contozinho em que o instinto do cavalo salvou o dono de uma morte certa?

Como se vê o cavalo tem tradições. Lembrei-me hoje de as rememorar ao ler o artigo admirável que sôbre os burros escreveu o meu querido amigo e escritor ilustre que é F. Mira e aí ficam pálidamente esboçadas. Os cavalos que me perdoem...

A arte imoral

«O Fado» de Bento Mântua e a crítica — A Arte é amoral — Stendhal e Bourget chamados a capítulo — Fialho d'Almeida e o Dr. Garcia da Orta — Os imorais e a Arte.

A última obra de Bento Mântua, *O Fado*, que a companhia do República no teatro de S. Carlos representou, teve o condão de engulhar os *bas-fonds* da crítica citadina. E porque a protagonista fôsse uma rameira e a scena decorresse nos bairros da miséria e do vício, vá de asseverar que tal arte era imoral. Apresentar num palco o que a gente todos os dias, caminho de casa, topa nas ruas, *vade retro!* Só baronesas e marqueses. A arte não é aquilo. A arte é... Êles, os tais críticos sabem lá o que é arte...

E como suceda haver um ou outro leitor que suponha a arte com sentir e atributos do sexo, a êsse diremos que a Arte é assexuada e amoral. A Arte é o caminho da Beleza e a Beleza é multiforme e

policroma. É ao mesmo tempo a Vénus de Milo e o Apolo de Belvedere. Mas é também paisagem pintada ou real, ocaso, noite de luar ou simples medalha cinzelada. A Beleza! Já alguém disse ao certo o que era a Beleza?

Arte moral? Arte imoral? Tolice. O que é a moral? É também difícil de responder visto que a moral varia, de raça, de religião, de clima. *O Fado* imoral porque apresenta em scena uma rameira! Todavia já alguém chamou imoral à *Dama das Camélias?* Não. Porquê? Porque a cortesã Margueritte Gauthier é uma cortesã do tom e a outra é uma rameira, cortesã da plebe. O que é um desfalque ou um alcance senão a palavra roubo com o açúcar das conveniências...

Mas, não é também de hoje esta hipocrisia tôla. Quando Miguel Angelo pintou a capela Sixtina encontrou já os críticos do nosso tempo na pessoa de um tal Biágio de Casena que se foi queixar a Paulo III de que o *fresco* era imoral. Miguel Angelo imortalizou o hipócrita pintando-o na barca do inferno o que o fêz ir novamente queixar-se ao papa. Parece porém que êste não era tolo, pois que lhe disse nada lhe poder fazer. O artista pintara-o no inferno e lá não tem o padre santo jurisdição. Ainda se fôsse no purgatório!

A Arte não é moral nem imoral. A Arte é a vida engrandecida pela beleza. A Arte é simplesmente a beleza que a vida tem, os profanos não vêem e só os artistas conseguem descobrir. Não é imoral porque é a Arte. Fialho d'Almeida disse:

«Na literatura, princesas, não há nem pode haver palavras sujas. O que há é assuntos sujos, assuntos pulhas, deletérios assuntos, que os escritores não inventam, e que fazem parte do dia a dia da cidade, assuntos emfim de que a linguagem escrita é apenas o impreterível sinal gráfico.» E concluia que fôssem elas, as princesas, mais honestas e os seus irmãos menos canalhas. Já a Arte seria apenas o ideal.

Bourget foi em qualquer altura da sua vida literária assacado de imoral. Zola, nem se defendeu. Bourget defendeu-se e chamou em seu auxílio mestre Stendhal que por alturas de 1850 escrevera:

«... Sim, meu senhor, um livro é um espelho que segue por uma grande estrada. Tão depressa reflecte aos vossos olhos o azul dos céus como a lama do caminho. E o homem que leva o espelho será por vós acusado de imoral! O seu espelho mostra-nos a lama e vós acusais o espelho! Acusai antes o caminho em que está o lameiro e mais ainda

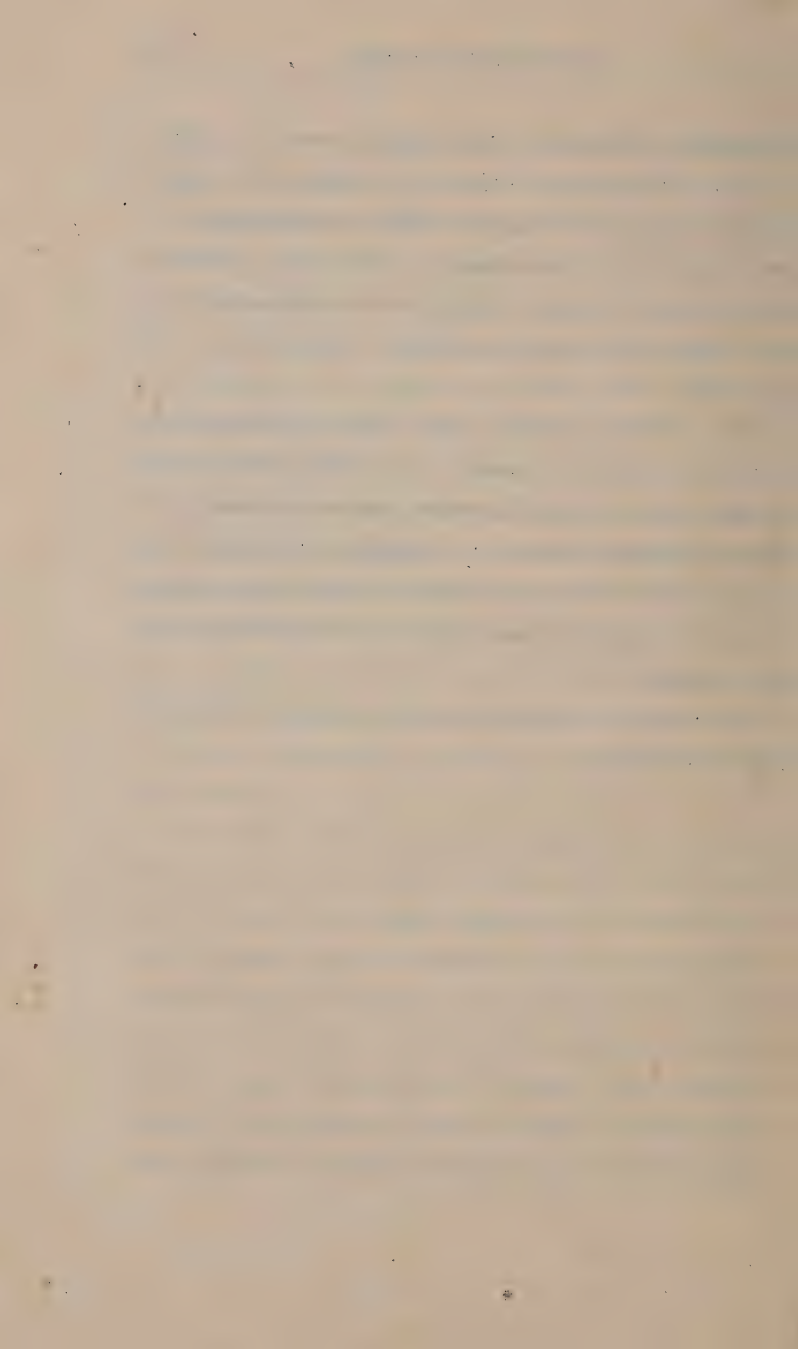
o inspector das estradas que deixou que a água empoçasse e formasse o lodaçal».

E parecendo apostado em estadear sabença pára-me no caminho da pena a opinião de um quinhentista, insuspeito portanto de subserviência literária. É o dr. Garcia da Horta, físico e contemporâneo de Camões. O seu primeiro editor, até. Num dos seus diálogos, Ruano, diz: «Dizei, porque as cousas não são çujas, senam quando as dizem os çujos, e com não limpa emtençam». Naturalmente também havia a meliflueria hipócrita que se estadeou agora a propósito de *O Fado.* Seria para o literato o caso de um médico que recusasse curar a sífilis por ser esta uma doença imoral. Como se houvesse doenças honestas, doenças Boulevard St. Germain e doenças infamantes, doenças rua da Atalaia ou dos Canos!...

Verdade seja que o reparo partiu de pessoas menos cultas, exercendo a crítica em jornais pouco lidos, jornais dos bairros extremos do jornalismo e neles mesmo pouco acatada a sua opinião. Mas porque cumpre estabelecer de uma vez para sempre que em Arte não há moral, isto fica dito. Amanhã haveria que condenar *Os Lusíadas* pelo episódio da ilha dos Amores. Dante, Ovídio, Horácio, Lucano, Petrónio expurgados da literatura. D'Annunzio,

queimado por imoral. Maupassant escreveu a *Bola de cebo?* Queimado. Zola fêz a *Naná?* Ao fogo. Daudet escreveu a *Sapho?* Pois, em torresmos. E no entanto esta literatura, a Arte que patenteia estes crimes e estas mazelas, exerce uma terapêutica. Expõe o horror em tôda a sua nudez e faz precaver.

A influência jesuítica que temos no sangue a tudo isto prefere a *Coralie & C.ᵉ* E quando, santo Deus!, lhe dá para escrever, escreve coisas sem Arte, desbragadíssimas e aconselha às damas da alta que vão e levem as amigas. Não há nada afinal como ser hipócrita; depois de ser hipócrita como ser estúpido.

A Arte com aparelho génito-urinário! Não lembrava ao Diabo...

Guilherme II,
flagelo dos reis

QUANDO Latino Coelho, iluminadamente aí por voltas de 1890, afirmava que dentro de cinqùenta anos não haveria uma só monarquia na Europa, esboçava uma profecia que vai, com a velocidade de um expresso, a caminho de se cumprir. Parece mesmo que Deus se fêz republicano, e delegou em Guilherme, seu velho aliado, o encargo de a efectivar. Em cinco anos desapareceu da Europa uma porção de tronos, e uma multidão de testas coroadas corre, vagabunda, estradas e caminhos, a buscar o anonimato do exílio.

Guilherme II deu à Alemanha um impulso formidável. Fê-la grande, tornou-a enorme. Mas deu também às ideas modernas, empurrado pela mão férrea do Destino, um impulso gigantesco. Se assim como muitas vezes se serve a liberdade cultivando a opressão, assim Guilherme serviu a

democracia querendo tornar maior o poderio real. As ideas modernas, niveladoras de castas, razadoras das supremacias, quando não alicerçadas no saber ou no trabalho, tiveram neste Guilherme II, megalómano, que possuía cento e cinqùenta fardas e discursava de tudo, o seu melhor impulsador. Foi êste ambicioso coroado, imperador e rei, margrave, burgrave, conde, duque, grão-duque, príncipe e senhor, generalíssimo e almirante, doutor honorário em direito, sciências, medicina e engenharia, quem Deus enviou para flagelo dos reis.

A guerra liquidou-lhe o sonho e quebrou-lhe a espada aguçada e cortadora com que êle ameaçava o mundo. De vencedor da Bélgica e da França, de triunfador da Inglaterra passou a ser um evadido e um exilado. O teatral imperador Guilherme, *Imperator Rex*, é hoje apenas o sr. Guilherme. Castigo da insofrível e desmesurada ambição, mutações do tempo, que dariam, em tempos idos de prosa beneditina, páginas inexauríveis de conceitos tendentes a provar o *vanitas vanitatum* das coisas terrenas.

Guilherme II foi o flagelo dos reis, que não só arrastou atrás de si, lacrimosa e sangrenta, essa Germânia suprema, mas fêz rojar no pó, a púrpura de não sei quantos dinastas, príncipes e grão-

-duques e os arminhos de níveas e loiras imperatrizes. Foi êle quem fêz desabar na Rússia do terror, êsse Nicolau autócrata. Foi êle quem fêz desabar na Áustria o filho do velho Francisco José. Não foi só a casa secular dos Hohenzollerns que êle derrubou com o seu louco sonho de grandeza. Foi a casa Romanow-Holstein-Gottorp, a da Rússia; foi a casa Hasburgo-Lorraine, a da Áustria.

O seu cortejo de reis, príncipes e senhores, imperial, faustoso, munificente, desfêz-se. Com êle tombaram do trono quatro reis, seis grão-duques, cinco duques e sete príncipes, guardadores de numerosos rebanhos de súbditos. Ponham-se agora as imperatrizes, as rainhas, as princesas, todos os filhos, tôda a folhagem da árvore rial e só então se verá a extensão do desastre. Foi êle, Guilherme, da Prússia, foi Rodolfo, da Áustria, foi Nicolau, da Rússia, três imperadores. Foi o velho Luís, da Baviera, foram Frederico Augusto, de Saxe e Guilherme Carlos, de Wurtemburgo, três reis. Foram Frederico II, de Bade, Ernesto Luís, do Hesse, Frederico Francisco e Jorge Adolfo Frederico, dos dois Mecklemburgos, Frederico Augusto, do Oldenburgo e Guilherme Ernesto, de Saxe-Weimar-Eisenach, seis grão-duques. Foram Leopoldo Frederico, do Anhalt, Ernesto Augusto, do Brunswick, Jorge II,

Ernesto II, Carlos Eduardo, respectivamente de Saxe-Meiningen, Saxe-Altenburgo e Saxe Coburgo e Gotha, cinco duques. E foram finalmente Leopoldo IV, do Lippe, Henrique XXIV e Henrique XXVII, dos dois Reuss, o Reuss do ramo primogénito e o Reuss do ramo segundo; Adolfo, do Schaumburgo-Lippe, Carlos-Gonthier e Gonthier, dos dois Schwarzburgos, o Schwarzburgo-Sonderhausen e o Schwarzburgo-Rudolstadt; e Frederico, do Waldeck-Pyrmont, sete príncipes.

Casas riais a quem Guilherme II esbulhou do trono, temos a de Wittlsbach, a de Zähringen, a de Brabante, de Holstein, de Ascania, dos Guelfos e a de Lippe. Com que indignação não há de estar nos seus moimentos de pedra, a ossada dos velhos fundadores, a carcaça dos que a ferro e fogo, pelo braço, pela astúcia ou pelo esfôrço talharam um reino, sonharam uma dominação?

Nos seus túmulos, êsse Conrado da Francónia, Othão, *O Grande*, êsse Frederico Barba-roxa devem estremecer de mágoa. Tudo se perdeu, tudo se foi. Assim, um homem que teve o maior poder da terra, que foi dono de sessenta e sete milhões de almas e quinhentos e quarenta mil oitocentos e trinta e oito quilómetros quadrados, de vinte e cinco corpos de exército e cento e vinte navios de guerra, e que

era ainda senhor, pelo mundo fora, de mais dois milhões novecentos e cinqùenta e dois mil e novecentos quilómetros quadrados e doze milhões de viventes, êsse homem que teve tudo, mandou tudo, foi tudo, tudo perdeu por tudo querer. É agora apenas Guilherme, o exilado. Seus filhos, que seriam reis, são hoje apenas homens e já os jornais noticiam que um se fêz empregado de um banco. Pobre Guilherme! Já não é imperador, rei, almirante, doutor, generalíssimo. Já não é coronel russo, almirante inglês, capitão general espanhol, generalíssimo grego. Já não é grão-mestre da Águia Negra, cavaleiro da Jarreteira e do Tosão de Ouro. É apenas Guilherme, o enviado de Deus para aniquilar os reis, Guilherme, o aliado do demónio que encheu a terra tôda de gemidos, de gritos, de angústias e de clamores. Que encheu a terra de mortos, de incêndios, de ruínas, de desolação. Que empapou a terra de sangue, que revolveu a terra de tiros e de misérias.'

Guilherme jogou contra o destino os terríveis *dados de ferro.* Eça de Queiroz dizia-nos há umas dezenas de anos que se êle ganhasse teria estátuas, como tiveram Augusto e Tibério, mas que se perdesse só teria o exílio, «o tradicional exílio em Inglaterra, o cabisbaixo exílio». Guilherme perdeu

e cumprem-se os fados. Guilherme tem hoje apenas o cabisbaixo exílio. Mas tem, suprema ignomínia, com o exílio, a imprecação dos humildes que acreditaram nele e que vociferam o seu abandono, soldado que deserta, rei que, fugitivo, vagabundo, vai acolher-se a terra alheia, e o rancor, o ódio, a amargura infinita dos reis, pobres reis, príncipes, duques, coorte feliz e doirada, a quem êle vigarizou com um sonho de encantar e que, como o saloio de todos os dias, acordaram espoliados, odiados, sem trono, sem manto, sem esplendores, vagabundos, errantes, perseguidos, pela vastidão infinita da infinita terra.

O calão

I

O calão não é novo. Não é também a língua tenebrosa sôbre a qual o sr. Vítor Hugo tão profundamente discreteia. Não é. O calão é a língua dos que não querem ser entendidos por profanos. E longe de ser a salsugem da bôca dos grilhetas e das prostitutas, o calão é

Sôbre o calão pode o leitor consultar:

J. B. da Silva Lopes — *Historia do captiveiro dos presos d'estado na Torre de S. Julião da Barra*, 1833.

João Candido de Carvalho (Padre Rabecão) — *Eduardo ou os mysterios do Limoeiro*. Tem 2 ed., 4 vol. A 2.ª é de 1865-66.

Alonso Aleixo (Pseudónimo de Salema Garção) — *Diccionario de vocabulos exquisitos que o uso tem feito admittir*. Lisboa, 1885. 75-1 pág.

F. Adolpho Coelho — *Os ciganos de Portugal*. Com um estudo sobre o calão Lisboa, 1892. 302-2 pág.

Alberto Bessa — *A Giria Portuguesa*. Esboço de um diccionario de «calão». Prefacio de T. Braga. E na *Revista do Minho*, 1.º ano, 1875, Barcelos, os artigos de Candido A. Landolt *Vocabulario popular de alguns termos especiaes usados pelos fadistas*

a vida. Tôda a gente fala calão. O siciliano fala-se na Sicília e o holandês na Holanda. O calão fala-se em todo o mundo. Vamos aos clássicos e lá o veremos. Quando o Chiado nos seus *Autos* diz: «parece que vos tocais», fala calão. «Tocar» é embebedar. Soropita, contemporâneo de Camões, já fala em «seis dias à sombra» e, se Nicolau Tolentino verseja:

> «Gritava um deles, que nem via boia»

Curvo Semedo, escreve:

> «E anda trombuda há quási um mês comigo».

Pois não é o calão metade da língua? Quando se lê nos jornais «deu à luz», «*délivrance*», «estado interessante», «lua de mel», os jornais falam calão. Quando o estudante diz «andar à lebre», «jógo de porta», «faço gazêta»; quando na tropa

---

do Porto e os de J. Leite de Vasconcellos *Giria Portugueza*. Na *Revista de Portugal*, novembro de 1890, os de J. M. de Queiroz Velloso, *A Giria (vocabulario, etymologia e historia)*. Na *Manhã*, agosto de 1919, os de Antonio Barradas *A giria do C. E. P. ou o Calão da Trincha*, na *Aguia* (Porto, 1914) o de A. A. da Costa Ferreira e Canuto Soares — *Algumas considerações sobre um calão escolar. O calão da Casa Pia.*

Também nos *Apontamentos da vida de um homem obscuro*, nas pág. 316 e 317, há referências ao calão.

um cavaleiro, que é um «esterqueiro», chama ao infante «carango» e ao pão «casqueiro»; quando um jornalista fala num «linguado» e em «fazer uma caixinha»; quando um jogador diz que fêz «um combóio», «uma vaquinha», ou pediu «uma armação»; quando um marinheiro chama à cara «bitácula» e a uma mulher «fragata»; quando o mestre de armas diz «páre», à «quarta», a «fundo»; quando se chama a uma actriz «estrêla» e de uma peça caída se diz que foi «pelo buraco do ponto» ou «é uma perdiz»; quando o bombeiro diz «o fogo arde» e o ensaiador «passa a dois», «esquerda alta» ou «entra pelo fundo»; quando o médico fala em «zoofobia» e «megalomania»; quando o músico ao pedir o jantar diz «venha de lá essa charanga» e quando um fadista diz a outro que lhe «arma a cabeça numa falua», tudo isto, tôda essa genta fala calão.

E que outra coisa não é senão lídimo calão chamar «Chico» ao Francisco, «Micas» à Maria, «Quim» ao Joaquim? Os brasileiros quando tratam Joaquim por «Quincas» e em Espanha quando se busca um José por «Pepe», não será isto falar calão?

Camilo quando enunciava os vários nomes do janota: «crevés, estouradinhos, abas, faias, chichisbéus, etc.», não falava o mesmo calão que o autor do *Paris-noceur*, dividindo as cortesãs em «demi-

-mondaine, cocotte, cocodette, marcheuse, retapeuse e goton» ou o nosso Esculápio, o Linneu dos gatunos, classificando-os: «vigaristas, vitrinários, de golpe, de môsco, de quelles, bate-sornas e espadistas»? E que outra coisa não é chamar a Musset «romântico», a Zola «realista» e a Baudelaire «satânico»?

Quando se diz «o meu ordenado, a minha féria, a minha quinzena, o meu pré e o meu jornal» não falam calão as diversas classes da sociedade? Pois não o falamos também quando dizemos que X é «um bom taco» e Y «um bom calção», lá porque um carambola como o Gorjão e o outro equitá como S. Jorge?

Na política já o calão tinha tido entrada antes que um chefe do govêrno levasse para a câmara o apodo patusco de «filarmónica dos lagartos» a um partido rival do seu. É «constório», como se diz em Trás-os-Montes, que a Liga Monárquica era a «liga do carapau» e que os partidários de João Franco são «talassas». Pois não houve patuleas e setembristas, burros, malhados, caceteiros e liberais? Não era «japonês» um dissidente regenerador em Bragança, e não se alcunharam os progressistas, de «rifenhos» em Braga e de «moleiros» no Algarve? Os regeneradores não eram «france-

ses» no Barreiro? Não há no nosso parlamento «os selvagens»?

Tudo é calão. Quando nas feiras espanholas as «lenguas de vaca» teem êste dístico: «si esta vibora te pica no hay remedio en la botica», não falam também calão as navalhas?

*
* *

O calão é para a língua o que a caricatura é para a pintura. É a deformação pitoresca e em verdade de uma riqueza pródiga essa língua, essa gíria, essa aravia, *argot* ou jeringonça onde há matizes os mais diversos e sons os mais espantosos: linguagem amassada de ironias contundentes e desesperos dantescos, de labaredas de ódio e scintilas de graça mordente, de gemidos e facadas, linguagem que vem dos hospitais e das cadeias, dos bairros da Dor onde a Miséria impera, dos bairros do Vício onde o Crime pontifica. Linguagem de drama onde os actores morrem tísicos quando não morrem na ponta de uma navalha.

É no entanto bem curiosa e indispensável a quem se aventure nas vielas lôbregas da cidade. Ai de mim se na deambulagem nocturna onde vou buscar os farrapos de vida que revendo ao leitor, ai de

mim se tivesse o verbo de Calixto Eloy ou as invectivas demosténicas da *Oração da Coroa*. Em Roma sê romano. Na viela sê vagabundo. O calão é uma língua terrível que exige a destreza de um jògo de armas. Cada bote pára-se e riposta-se. Ai do que não soube ripostar a tempo. Por isso na vida tão urgente é saber vestir uma casaca e conhecer a côr das luvas que cada hora do dia exige, como conhecer o poiso onde encontrar quem tire o molde a uma fechadura ou se sirva de um «valente». Que demónio! Pode ser preciso e a gente não sabe ao que chegará.

Ora pode o leitor saber desde o «cogito ego sum» descartesiano até à teoria fagocitária de Metechnicoff, o holandês e o sânscrito, o savate e tudo o mais, que, se acaso eu lhe disser que o sr. Murcela de Arouca é um sujeito que «fala muito bem francês» o leitor não deixará de julgar que êle será capaz de lhe recitar algumas poesias de Rollinat. Puro engano. «Falar muito bem francês» só quere dizer que êle recompensa como um «lord» os serviços que lhe prestam.

Para o calão não há regras. E se o leitor desprevenido, «branco» na gíria, se meter a praticá-lo, encontrá-lo há mais difícil do que o que supõe. Assim se «ginja» é um velhote, o diminutivo é

aguardente. Se «tareco» é um gato, o plural são móveis. Se sardinha é «aranhota», navalha é «sardinha». Ser habilidoso é «ter dedo», ter dedo «é ser artista».

Imagine-se o leitor no Machadinho ou na Botas a ouvir-lhe recitar que tem ali «uns pulinhos com tirantes» ou umas «fraldiqueiras» com «pimpões» que estão mesmo «daqui detrás da orelha». E vem mais «uma viúva com seu filho», «meio susto» e uma «sobremesa de macaco». Ora tudo isto em língua de leitor quere dizer que o coelho com feijão carrapato e as sardinhas com pimentos, especialidade da casa, estão divinas. E que, com mais uma garrafa e um copo, meio pão e uma banana, o leitor ficará como um abade... se não estiver perto algum abade que lhe responda. Já no *patois* parisiense a viúva não tem viníficas delícias. Não embriaga, mata. Foi inventada por um médico, mr. Guillotin, e teve ocasião de o mandar para onde êle costumava mandar os doentes...

Quem no calão «leva as lampas», não pela quantidade mas pelo pitoresco, são os brasileiros: «Há que pedir a seu Lopes, um manda chuva, que trata Deus por compadre, que em vista de serrar de cima faça a coisa emquanto o Brás é tesoureiro». «Seu» Lopes é influente, pode tudo, está

no poder e emquanto há vento é que se molha a vela.

O «serrar de cima» não é só brasileiro. A Espa nha da senhora Pardo Bazan adopta-o e esta fornece-o no seu livro *La madre naturaleza.*

Negar o pitoresco, o ineditismo, o interessante ao calão, seria o mesmo que querer «tapar o sol com um peneiro». Quando um «filho de mosco» diz que uma pulseira de senhora é «uma algema», ou chama ao cão «um ladrante» e a uma galinha «penosa»; quando intitula Deus «Juís do Bairro Alto» não têm propriedade? Pois o céu não é o mais alto bairro? E um polícia não é um «filante»? «Filar» é prender, logo o «prende gente» é «filante». Chamar a um sabonete «espumante cheiroso», «tamposa» a uma caixa, «folhoso» a um livro, «dentosa» a uma serra e «gargantosa» a uma garrafa, é de justiça confessar que só no calão se emprega. E sendo a vista «lupa», o olho é «lupante», assim como se não poderá negar justeza ao chamar-se a um relójio e a um advogado, especialmente a êste último, um «palrante». Ora palrar não é falar. Falar é coisa consciente, palrar é a acção mecânica. O advogado... o relójio... Sem ironia! É uma psicologia e um retrato.

«Lódo» não é oiro? Pois um ourives é um «lodoso» e se a corrente do leitor fôr de «plaqué-

-americano» eu posso muito bem «cantar» que o cavalheiro trás uma «amarra de lódo macareno» que é mesmo de quem não tem «ralé».

O leitor sabe já que «pala» é «bucha», «bucha» é «galga», «galga» é «escôva», «escôva» é «indrómina» e tudo isto é mentira. Sabe que um varredor é «um escrivão da pena grande». Sabe que quando uma pessoa conta um segrêdo «se descose»; quando fica com o que não lhe pertence «se abotoa»; quando recompensa «se explica»; quando se veste «se encaderna»; quando se embebeda «tem dois dedos de gramática»; e quando morre «patea», «vai cear com Cristo», «vai p'r'às malvas», «p'r'ó maneta» ou «p'r'ó major», «arrefeceu-lhe o céu da bôca» ou «deu-lhe um ar». Êste «deu-lhe um ar» que últimamente epidemiou Lisboa, não é novo. Se o leitor se interessa, saberá que o encontra no «seu» Gil Vicente, um sujeito maroto que já chamava «pousadeiro» ao sítio onde as costas mudam de nome.

> «Foi ar que deu pelas gentes,
> Foi ar que deu pelo mundo,
> De que as almas estão doentes».

E já Daniel Rodrigues da Costa, citado por Bruno, a propósito do tabaco diz:

> «É um ar que lhe dá, torna-se em fumo».

*
* *

O leitor, que conhece decerto uma casa de iscas, não sabe o nome com que o calão crismou o cosinheiro, um galego mondongo, armado de um belzebútico garfo de dois dentes, com que volta o fígado, quando não mete os dedos no nariz ou se assôa a êles. Pois é um «frege-moscas», nome que é uma pintura, tão conscienciosamente aplicado está.

Quando o «vitrinário» diz que o tentou «um cegante» o leitor não adivinha que aquilo é anel de brilhantes, de pedraria que ofusca? Pois se fôsse de «lódo» era amenamente «um caxuxo». Chamar «mimoso» a um chapéu e «mimosa» a uma camisa gomada; «coleira» a uma gravata e «gravata» a uma guitarra metida pela cabeça abaixo, são realmente achados de descritivo e de expressão. É preciso ter talento para denunciar como «migalha de pão com pernas» o piolho, «carocha» uma ponta de cigarro, «mulato» o café com leite, «João Pestana» o sono e «João Ninguém» qualquer vagabundo que «não tem onde cair morto».

Depois a côr, o pitoresco do calão. Pois quando um vadio diz «filei um pulante» não tem essa frase

mais colorido e pitoresco do que se disser agarrei uma pulga? Quando o padre Rabecão escreve que um tal fulano «teve uma febre cerebral» o leitor não adivinhou já que êsse fulano de tal foi enforcado?

Também o calão tem a sua poesia. Que imensa não há nesta coisa de chamar ao caixão «cama à francesa!» Para quem passou a vida dormindo no banco dos passeios, na tarimba das prisões, sôbre lagedos ou nos montes de pinho do Atêrro, nas grutas do Monsanto ou debaixo de chuva, o caixão deve ser o prólogo de comodidades infinitas.

Chamar à prisão «vagarosa!» Diz ali o meu Amador Arraiz: «Como corrẽ depressa os dias & noites dos tẽpos felices; & como estão quedos, & são vagarosos os infelices calamitosos?» «Vagarosa!» Deve ser, sim.

Para o faia o patrão é «casaca», a amante «faneca» ou «pingente». E não é profundamente típico dizer-se de um amigo que mora lá para o Beato que é lá para o «calcanhar do mundo», de uma coisa perdida que é «côr de burro quando foge», ou perguntar a um cogitativo em que diabo está êle a «parafuzar»!!

Pois dizer-se de uma visinha que não larga a «ventosa» que vem do espanhol «ventana» e sabe

a vida de tôda a rua que «é um almanaque»; dizer de um morto que êle «nem pia»; de um subserviente «capacho» e de outro a quem se passou «uma rasteira» e caíu que «se espalhou», não dá certo?

Quanto à poesia do calão não haja dúvida. Se o leitor é do Pôrto será «tripeiro», se de Lisboa, a «Mata grande», «alfacinha». Mas se é de Coimbra verá que a terra da linda Inês é mesmo em bôca de correccionais a «Mata linda».

*
* *

O leitor lembra-se da *Lição de anatomia*, de Rembrandt. Pois visione-a, substituindo o teatro anatómico de Amsterdam por uma enxovia do Limoeiro. Onde o pintor pôs o célebre professor Tulp ponha algum dos luminares do «traço». Substitua os sete esculápios seiscentistas por sete «autênticos» gatunos. Onde na tela há mantéus derrubados ou enrocados ponha cachenés e substitua o feltro largo por qualquer boina característica. Um matulão fará de «cadavre». E o Tulp do Limoeiro irá dizendo não o nome dos ossos, a rêde das veias, o jôgo dos tendões, o tecido dos músculos do braço, mas o nome das várias partes do corpo humano. Come-

çará pela cabeça. Esta, explicará, também se chama «caveira», «tonta», «bichosa», «caco», «cachola», «pitorra», «piolhosa», «caixa dos pirolitos», «mocha», «zimbório», «praça do piolho», «maquineta», «grimpa», «tóla», «cornadura» e «caixa das ideas ou marmita dos pensamentos». Depois particularizará dos olhos, «lúzios», «clises» ou «lupantes». Às orelhas chamará «conchas» ou «guarda lama»; aos ouvidos «búzios». O nariz será «bitácula», «pau da bujarrona», «penca», «batata», «béque» e «bicancra»; as narinas «fungões»; a bôca «buraca»; a língua «faladeira», «grunhideira» e «badalo»; os dentes «tacha» e «cravantes»; o cabelo «guedelha» ou «belezas»; o pescoço «gargalo». Tudo, resumirá, das «belezas» ao «gargalo» constitui o que vulgarmente se chama cara e a que se deve chamar «facha», «fela» e «fecharia», «máscara», «lata», «tromba», «trombil», «focinheira», «taboleta» e «carranca».

Se quiser entrar pela patologia interna ou esgaravatar na psiquiatria elucidará que na «caveira» se alberga às vezes uma doença que faz o doente «não regular». Então ficam os colegas sabendo que aquilo é «aduela de menos», «pancada na mola» ou «macaquinhos no sótão». Também se diz que o doente «tem pouco pé direito». Perante o silêncio

da assistência, se o dissertante fôr sabedor, poderá dizer que à barriga, que cá na terra tanto nome tem, desde «bule» até «paiol» chamam os colegas «capoeiras» «casa de purgar». E dará por finda a lição que decorrerá sem «empêno» pois que tudo ali são «unhacas» (corrupção de unha com carne), «tipos fiches». Algum mais deslumbrado ao estender o «bacalhau» ao lente convidá-lo há para ir ao «bailique» tomar «qualquer coisa». «Qualquer coisa» é uma bebida e não, como o leitor julgará, líquido indeterminado.

* * *

A noite chama-se a «orgue», o homem «o orgue». «O homem é um derivado da noite», diz Vítor Hugo. Há pois para acompanhar o homem que visitar a Noite. Mas a Noite tem surpresas infinitas, ciladas extravagantes para os que querem penetrar o seu mistério. Não se aventure o leitor.

Homem, filho da Noite, como te abomino. Noite, senhora da Treva, do Desconhecido e do Infinito, como te estremeço!

II

Já o leitor sabe quanto curiosa não é essa língua das trevas que se fala no reino da angústia, da miséria e do crime. Já o leitor sabe da sua propriedade, conhece já o seu pitoresco. Língua estranha, caricatural e macabra, é amassada com vocábulos de tôdas as línguas, imagens de todos os ofícios, expressões louco-lúcidas, espantosas de ironia, de claro-escuro e de humorismo.

Língua internacional, visto que ela vive não só no *bas-fonds* de tôdas as almas, mas no *bas-fonds* de tôdas as nações, em cada gorja que passa se vai enriquecendo. O calão não é português, francês ou espanhol. É o calão. Adolfo Coelho disse no IX congresso de antropologia pre-histórica, que há na gíria dos nossos criminosos, palavras de origem tsigana: «adicar» que é ver, «clises» que são olhos, «piela» que é bebedeira, «místico» que quere dizer bom.

Sabe tôda a gente que «naifa», navalha, vem do inglês *knife*; «gâmbia», perna, vem do italiano *gamba*; «ventosa», janela, vem do espanhol *ventana*.

Do pitoresco, do calão português, já o leitor conhece. O brasileiro, filho do nosso, não envergonha o pai. Assim é que se pode ver na *Gíria dos gatunos cariocas*, um livrinho interessante publicado pela polícia brasileira, que nêle se chama a uma espada «escova de paisano»; a um chapéu de sol «solante»; a um revólver «João meia dúzia»; aos queixos «mastigantes»; a um bêbedo «noé»; ao dinheiro «vento». E até Euclides da Cunha, nos *Sertões*, dizendo que os matutos chamam à cachaça «teimosa», acrescenta em nota: «Nada diz melhor a atracção que ela exerce sôbre aqueles valentes e o desejo nunca realizado que êles teem, de evitá-la».

«A linguagem dos nossos ladrões não é tão rica como a dos franceses», diz o dr. José Pereira Reis, citado nos *Ciganos*, pelo dr. Adolfo Coelho. Não há dúvida. E quere o leitor aproveitar uma breve excursão pelo calão francês? Lá como cá, se chama «dolorosa» à conta do restaurante; «mordente» a uma lima e «ardente» a uma luz. Dinheiro é *huille*, e azeite é sangue de peixe, «sang de poisson». Um arquiteto é «um tira linhas», um advogado é «le médecin» e «médecine» os seus conselhos, o que

não deixa de ter propriedade e lógica, pois estar doente é ser preso.

Mas quere o leitor calão pitoresco? Saiba então que uma mulher que num baile ninguém convida para dançar é «tapisserie»; pobreza é «jobisme», de Job, o miserável; estar triste é «penser à la mort de Louis XVI»; ser guilhotinado é além de «desposar a viúva», «mettre la tête à la fenêtre»; a bôca é «casa de jantar» e o estômago, que os brasileiros dizem «casa de purgar» é simples e soturnamente a «cave».

Quando um ladrão é acareado com outro ou com o acusado, diz que foi «à pedra de toque»; quando vai responder «passa diante do espelho», «passer devant la glace» frase profunda de psicologia exacta.

Quando o bêbedo do *Alcool*, de Bento Mântua passa a garrafa ao outro dizendo «deixa-te de questões e pega lá a menina», não sabe decerto que os colegas franceses lhe chamam «demoiselle». O arco íris é uma «cravate de couleur»; um cofre forte é um «récalcitrant»; um cão de guarda, um «alarmista»; uma camisa, um «sac à viande»; uma baioneta, um «coupe-choux».

Um «homem de letras» é um «falsário»; tinta «lait de la vache noire», como leite é «vin de la

vierge Marie». Um bombeiro é um «lance l'eau». Um soldado é um «oficial de guarita», o que não é mal achado còmo modêlo de ironia. Se o soldado, porém, fôr da administração militar, então é «arroz--pão e sal» (riz-pain-sel).

No tempo da Revolução, os presos que pelas suas poucas posses não tinham para pagar o leito, eram pelos carcereiros denominados *pailleux* ou *pailleuses*, pois dormiam sôbre palha, diz um volume que trata de *As prisões na revolução.*

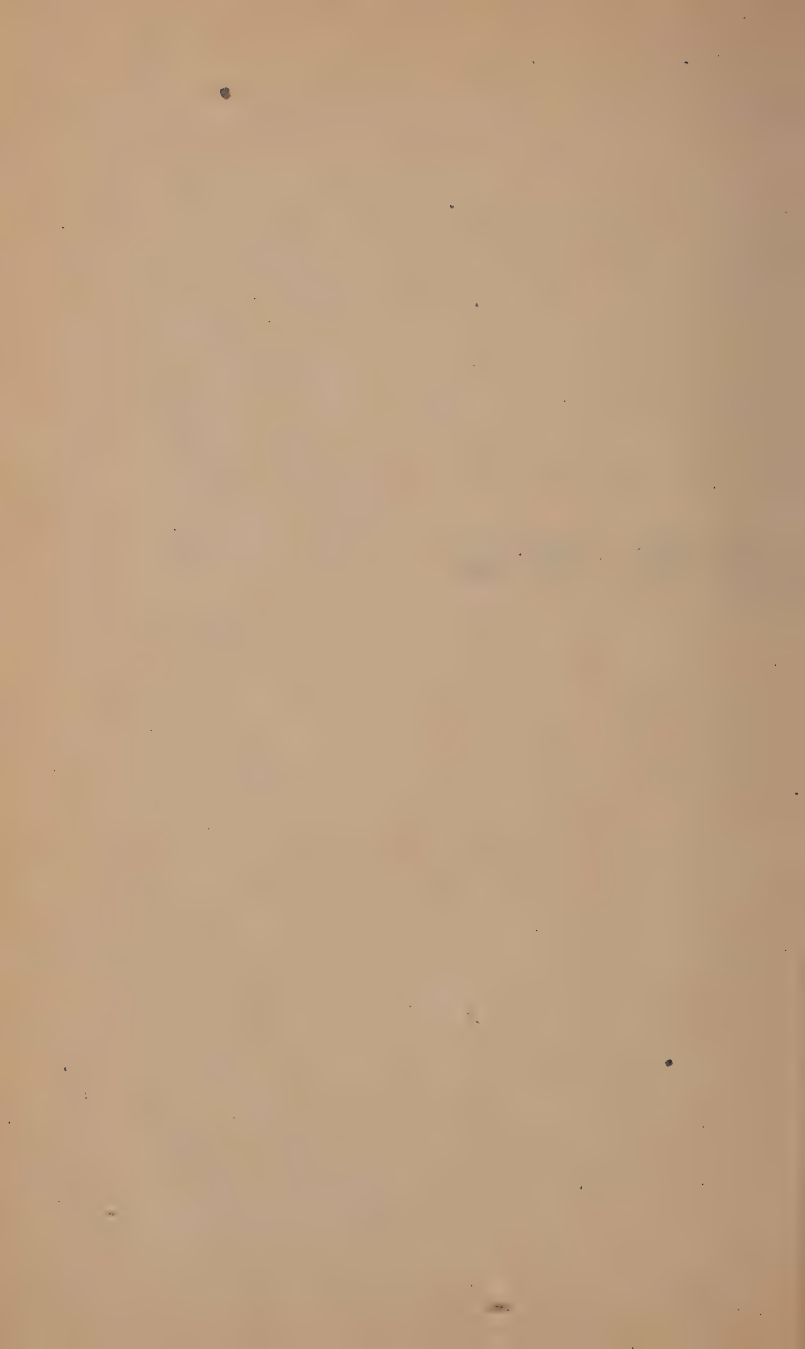
Como no nosso calão, «gambilles» são pernas, cumprimentos são «salamaleques», o corpo humano é «cadavre», os braços são «asas».

Como entre nós ainda, o bebedor que bebe para esquecer, para afogar desgostos, bebe para «étrangler la douleur», e comer a crédito é também comer «a ôlho». «Dar à morte» é denunciar, e matar é «faire passer le goût du pain».

Entre os termos precisos está «fourmillante» e «frémillante» designando uma assemblea, reunião de pessoas onde todos mexem e se agitam; e «omelette soufflée» e «ballon captif» para designar uma «femme enceinte». Entre as coisas curiosas está por exemplo a de designar uma rameira por «fleur de macadam», o que já se diz entre nós e por «Marie--couche-toi-lá», e que é um verdadeiro achado; a de

chamar a um *claqueur* de teatro, «intime»; às nádegas «les deux sœurs» e ao pregar uma tareia na mulher «remonter sa pendule».

Terminou e hão-de concordar que, quanto mais não seja, só por esta última frase valeu a pena a excursão. Bater na mulher *dar corda ao relójio!* Não lembra ao diabo...

Os Eruditos.

Anselmo Braamcamp Freire

TENHO aqui defronte de mim o IX volume do *Archivo Historico Portuguez* e venho de o saborear demoradamente, com amor e com respeito. E agora que o li dou-me um pouco a scismar na extraordinária figura de homem e de erudito que é Anselmo Braamcamp Freire, o editor e alma dêste *Archivo*, que só por si representa e vale tôda uma academia. Dei-me a consi-

---

Nasceu a 1 de fevereiro de 1849.

Publicou: *Livro primeiro, segundo e terceiro dos Brazões da sala de Cintra,* 1899-1901-1905. 3 vol. de LV-470-1 pág., 15 est.; XI-543-1 pág.; XIII-1-340-3 pág. Tiragem apenas de 101 exemplares em papel de linho, destinados a ofertas; *O Conde de Villa Franca e a Inquisição*. Lisboa, 1899. XIII-126 pág., 12 est. Tiragem de 500 exemplares; *Indices do Cancioneiro de Rezende e das Obras de Gil Vicente*. Lisboa, 1900. VII-114 pág. Tiragem de 20 ex. numerados; *As Sepulturas do Espinheiro*. Lisboa, 1901. 4-103-1 pág., 6 est. Tiragem de 250 exemplares; *Em volta de uma carta de Garcia de Rezende*. Lisboa, 1905. 19 pág., 2 est. (Separata do *A. Historico*). Tiragem de 21 exemplares; *A Honra*

derar, porque de há muito sei da sua integridade moral, tão rara, em tempos de vigarisse e descalabro, que mais parece de figura retabular enquadrada em épocas remotas. E porque de perto, com a curiosidade de criatura a quem essas coisas interessam, sigo o seu labor apaixonado, patriótico e reconstituidor. Se a política alguma vez o tentou, breve, anojado, deixou as suas fermentescíveis porcarias, buscando no estudo acoito rijo e um remanescente de consolações íntimas, que o vezo politi-

---

de Rezende. Lisboa, 1906. 66 pág. (Sep. do *A. Historico*). Tiragem de 21 exemplares; *Amarrado ao Pelourinho*. Lisboa, 1907. 77 pág.; *Emmenta da casa da India*. Lisboa, 1907. (Separata do *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*), 72 pág.; *Critica e Historia*, vol. I. Lisboa, 1910. 2-V-1-414-8 pág.; *Um aventureiro na Empreza de Ceuta*. Lisboa, 1913. VIII-30-1 pág.; *Gil Vicente, Poeta e Ourives* (Notas soltas). Coimbra, 1914. 19 pág. (Separata do *Boletim da 2.ª classe da Academia das Sciencias de Lisboa*). Tiragem de 50 exemplares; *Expedições e Armadas nos annos de 1488 e 1489*. Lisboa, 1915. X-112-8 pág., 1 imp.; *Maria Brandôa, a do Crisfal*. Breve investigação histórica. Lisboa, 1916. 25 pág. (Separata da *Atlantida*). Tiragem de 50 exemplares; *Nos Centenarios de Ceuta e Albuquerque*. Discursos do Presidente da Grande Comissão Oficial dos Centenários. Coimbra, 1916. 42 pág. *Condados de Moncorvo e da Feira. Ousada falsificação de documentos*. Coimbra, 1919.

Em janeiro de 1903 começou a publicação do *Archivo Historico Portuguez* de que é também redactor D. José Pessanha. Estão publicados 10 volumes. *O Archivo Historico* publicou o *Livro dos bens de D. João de Portel*, cartulário do século XII e publicado por Pedro A. de Azevedo e precedido de uma notícia

queiro só lhe daria em renováveis desgostos. Melhor foi, porque lucraram as letras, sem que perdesse a pátria.

É de ver que lodaceira de rancores veio à tona, quando se supôs que êle quereria disputar a glória fugitiva de mandar, êle, que despiu o manto arminhado e veio, adiantando-se ao tempo, tomar logar, com isenção e desassombro, onde a peleja e o pôsto eram mais rudes e menos cheios de glórias soberanas!...

---

histórica por A. B. Freire. CIV-186 pág. Edição de 101 exemplares, e a *Chronica de D. João I* por Fernão Lopes, 1 parte, 400 pág. Edição de 200 ex. para a venda. Também o *Archivo Historico* tem em publicação a *Armaria Portugueza*.

A B. Freire publicou em 1904 o *Somaryo dos livros da Fazenda tirado por Affonso Mexia*. 4-XXVII-77 pág. Com uma introdução. (É separata do *A. H.* e tiraram-se 21 exemplares). Em 1916 publicou a *Noticia da Vida de André de Rezende pelo beneficiado Francisco Leitão Ferreira*. Lisboa, XXI-1-248 pág. (Separata do *A. H.*). Edição de 31 exemplares.

Anselmo Braamcamp Freire colaborou no *Diario Illustrado* (1874-84-85), *Arte Portugueza* (1895), *Jornal do Commercio* (1902-3-4 e 7) com o pseudónimo *Silex*, *Revista Luzitana* (1907), *O Tripeiro* (1908-9), *Boletim da segunda classe da Academia das Sciencias de Lisboa* (1913-14), *Boletim da Sociedade de Geographia* (1915) e *Revista de Historia* (1917).

Sôbre o escritor consulte-se o *Portugal* (Dicionário) vol. III; *Boletim da Sociedade de Bibliophilos Barbosa Machado*, vol. III, pág. 151 e o *Diccionario Bibliographico Portuguez*.

Faleceu em Lisboa em 1922, deixando a sua livraria à cidade de Santarém.

Pois dentro da sua preciosa biblioteca e do museu de coisas preciosas que é a sua casa, êle traçou uma série de estudos disputados pelos estudiosos, e fundou êste *Archivo Historico*, saído todo do seu bolsinho, que sem subsídios nem filarmónicas, é o sucessor da obra de Herculano e que vem a ser para a nossa História o que a *Portugalia* do Rocha Peixoto e do Ricardo Severo e a *Revista Luzitana* do José Leite de Vasconcelos, são para a nossa Etnografia, para o estudo da alma, vida e costumes do povo português.

Anselmo Braamcamp Freire trata de perto a história, não a romanceia, e os velhos tempos são-lhe tão familiares como as boas páginas dos clássicos com que êle os interpreta. Também ninguém apareceu ainda a disputar-lhe essa cátedra, onde êle discreteia e pontifica, e aqui perto tenho eu um livro — a *Livraria real* — que o eruditíssimo Sousa Viterbo lhe dedica e consagra, prova de quanto bem lhe queria ao carácter que é nobre, e à erudição que é muita. O que são as suas monografias? História pura, livre de fábulas, de ficções, e avondada de comentários preciosíssimos que anos e anos de saber sazonaram e esclareceram.

E é de considerar que, sem subsídios e filarmónicas, longe da varrimenta de ódios que é a vida

do nosso tempo, a tarefa sanificante de exumar dos arquivos velhos, amarelecidos pergaminhos, lhe não fica por uma quantia pouco calada. Não. Essa tarefa patriótica que lhe tem levado anos de vida, tem-lhe também levado o seu dinheiro. Ora é sabido que ninguém lhe reconhece isso e que não aspira à glória fácil de ser regedor na sua freguesia, êle que não quis ser par do reino, nem espera que bemfeitoramente lhe reconheçam o foro de cidadão republicano, para de graça continuar prestando à nossa História os mesmos imperecíveis serviços, as mesmas acrisoladas dedicações, as mesmas infatigáveis canseiras que até aqui lhe tem consagrado.

Não sou eu de louvores pouco coadunáveis comigo mesmo e com a justiça, e, nesta vida intermetida de combates e dissabores, tenho visto que religiosa fé de paladino da nossa terra, Braamcamp Freire põe em tudo o que faz. Não é êsse trabalho de sorte a ouvir as palmas da turba de engajados aplaudidores. Mas por isso mesmo, feito na silenciosa paz do gabinete, êle ficará sobranceiro, e sobreviverá à morredoura carne do escritor, perdurando a fama do seu nome para a transmitir ao respeito e à admiração das gerações vindouras.

Começa agora uma geração de moços estudiosos, e é a essa que um dia se impõe a obrigação de ir

saudar o mestre, um mais velho camarada que soube agir e viver uma obra tamanha. Êsse tempo virá, e essa hora será uma pequena amortização.

Não conhece o leitor a *Chronica de D. João I* que o *Archivo Histórico* vem publicando? Pois é uma legítima maravilha editorial, tanto mais para encarecer, quanto é certo que ainda não temos uma edição adquirível e decente dos nossos clássicos. As que temos, tão más são, que rejeitadas seriam em qualquer parte onde o culto das letras não fôsse mais uma indigna pataratice do que uma dignificante e altíssima qualidade. Pois é uma delícia, que o volume IX do *Archivo* me mostra na luxuosa sobriedade da sua primeira e última fôlha.

E é verdade. Talvez os senhores não soubessem que a gente tinha um historiador e um sábio de tal quilate, por não o terem ainda visto no *Diário do Govêrno* nomeado para descobrir as descobertas, com tença de amanuense e ajudas de custo! — Pois tem. É o erudito, o sábio, o nobilíssimo carácter de Anselmo Braamcamp Freire de quem estas páginas descoradas rezam.

Mendes dos Remédios

MENDES DOS REMÉDIOS é hoje inquestionávelmente uma das primeiras figuras dos nossos eruditos. Por direito de conquista o conseguiu e quem hoje tenha a tratar um controverso ponto de história literária fatalmente terá que lhe bater ao ferrolho para que êle aconselhadoramente julgue em última instância. É que Mendes dos Remédios, com o seu feitio modesto de lente

---

Joaquim Mendes dos Remédios — *Bibliographia* — *Os judeus em Portugal*. Coimbra, 1895. *Patria e Familia*. Drama em 3 actos. Coimbra, 1891. IV-457 pág.; *Introducção á Historia da Litteratura Portugueza*. Coimbra, 1897; 2.ª edição, Coimbra, 1898; 3.ª edição; *Litteratura Portugueza*, (Esboço histórico). Coimbra, 1898. IX-I-331-5 pág.; 2.ª edição com o título de *Historia da Litteratura Portugueza*. Coimbra, 1902; 3.ª edição, Coimbra, 1908-XXX-I-696 pág.; 4.ª edição, Coimbra; *Sousa Martins e a Serra da Estrella* (separata da *Folha)* Vizeu, 1898-49 pág.; *Philosophia elementar*. Coimbra, 1900; Separatas do «Archivo Bibliographico da Bibliotheca da Universidade de Coimbra» publicou: *Uma bi-*

de Coimbra que outra coisa não quere ser, é para a literatura o que o sr. Anselmo Braamcamp Freire é para a história, o sr. José Queiroz para a cerâmica ou o sr. Leite de Vasconcelos para as arqueologias e etnografias.

É ver como êle há dezóito anos vem minerando para a nossa literatura trabalhos que noutro país, onde mais vivo fôsse o amor à palavra escrita e aos tempos idos, lhe dariam com o renome a pecúnia que é sempre gostoso estímulo. Em Portugal, Mendes dos Remédios, tem apenas a honra de ter

---

blia hebraica, Coimbra, 1903. 16 pág.; *Moedas romanas* (Ensaio de catálogo), 1905. 74 pág.; *As Horas de Nossa Senhora,* da Bibliotheca da Universidade de Coimbra. Coimbra, 1906. 22 pág.; *Filomena de S. Boaventura.* Reimpressa em harmonia com a edição de 1561. Coimbra, 1907. 39 pág.; *Carta exortatoria aos Padres da Companhia de Jesus da Provincia de Portugal.* Coimbra, 1909. 45 pág., e *Os jvdeus portugueses em Amsterdam.* Coimbra, 1911. 218-2 pág. *A Universidade de Coimbra perante a Nova Reforma dos Estudos.* Coimbra, 1913. 38 pág. (Separata da *Revista da Universidade de Coimbra).* Prefaciou e anotou as *Cartas ineditas de El-Rei D. Pedro V,* para que Ernesto Loureiro escreveu um Estudo psicológico. Coimbra, 1903. 112-4-162-4 pág., e a êle se deve a colecção de *Subsidios para o estudo da Historia da Litteratura Portugueza,* que compreende os seguintes volumes: I — *Auto do fidalgo aprendiz,* de D. Francisco Manuel de Melo. Coimbra, 1898. 65-3 pág.; II — *Poesias ineditas de D. Thomaz de Noronha.* Coimbra, 1899. XXXIV-22-84 pág.; III — *Lusiadas,* de Luiz de Camões. Coimbra, 3.ª edição, 1913. XVI-2-398-2 pág.;

sido o criador dos estudos metódicos da História literária do seu país e a consideração dos que conhecem o quanto de prestimoso e de grande isso representa.

A literatura hebraica, entre nós, deve-lhe tudo, pois se abstrairmos da monografia de Ribeiro dos Santos e da nota bibliográfica de Pinto de Matos nada havia feito. Em dezóito anos êste homem leccionou, estudou e escreveu trabalhos de investigação, anotou, prefaciou e reviu clássicos, foi reitor da Universidade e director da sua biblioteca, escreveu

---

IV — *Foguetorio,* Poema heroe-comico de D. Pedro de Azevedo Tojal. Coimbra, 1904. XXIV-64 pág.; V — *Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança,* por António José da Silva. Coimbra, 1905. XLVII-1-84 pág.; VI — *Guerras do Alecrim e Mangerona,* por António José da Silva. Coimbra, 1905. XIX-1-101-3 pág.; VII — *Sentenças de D. Francisco de Portugal.* Coimbra, 1905. XIX-1-123-1 pág.; VIII-IX-X — *Consolaçoen ás tribulaçoens de Israel.* Coimbra, 1906, 1908; XI-XV-XVII — *Obras de Gil Vicente.* Coimbra, 1907, 1912, 1914. LIX-5-400-2 pág., 456-4 pág., 405-3 pág.; XII — *Memorias de José da Cunha Brochado.* Coimbra, 1909. XLI-3-64 pág.; XIII — *Chronica do Infante Santo D. Fernando,* por Fr. João Alvarez. Coimbra, 1911. XXIV-grav.-183-1 pág.; XIV — *Chronica do Condestabre de Portugal Dom Nuno Alvarez Pereira.* Coimbra, 1911. XLVI-2-234-2 pág.; XVI-XVIII — *Escriptoras d'outros tempos.* Coimbra, 1914. XXIX-3-162-2 pág.; *A Castro,* de António Ferreira. Coimbra, 1915. LIV-2-688-4 pág. Colaborou e faz parte da Comissão redactora da *Revista da Universidade de Coimbra.*

de história, de literatura, de bibliografia, de numismática e dos judeus. Foi ainda devido ao seu esfôrço que a colecção de moedas da Biblioteca da Universidade, colecção que desde 1879 andara mais ou menos aos tombos e para a qual João Pedro Ribeiro legara as suas, se ordenou e valorizou estando até já publicado o catálogo da parte romana.

Se é certo que a fé abala montanhas não o é menos que a vontade as remove. Foi devido ainda ao seu muito amor a estas coisas que o *Livro de horas de Nossa Senhora* tem no seu lugar algumas das iluminuras que lhe faltavam.

A sua *Historia da Litteratura* é, com a de Camilo e Andrade Ferreira, a única história literária compulsável e com plano, como a sua edição dos *Lusíadas* é, na montanha da camoneana, a única edição capazmente anotada para o grande público que quer saber e não lhe interessa o pormenor dado só a especializados e a sábios.

Foi também mercê do seu esfôrço que a obra prima de Samuel Usque viu, depois de séculos de esquecimento, de novo a luz do sol e nas suas refulgências e belezas puderam de novo pousar olhos de mortais.

Velhos códices que dormiam o sono eterno, como o da *Chronica do Condestabre*, da Biblioteca

de Madrid, escritoras cuja pena o tempo emparedara em esquecimento, como essas Violante e Maria do Céu e Madalena da Glória, esquecidos ilustres como êsse José da Cunha Brochado, reviveram de novo e foram de novo gloriosos. E ainda, num país tão carecente de vulgarização como o nosso, onde quási tudo está por fazer, se lhe deve a edição completa e popular das obras de Gil Vicente, manancial de velha chocarrice e fonte de boa e rude linguagem portuguesa.

A Mendes dos Remédios e a êsse bemquisto e ilustre editor conimbricence que é França Amado, se deve tudo isto. O que em troca tem recebido se o não sei ao certo, presumívelmente não deve faltar à regra e à moeda com que a boçalidade indígena paga serviços de tal lote. Mas se é sina, que se cumpra e que cumpramos todos nós o fado irremediável de nossos destinos.

Mendes dos Remédíos, a quem eu admirando há tanto tempo, só agora há pouco conheci pessoalmente, pela amabilidade generosa de um amigo comum, o sr. dr. Manuel Mateus, é uma criatura encantadora, amável, franca e sincera, tendo para contrastar com a sua grande simplicidade, a justeza no conselho e o saber no esclarecimento. Sabe de tudo, êste homem que eu encontrei em Coimbra,

entre livros e flores, defronte da païsagem maravilhante e sugestora do Penedo da Saudade, e de tudo escreve e fala como se só para falar e escrever de uma coisa tivesse estudado. E sendo lente da maior, mais antiga e melhor Universidade do país êle é uma criatura moderna, escrevendo claro, agindo simples, falando sem embófias e pensando como um homem superior que no paquête ou no *sud-express* acaba de chegar dos grandes centros onde o pensamento não envelhece nunca.

Mendes dos Remédios e França Amado são dois nomes a que o amanhã dos séculos fará justiça. Ao primeiro, digo-lhe hoje em palavras pobres mas merecidas, o que não teria coragem de dizer quando o procurei; ao segundo, trabalhador arrojado e persistente, auxiliar prestante do sabedor entusiasta, todo o meu respeito e um forte apêrto de mão.

É que é preciso fazer justiça, uma vez por ano, ao menos, como dizia o outro, caramba! E nisto, como o algarvio, eu, se não falasse rebentava...

1916.

Os esquecidos.

Caldas Cordeiro

MAYER GARÇÃO publicava há pouco ainda uma série de artigos a que chamava «esquecidos». Com avidez lidos, recortados alguns, eu disse uma vez ao seu autor que a reunião dêles em livro era uma coisa que se impunha. E caímos mais uma vez no merecido difamar dos editôres.

Pois hoje, como suceda ter comprado por quaisquer três patacos, um livro que me deu ao ler uma

---

Manuel Luís Caldas Cordeiro — Nasceu em Lisboa em 1869. Faleceu em 1914.

Sonetos (escolhidos). Lisboa, 1885, 8.º, 16 pág.; *A Vigilia*. Factos da actualidade. Lisboa, 1886, 8.º Revista crítica e satírica, mensal, de que saíram dois números de 32 páginas cada; *Envelhecer*, contos. Lisboa, 1892, 123-III pág.; *Corações inquietos*, romance. Lisboa, 1893; *O Marquez de Pombal*, Pôrto, 1890; *Alexandre Herculano*, Lisboa, MDCCCXCIV, 61-3 pág.; *Anciosos*, (Scenas da vida de Lisboa), romance. Lisboa (MDCCCXCV), 223-I pág.; *Summario da philosophia Evolucionista de Herbert*

rara impressão de Arte e de Vida, também eu trago ao sobrenadar da prosa um esquecido. Trata-se de Caldas Cordeiro. Que, se cada um olhasse em volta e quisesse lembrar, teria sempre o nome de quatro ou cinco. Querem outro nome? o de Armando da Silva. E até, caso curioso, o Destino os juntou num mesmo romance de camaraderia. Pois já morreram ambos e ambos esqueceram. O livro que me evocou Caldas Cordeiro chama-se *Anciosos*. Li-o de um fôlego e topei com 200 páginas veementes, sem redundâncias, onde a vida passa numa galopada trágica e indiferente e onde as figuras parecem saídas da mão de Meunier para as de Zola. E li num momento de seguida essa história de Fernando e de Berta. É a história da vida, amoldando a si duas almas que nós e elas julgaram independentes.

Spencer. Lisboa, 1898, 285-1 pág.; *D. Isabel de Aragão, a Rainha Santa*, romance histórico, de colaboração com Armando da Silva. Lisboa, 1903. IV-656-II, pág. 4.º; *As civilisações commerciaes desde a antiguidade até ao fim da hegemonia maritima e commercial dos portuguezes*, dissertação de concurso para os logares de professores das escolas industriais, 1904.

Usou o pseudónimo de *Camillo Queiroz*.

Sôbre o escritor consulte: B. Aranha, *Diccionario bibliographico*, vol, 16.º, pág. 147; *Portugal* (Dicionário), vol. II, pág. 1135; *Boletim da Sociedade de Bibliophilos Barbosa Machado*, vol. 3.º, pâg. 65.

A filha do velho ferreiro que acaba cortesã! O revolucionário Fernando que acaba capitalista!

Eu conhecia Caldas Cordeiro, dera-me com êle em vida e só o conhecia como filósofo. E como filósofo êle era um ruivo escarninho que atrás da secretária onde se sentava demolia às noites, castas e preconceitos, gloríolas e vaidades. Dera-me um dia o seu estudo sôbre Alexandre Herculano, mas encobrira-me avaramente a sua obra de literato. Não queria talvez que se supusesse ter coração. Resultou daí que ao ler agora a sua obra de sentimento eu encontro um Caldas Cordeiro um pouco diferente daquele que eu supunha êle ser. Um Caldas Cordeiro que vai e inquire da vida do povo, dos humildes, para a anatomizar fibra a fibra, músculo a músculo, sentimento a sentimento.

A certa altura da vida, Caldas Cordeiro, cérebro culto e desanuviado, entendendo que forçar a glória e a nomeada à machadada, à testarudez bestuntácea dos seus contemporâneos seria tarefa superior aos seus nervos neurastenizados, assentou praça de alfarrabista na Rua de Santa Justa, donde se mudou para a Rua Nova do Almada, defronte do paredão caiado a oca da Boa Hora.

Aí, deixada de vez a literatura, reunia um cenáculo íntimo e aí se zargunchava rijo e fero. Tratava

de ordenar os verbetes dos seus catálogos, vendia alguma estampa rara, leiloava algum clássico e tinha sempre um trato cortês, erudito e servidor para quem argolava à porta da sua delicadeza e do seu saber.

Se a primeira era de um tímido, a segunda era de um sábio. Que êle, com êsse Armando da Silva que a morte também já lá tem, era dos que mais valiam e dos que mais sabiam. Armando deixou nomeada como jornalista e como erudito. A sua memória sôbre o Aquário de Algés é uma obra de valor, e sôbre bibliografia nunca a êle nem ao padre mestre Anibal Fernandes Tomás deitei balde, que não viesse transbordante. Quantos esquecidos!?

Pois um dia adoeceu, outro dia morreu. Outro dia ainda, entrou um bando de escangalhas na sua tebaida da Rua Nova do Almada e tudo se modificou. Amanhã quem ali passar não conhecerá o sítio. A sua voz agreste já ali não sita e como um bando de pardais açoitados da refega, os ouvintes dispersaram-se e emigraram. É sina, é sina!

Caldas Cordeiro publicou além de um *Sumário da Filosofia Evolucionista de Herbert Spencer*, um estudo sôbre *Alexandre Herculano* e outro sôbre *O Marquês de Pombal*. Mas o seu espírito contemplativo como o de todo o português, propendia para

cogitações e devaneios. E dessa fase terna, dessa bílis sonhadora saíu os *Anciosos*, uma pequena obra prima, que bem merecia ser trazida do esquecimento que a envolve. Saíu o *Envelhecer* e saíram *Os corações inquietos.* Não foi pois estéril a vida do homem que se marimbou para a literatice, preferindo-lhe o ripanso risonho da crítica avinagrada, que êle fazia com saber e com uma certa justiça.

Morreu. Eu escrevi a mais enternecida notícia de jornal, como já escrevera a de Armando da Silva e a de Manuel Penteado. Fui o único, creio, que assim fêz. Os outros não o conheciam, nada sabiam dele e acharam talvez bem que êle morresse, — que livreiros há muitos.

A gente se se demora um pouco mais nesta Vida, passa o tempo a acompanhar enterros, dissera um dia João da Câmara a Silva Pinto. É certo. Mas estes dois não foram, não são esquecidos. Caldas Cordeiro, êsse passou. Já em vida êle esquecera. E porque êle esqueceu e foi um bom, — *Os Anciosos*, dizem-me um pouco da sua alma e da sua arte — é que eu hoje o lembro e desfolho algumas frases sôbre a sua campa — a sua campa que eu não sei afinal onde fica.

Manuel Penteado

FÊZ anos na quarta-feira que êle morreu, 23 de maio. Era a alegria em pessoa. Onde êle e Fialho se reúnissem nada parava sério. Gargalhadas, ironias, ditos maliciosos, críticas sangrentas, má língua, trocadilhos, recordações, tudo ali havia a fartar. Tinha uma voz velada, enrouquecida, marchava um pouco curvado e era uma alma de cristal êste Manuel Penteado que um dia adoeceu, rara gente o foi ver à cama e pouca gente o acompanhou ao cemitério.

Manuel Penteado.

Operação cesariana. Tese inaugural. Lisboa, 1898, 50-2 pág.; *Os outros.* Diálogo. Lisboa, MDCCCC, 30 pág.; *Lei-San.* Lisboa, 1903, 31-1 pág.

Com Fialho de Almeida e Henrique de Vasconcelos colaborou no *Livro prohibido.* Lisboa, 141-3 pág.; com Júlio Dantas escreveu o volume de contos *Doentes.* Lisboa, 140-8 pág.; com José de Abreu e Júlio Dantas publicou o livro do malogrado Alfredo Pereira Pinto, *Posthumas.* Lisboa, MDCCCXCVII, XVIII-70-2 pág.

A sua obra? Mas Manuel Penteado foi escritor por desfastio, acidentalmente. Não foi nunca um galeote da caneta a ter que sulcar oceanos de papel branco para colhêr estipêndio. Não foi. Manuel Penteado foi médico e disso viveu. Antes tivesse sido escritor. E antes o tivesse sido porque, sensibilidade agudíssima e estranha, ter-nos-ia deixado maravilhosas páginas, quadros radiantes de côr, esmaltes de ironia, recamos bizarros de imagens de que o seu *Lei-San* é pálida amostra.

Há nesse *Lei-San* coisas de uma finura magnífica. É que, em Manuel Penteado havia duas almas. Uma a que êle arrastava pela tertúlia dos cafés, noctâmbula e vadia, boémia e pugilista; outra a que sentia, sofria e chorava, e era terna e tinha feminis delicadezas.

Foi decerto essa quem pôs na bôca de Tai-fo do seu *Lei-San* que «atrás de cada sonho há sempre um bando de corvos! Em êle indo alto, bem alto na curva do céu, tão alto que já nem se prenda à terra, vão os corvos numa revoada negra e despedaçam-no...»

Falava bem êsse filósofo chinês que era um pouco dele próprio: «A nossa vida é rastejante e feia como uma larva da terra. E o sonho transforma-nos o verme que somos numa linda borboleta

de asas palpitantes, lancioladas, de matizes maravilhosos...»

Mas Tai-fo, o poeta, tem tôdas as angústias da sua alma e a sua inconstância entre a felicidade e o desespêro é bem a situação da sua alma de poeta e de scéptico, de crente e ateu, de amoroso e de desesperado. Tai-fo é a autobiografia de uma alma, da alma do seu autor.

> —Foi isto num país frio
> Onde as almas são doentes! —

Lei-San, repetindo num sonho:

> «Onde as almas são doentes...» — Que país é?

Tai-fo:

> Não sei... É dentro de mim, talvez...

* * *

Com José de Abreu e Júlio Dantas publicou em 1897, ainda estudante, o livro *Posthumas* do seu condiscípulo Alfredo Pereira Pinto. Publicou depois de colaboração com Júlio Dantas, um livro de contos *Doentes*, que Manuel Gomes editou. Em 1898 defendeu tese. *Operação cesariana* se chamava. Em

1900 publicou o diálogo *Os outros* que no ano anterior Maria Pia e Henrique Alves tinham representado no palco do D. Amélia. Vem em 1903 o *Lei-San* que em 31 de março dêsse mesmo ano Lucília Simões, Henrique Alves e Chaby Pinheiro representaram. Com a colaboração no *Livro Prohibido* de Fialho e Henrique de Vasconcelos está inventariada a obra de Manuel Penteado, obra inferior ao seu talento e bem inferior ao seu coração. Quando morreu escrevia no *Jornal do Comércio* umas crónicas em poucas linhas, onde havia talento, onde havia crítica, graça, ironia e uma grande despreocupação que as tornava pequeninas obras primas. Perdidas no *mare magnum* do jornal ali ficaram esquecidas, definitivamente mortas. Todavia, reúnidas em volume, elas dariam algumas centenas de páginas curiosas, elegantíssimas, maravilhosamente evocadoras. A alma de poeta que Penteado tinha, roça a tinta de impressão e nimbou de sonho e palavras lindas alguns trechos de divagação e enternecimento. Outras vezes é a sua alma boémia quem sorri e gargalha e dá alegria a tôda a crónica.

Valia bem a pena salvar do esquecimento aquelas coisas. Difícil? Não me parece. Bastaria reúnir tudo e escolher, de tôdas, aquelas menos atadas a factos ou episódios do dia, definitivamente mortas

com êle. As outras dariam um curioso volume em que Manuel Penteado, grande escritor e adorável espírito, viveria de novo a vida literária.

Mas, ai de nós. Sonhos. Tudo Sonhos. A esta hora nada resta dele senão a saudade de um ou outro coração amigo, o nome impresso em três ou quatro esquecidas coisas, alguns ossos, e a doce recordação da sua amizade na minha alma, perpétua e serena, como a doce luz de uma lâmpada que mãos amigas souberam conservar e olhos devotos piedosamente velaram!

Manuel Penteado! É assim um pouco triste recordar-se a gente...

José Duro

NÃO há dúvida que o Destino brinca com as criaturas como o titereiro se diverte com fantoches. Mas as mais dignas de piedade são decerto aquelas a quem o Destino parece querer fazer tragar o cálice até às fezes. E com tal sanha que muitas vezes, não contente em as perseguir durante a vida, não as larga depois de mortas. José Duro, o poeta, é sem dúvida, uma delas. Em vida foi um pobre, misérrimo, com alma, com coração e com talento. Depois de morto nada mais teve do que as sete pás de terra a que cada mortal tem direito. E assim, êle que não teve nada em vida senão o que cavando adquiria, depois de morto

---

José Duro.

Flores. Portalegre, 1896, 31-1 pág.; *Fel* (97-98). Lisboa, 1898, 90-6 pág.; 2.ª edição, com prefácio de Albino Forjaz de Sampaio. Lisboa, 1916, 111-1 pág.; 3.ª edição, idem. Lisboa. 1923, 111-1 pág., absolutamente igual à 2.ª.

nem aquela admiração que enternece e apotheoísa. Ele ainda não é conhecido, êle que tanto o merecia, ainda não é amado. Não o citam sequer. Todavia êle é grande, êle é extraordinário, êle é enorme, poeta da dor, mineiro do próprio sofrimento, que mereceria ser lido, ser decorado, artista como poucos, tísico como quási todos neste país de tísicos, poeta como nenhum.

Revolta? Dá pena? Não sei. O que sei é que o futuro dirá dele mais do que nós pensamos e eu quero que estas linhas fiquem como protesto, como protesto do esquecimento que o esmaga sem que êle o mereça, como grito de justiça por uma justiça que ainda não foi feita. O seu livro *Fel* vale como poucos. Quem o conhece? Ninguém. Os seus quinhentos exemplares não se venderam ainda — e já lá vão dezasseis anos. Do poeta nada resta, nem dos ossos se sabe — parece que decorreram já dezasseis séculos. Os que o admiram falam às vezes. Mas a turba passa e não olha sequer. Lembro-me. Falou Mayer Garção, falou Santos Tavares, eu já sôbre êle escrevi não sei quantas canadas de tinta. Inútil. Uma subscrição para a transladação dos seus ossos redundou irrisória. Assim parece que há por detrás de tudo isto uma maquiavélica política, uma fôrça contra a qual é inútil lutar. José Duro

não será louvado, querido, admirado, senão quando o férreo gadanho, que parece estrangular o seu nome, cansar por fim e abrir da mão tenaz a vítima malfadada.

Há poetas felizes. António Nobre é um exemplo. São lidos, os moços decoram-nos, as mulheres leem-nos e a justiça chega, burocrática e trôpega, mas chega emfim. Mas é talvez porque Nobre a demandou em edição luxuosa, com bustos e côres, ao passo que Duro foi numa ediçãozinha modesta e querida, que esqueceu de todo nas prateleiras do editor. Fêz êste mês, janeiro, anos que êle morreu. Fêz êste mês anos que os alunos do 3.º ano da Escola Politécnica sufragaram a sua alma numa prece católica na igreja de S. Mamede. Depois ninguém mais se lembrou!...

* * *

Abro agora o seu livro. Disse não sei que piedosa alma de artista que ler os mortos era ainda orar por êles. Faço pois a minha prece:

«O que eu quero é olhar e ver o que apeteço,
Depois d'apetecer desejo possuir.
E tendo o que desejo logo me aborreço
E aborrecendo tudo, vivo de sentir.

O meu prazer é bruto, em mim só há desejos...
O que amo na Mulher não é imaculado...
Eu só lhe quero a Forma e, quando saciado,
Desprezo-me a mim mesmo, enojam-me os seus beijos...

Pedir pureza à carne é insultar a carne!
Que as almas, como as flores, também se dão no marne
E a Lua também olha as podridões espúrias...

E se é a Natureza a própria que nos leva
Das virtudes da Aurora aos pecados da Treva,
Então bemdita seja a lama das luxúrias!

Meu querido poeta! Foi lendo-te cada vez mais e mais convencido que um dia há-de o tempo camartelar a mortalha de esquecimento que te envolve, que eu aprendi a querer-te. Pois não há tanto e tanto nome ante o qual as almas param um momento desfolhando as rosas da sua admiração, porque há-de a tua memória estar escalvada e nua como a campa de um morto execrado e maldito? Só essa poesia *Bacchantes* faria um poeta:

«Mulheres de compra e venda, a praso e a contado,
Rameiras sem vergonha, impúdicas bacantes,
Por essas ruas fora à cata dos amantes,
Mostrando o pé gentil e o corpo devassado.

. . . .

Que vós não tendes alma, apunhalou-a o Vício
Nas scenas do Deboche, às horas dos anseios...
D'há muito que o amor fugiu dos vossos seios,
E o vosso amor de agora é um amor de ofício!

É um amor de orgia, estúpido, asqueroso,
Que arrasta a Mocidade à lama dos bordéis;
Amor que se obtem por mais ou menos réis,
Conforme o vosso rosto é feio ou é formoso!

Mas apesar de tudo isso, da sua infelicidade, do seu extraordinário talento, dos seus versículos da dor trágicamente resignada, o poeta é só. É triste isto, esta glacial indiferença de um Destino malvado e de gerações e gerações que passam sem piedade. Porque não hão-de alguns homens de talento reunir-se e alguns leitores piedosos apoiarem para que os versos do poeta sejam conhecidos e a sua dor se dilua emfim repartida pelos corações que sofrem como o seu e como o seu se compreendem? Custava afinal tão pouco! Porque eu creio que a Justiça anda a veranear (mesmo em janeiro). Esperemos pois que ela chegue. Eu nutro a fé inamovível que ela chegará; tarde ou cedo sempre chegará um dia.

FIM

ÍNDICE